



O MEU PERCURSO
NA ENSA

GONÇALO RAINGEARD LOPES
ISCTE-IUL | 2018

O MEU PERCURSO NA ENSA - NANTES
RELATÓRIO ERASMUS +
Gonçalo Raingard de la Blétière Ferreira Lopes

O PERCURSO DAS MINHAS APRENDIZAGENS NA ENSA - NANTES
VERTENTE TEÓRICA
Orientadora
Professora Doutora Arquiteta Teresa Madeira da Silva, ISCTE-IUL

PROJECTO FINAL DESENVOLVIDO NA ENSA - NANTES
VERTENTE PRÁTICA
Tutor
Professor Doutor Arquiteto Bruno Suner, ENSA - NANTES

ISCTE-IUL DEPARTAMENTO DE ARQUITECTURA E URBANISMO
Trabalho de projeto submetido como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Arquitetura
Setembro, 2018

Gostaria de começar por agradecer à Professora Mónica Pacheco, pois foi quem começou por encetar, de forma muito persistente, a abertura do Protocolo com a ENSA-NANTES, primeiro passo sem o qual nunca me teria sido possível ter o privilégio de ser o pioneiro nestes novos territórios. No final do ano, é com muita satisfação que constato hoje que o ISCTE, por seu turno, e graças a esta primeira iniciativa, já acolheu franceses que descobrem o encanto da nossa Arquitetura in loco, e que se rendem ao nosso hospitaleiro País. Só por isso, já teria valido tudo a pena.

Estendo o meu reconhecimento e agradecimento especial à Professora Teresa Madeira da Silva pelo seu acompanhamento pedagógico ao longo deste ano lectivo, um longo percurso em que nunca faltou profissionalismo, dedicação, muita paciência e sentida e natural simpatia.

Um agradecimento profundo ao apoio meu pai Vitor, da irmã Sofia e dos restantes membros da minha família, sempre presente.

À Andreia, destemida companheira desta Aventura a dois, que ainda agora começou ...

À minha avó maternal, principal impulsionadora desta minha viagem, que infelizmente já não se encontra entre nós, mas que ainda conseguiu ver-me regressar da terra-natal e a quem tive o gosto de relatar, em francês, as histórias da minha estadia em França: um momento muito gratificante, que nunca esquecerei.

Não poderia deixar de agradecer à minha família francesa que de braços abertos me acolheu, particularmente às minhas tias Muriel e Esperança, que fizeram sempre com que me sentisse em casa, mesmo tão longe de casa.

Um particular e especial agradecimento a minha mãe Nathalie, pelo incansável apoio.

A todos, o meu MUITO OBRIGADO !



IMAGEM 1 - Foto de pormenor de fachada "Maison radieuse de Courbusier, Nantes", foto de Gonçalo Raimgard Lopes, 2017.

*“É PRECISO SAIR DA ILHA PARA VER A ILHA.
NÃO NOS VEMOS SE NÃO SAÍMOS DE NÓS”*
(JOSÉ SARAMAGO)



IMAGEM 2 - Mapa ilustrativo da Europa, que assinala a cidade de Nantes.

RESUMO

O trabalho que de seguida se apresenta (Relatório) tem por objetivo descrever, através de texto (vertente teórica) e de imagens (vertente prática) o percurso - e o trabalho prático realizado no decurso do meu percurso na ENSA - NANTES (École Supérieure D'Architecture de Nantes). Este último ano, correspondente ao 5º do Curso de Arquitetura, foi completado naquela instituição de ensino superior que, pela primeira vez e graças a esta primeira experiência que tive o privilégio de empreender, passou a figurar por entre as instituições de ensino superior da Europa com as quais o ISCTE e, em particular, o Departamento de Arquitetura, estabeleceu protocolo de intercâmbio, através do Programa ERASMUS +.

O percurso doravante descrito, incluirá passagens descritivas dos conteúdos lecionados e respetivos objetivos da disciplina. Compreende, igualmente, considerações de carácter pessoal, uma vez que um dos objetivos primordiais da minha experiência no estrangeiro foi o de vivenciar novas formas de pensar, de projetar e de executar. Naturalmente, esta vivência proporcionou reflexões subjetivas.

PALAVRAS-CHAVE: #ENSAN # ERASMUS

ABSTRACT

The objective of this work is to describe, through text (theoretical component) and images (practical component), the process and the work carried out during the experience that was lived, for one year, in ENSA-NANTES (École Supérieure D'Architecture de Nantes). Thanks to this experience, that I had the privilege to undertake, ENSA-NANTES was included among the higher education institutions of Europe which ISCTE and, in particular, the Department of Architecture, establishes a protocol of exchange through ERASMUS + Program.

The course here described, includes descriptive passages of the contents that were taught and respective objectives. Also includes personal considerations, given that one of the primary objectives of this experience abroad was to observe and live different ways of thinking, designing and implementing. Naturally, this experience provided subjective reflections.

KEYWORDS: #ENSAN #ERASMUS

ÍNDICE

- 12. **INTRODUÇÃO**
- 12. **CONSIDERAÇÕES GERAIS: ENSA - NANTES - FRANÇA**
- 13. **OBJETIVOS DA VIAGEM DE ESTUDO**

- 16. **CAP 1 | A ENSA**
- 18. A UNIVERSIDADE – DESCRIÇÃO GENÉRICA
- 18. A INSERÇÃO NA CIDADE E A ILHA DE NANTES.
- 20. CONSIDERAÇÕES SOBRE A SUA ARQUITETURA
- 25. A ORGANIZAÇÃO DO CURSO DE ARQUITETURA
- 26. A ORGANIZAÇÃO DO MESTRADO EM ARQUITETURA E URBANISMO
- 28. DISCIPLINAS - AS MINHAS ESCOLHAS
- 30. OS MÉTODOS DE AVALIAÇÃO

- 34. **CAP 2 | SEMESTRE 1**
- 37. **2.1 PROJETO CURTO**
- 37. REVITALIZATION
- 40. **2.2 DISCIPLINAS TEÓRICAS**
- 40. MATIÈRES À CONSTRUIRE : BOIS
- 42. HABITAT / CORPS / SANTÉ
- 48. SHORE | OFFSHORE| INSHORE&ONSHORE
- 50. DÉCOUVERTE DE NANTES
- 54. **2.3 PROJETO LONGO 1**
- 54. TERRITOIRES LIQUIDES.
- 54. 2.3.1 EXERCÍCIOS COMPLEMENTARES
- 54. TEMPLE DE L'EAU
- 58. CITY LAB
- 59. ATLAS
- 60. PROJETO

- 82. **CAP 3 | SEMESTRE 2**
- 85. **3.1 PROJETO CURTO**
- 85. UN ÉCRIN POUR COURALIS
- 90. **3.2 DISCIPLINAS TEÓRICAS**
- 90. 3.3.1. VOIR EN VRAI
- 102. 3.3.2.ATELIER PRÉSENCE
- 106. 3.3.3. MUSEUM F(R)ICTIONS
- 112. 3.3.4 UBERGRENZUNG
- 118. 3.3.5 PROJECTION PROFESSIONELLES

- 124. **CAP 4 | PROJETO FINAL**
- 125. **4.1 PROJETO LONGO**
- 126. ARCHITECTURE EN SCÈNE
- 126. 4.1.1 EXERCÍCIOS COMPLEMENTARES
- 126. CHAMBRE EN VIE
- 130. MONOGRAFIA

- 136. **PROJETO (PFA)**

- 208. **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

- 212. **BIBLIOGRAFIA**

- 216. **ÍNDICE DE IMAGENS**

INTRODUÇÃO

PORQUÊ A ENSA - NANTES ?

O bom nome de que esta instituição de ensino goza junto do seio das Instituições de Ensino Francesas e no meio da Arquitetura Francesa;

Pelo sentido de abertura que a Escola Superior de Arquitetura de Nantes demonstra ter para com os alunos estrangeiros e, ainda, graças aos relatos que nos chegam de experiências no acolhimento de alunos provenientes de diversos países.

PORQUÊ NANTES ?

O percurso que tem sabido fazer a cidade na sua arquitetura. Ao longo dos tempos, através da preservação e requalificação de edifícios classificados; no passado recente e presente, através do investimento que tem sido feito no alargamento das fronteiras da cidade, que tem crescido de modo estratégico e constante, com o contributo da Arquitetura Contemporânea e do trabalho e arte de Arquitetos de renome, de diversas gerações e de nacionalidade distintas.

Pelo fato de ter família na cidade de Nantes, o que faz com que seja um natural e interessante regresso às origens, visto que a minha família materna é originária da cidade de Nantes (tendo aí vivido ao longo de várias gerações). Também devido a isto, a minha permanência tornou-se menos dispendiosa. Não escondo o facto de me terem proporcionado, igualmente, uma estadia mais calorosa e acolhedora.

PORQUÊ A FRANÇA ?

Pelo enorme desejo que tenho, e um crescente impulso, de poder conhecer a realidade vivida noutros Países, particularmente em lugares que, reconhecidamente, atribuem à Arquitetura um papel fundamental na construção e na transformação das cidades e no bem-estar de quem as habita. Por último, tratava-se de aproveitar a oportunidade de poder observar - e procurar compreender - as diversas formas de abordar disciplinas que fazem parte da minha área de especialização.

Pela fato da França ser, por entre os países da Europa, uma referência incontornável no domínio da Arquitetura Internacional.

OS OBJETIVOS DA VIAGEM:

Antes da minha partida, ainda no decurso do ano passado, tracei alguns objectivos que pretendia alcançar. Embora, o desenho imaginário deste percurso fosse audacioso, parti com a confiança de que se cumprisse metade do que me propunha fazer, sairia, mesmo assim, vencedor.

Pretendia, acima de tudo, e como primeiro objetivo, alargar a minha visão no âmbito da Arquitetura e, naturalmente, através da conquista de um novo olhar sobre as coisas, adquirir novos conhecimentos. Queria perceber as diferentes formas de trabalhar em França, e conseguir entender porque é que a Arquitetura em Portugal desenvolve um percurso distinto do Europeu, quase paralelo, mas com uma linguagem própria muito vincada.

Queria conhecer um outro ambiente de trabalho; porventura aprender a trabalhar através de outros métodos; aprender a abordar as problemáticas de uma outra forma, sob um ângulo distinto ao que me habituei. No fundo, pretendia não deixar de aprender.

De certa forma, procurei observar e espero ter sido capaz de absorver o melhor destes dois mundos, subtraindo, no final, uma nova abordagem ao trabalho e, em particular, aos projetos de arquitetura. Naturalmente, graças ao enriquecedor somatório de experiências vividas em Portugal e em França, possivelmente tornar-me-ia melhor aluno finalista, melhor futuro arquiteto e melhor pessoa.



IMAGEM 3 - Foto tirada a partir do terraço da ENSA, Nantes, França, foto de Gonçalo Raingeard Lopes, 2018.

École nationale supérieure d'architecture de Nantes - ENSAN - **ENSA** é uma universidade relativamente recente, constituída no ano de 2009.

Situada na denominada “ Ille de Nantes “ (www.iledenantes.com) começou por ser um dos eixos de desenvolvimento do lugar que habita, a Ilha de Nantes: uma língua de terra que antes era descaracterizada e que, também graças a este pólo universitário, ganhou uma nova vida.

A Ilha de Nantes era uma antiga zona industrial que se encontrava completamente desagregada do resto da cidade. Com o terminar da atividade fabril passou a ser um lugar quase deserto, assim que as fábricas que ocupavam o espaço deixaram de laborar. Em meados do século XX, surgiu um primeiro plano urbano que teve por principal objetivo revitalizar a zona e reformular toda a concepção do espaço; a sua utilização e a sua envolvente.

Pessoalmente, sinto que resultou muito bem e que o objetivo foi alcançado. Quando estamos na Ilha De Nantes, e na ENSA, apercebemo-nos do enorme contraste entre a parte antiga da cidade e este fragmento que se situa nas margens do Loire, e que, apesar de absolutamente distinto na sua arquitetura, integra-se de forma surpreendente.

Esta parte dita “parte nova da cidade“ procurou, no início da sua conceção, acompanhar as tendências da Arquitetura contemporânea. Diria que está na vanguarda da arquitetura e que não se poupou a esforços e investimentos, para vir a ser, num futuro não muito longínquo, um ponto de referência, em França, na Europa e no Mundo para todos os que apreciam a Arquitetura.

Esta parte singular da cidade, que contrasta com o centro histórico de Nantes (de estilo marcadamente neoclássico) pretendeu ser moderna, contrastante, mas significativa no seu propósito de existência e utilização. Encontramos obras assinadas por nomes importantes no panorama da Arquitetura Francesa, por entre os quais se encontram Nouvel, Vassal, Tetrarc, Barre Lambot, RAUM, FORMA6, CLAAS e da arquitetura sem fronteiras, como a de Souto Moura, por exemplo, que se encontra atualmente a acompanhar a construção de um edifício de grandes dimensões, situado nas proximidades da escola Superior de Arquitetura.

IMAGEM 4 - Margem da ilha de Nantes, fonte desconhecida, década de 60.



Apesar do traço contemporâneo e da modernidade da Arquitetura que encontramos na Ilha de Nantes o cuidado e zelo pela coerência que existe a nível urbanístico, formas e no ordenamento do território é uma constante em todas as zonas da cidade de Nantes, e esta não será uma exceção.

Vejo-a assim, como um laboratório que acolhe ou “recolhe” edifícios assinados por arquitetos do Mundo. Na maioria dos casos, os edifícios edificados são o resultado de concursos públicos internacionais. Há, por isso, uma incrível diversidade entre programas e os distintos “design’s” destes edifícios. Contudo, a possível incoerência entre edifícios foi acautelada graças à forte regulamentação trazida por um plano urbano muitíssimo bem desenhado por equipas multidisciplinares composta por arquitetos, engenheiros e quem administra a cidade, a Câmara Municipal de Nantes.

ENSA é exemplo de tudo o que acabo de expor. É um edifício moderno, que foi projetado com o objetivo de servir um propósito: ser um local de aprendizagem para futuros Arquitetos. Jean-PHILIPPE VASSAL assinou o projeto. É um arquiteto que tem relevância no panorama da arquitetura francesa. A sua arquitetura tem uma particularidade: que privilegia as soluções dinâmicas, capazes de se adaptarem às necessidades e às exigências, ao longo dos anos. Quem melhor poderia, por isso, desenhar um edifício que servisse o propósito de uma escola de arquitetura que, seguramente, deverá também ser uma espécie de laboratório de experiências e de construções diversas.

Foi um importante ponto de partida, a necessidade de criar um edifício que fosse muito próximo do tipo de ensino que por ali se desenvolveria. Espaços muito amplos; o betão à vista, sem artifícios, espaços polivalentes e capazes de acolher instalações e maquetes de grandes dimensões. Um edifício desenhado em base e num sistema construtivo que possibilita a adaptação do espaço a novas funcionalidades.

Nalguns espaços é possível retirar ou adicionar lajes, de forma a oferecer áreas que possam ir de encontro às diferentes atividades, ou até, eventualmente, servir um programa diferente, no futuro.

No essencial e nos alicerces temos zonas rígidas, de infraestruturas sólidas. Mas, o que sobra é construído a partir de sistemas construtivos leves, que oferecem um conjunto diverso de possíveis transformações que, ao longo do ano, vão sendo notórias no edifício.

“... PODER IR MUITO MAIS LONGE QUE UM SIMPLES PROGRAMA DE ESCOLA DE ARQUITECTURA, MAS SIM UMA PLATAFORMA DE CULTURA, INVESTIGAÇÃO, DISCUSSÃO, DE DEBATE EM PLENO CENTRO DA CIDADE...”

(VASSAL, 2017)



IMAGEM 5 - Escola de Arquitectura de Nantes. Foto de Philippe Ruault.

Seguramente, este é um imóvel que dentro de 30 anos, poderá adquirir uma nova utilização e uma nova forma interior para que, de forma muito fácil possa servir outro propósito qualquer.

É um edifício muito aberto ao exterior: vistas amplas sobre o Loire e a outra margem; interiores envidraçados que deixam ver o trabalho que se desenvolve. No entanto a abertura da ENSA ao exterior não se esgota na sua arquitetura e na sua aparência. No que de melhor se encontra nesta Escola Superior está a capacidade que o organismo desenvolveu de trabalhar em parceria com outras entidades civis, designadamente a Câmara Municipal de Nantes.

São frequentes os desafios lançados pela ENSA que resultam de pedidos efectuados pela Câmara. Pôr os alunos a pensar no futuro da cidade não é uma exceção, mas antes uma constante solicitação. Por outro lado, o exercício criativo dos alunos é observado e analisado pela Edilidade. Há um trabalho corporativo permanente, entre o órgão de administração do território local e a escola que forma futuros arquitetos.

Uma fórmula eficiente para colocar aos alunos problemáticas reais, obrigando-os a desenvolver soluções exequíveis. Por outro lado, a relação que o futuro arquiteto estabelece com a sua cidade é naturalmente de maior proximidade e de maior respeito.

Em suma, a ENSA não quis ser uma escola normal, com um programa normal de escola de Arquitetura. Quis sim, afirmar-se através de um conjunto de plataformas de cultura, pesquisa, debate e discussão estabelecido na cidade, acessível a todos e para todos.

E se um dos meus objetivos era o de aprender a trabalhar através da observação e experimentação de outros métodos de ensino, este ano no exterior permitiu-me, conhecer outra forma de ensino. A estruturação do curso, o seu programa curricular, é abordado de forma diferente daquele a que estava habituado na minha escola “mãe”.



IMAGEM 6 | 7 - Escola de Arquitectura de Nantes. Fotos de Philippe Ruault.



IMAGEM 8 - Escola de Arquitectura de Nantes. Foto de Philippe Ruault.

ORGANIZAÇÃO DO CURSO DE ARQUITETURA

Na ENSA, o ensino divide-se :

3 licenciaturas (3 anos)

Estudos em arquitetura

Urbanismo

Arquitetura naval

2 mestrados; (2 / 3 anos)

Arquitetura e urbanismo (2/3 anos)

Arquitetura e engenharia (3).

O curso que frequento é dividido em 2 grandes tempos. Licenciatura e Mestrado.

Algumas particularidades interessantes, como por exemplo: a licenciatura tem uma estrutura mais sólida e rígida, sem liberdade de escolha a nível das disciplinas.

Em contrapartida, o mestrado, que pressupõe que o aluno adquiriu uma base sólida (a licenciatura) permite a escolha variada de disciplinas cabendo ao aluno a seleção dos temas que mais lhe interessam.

Em traços muito gerais, tal como em Lisboa, no mestrado, temos que completar 120 créditos. Portanto, cabe-nos entre inúmeras disciplinas e um estágio obrigatório adquirir os 120 créditos. No caso da ENSA este processo demora cerca de 3 anos.

ORGANIZAÇÃO DO MESTRADO EM ARQUITETURA

No meu caso, e nesta fase em particular em que me encontro (ou seja, Mestrado de Arquitetura e urbanismo) as disciplinas encontram-se divididas em 4 temáticas diferentes:

D.E 1 Inventer dans le existant

D.E 2 Espaces critiques

D.E 3 Architecture, nature, résilience, santé

D.E 4 Narrations et expérimentations formelles

A-UEx – Enseignements transversaux

ESTRUTURA GERAL DO MESTRADO DA ENSA EM 2017.

D.E 1 INVENTER DANS LE EXISTANT

De uma forma muito geral como o nome já indica o domínio 1, aborda situações de requalificação. Requalificação de edifícios, de espaços públicos, reprogramação de edifícios e espaços, integrar ciclos de vida de matérias e intervenção cuidada e respeitosa dentro de centros históricos.

Opções de disciplinas:

TRABALHOS TEÓRICOS ESCRITOS: integra **1** disciplina

PROJETOS LONGOS: integra **4** disciplinas

PROJETOS CURTOS: integra **3** disciplinas

DISCIPLINAS TEÓRICA OU PRÁTICA: integra **7** disciplinas

D.E 2 ESPACES CRITIQUES

Um domínio centrado, principalmente, em questões de urbanismo, um pensamento, critica e análise aprofundada do que são hoje as cidades. O que mudou? A forma de habitar como sociedade tem se alterado ao longo dos anos. São necessárias intervenções de parte dos arquitectos para poder acompanhar o movimento.

Opções de disciplinas:

TRABALHOS TEÓRICOS ESCRITOS: inter. **8** disc.

PROJETOS LONGOS: inter. **2** disc.

PROJETOS CURTOS: inter. **5** disc.

DISCIPLINAS TEÓRICA OU PRÁTICA: **9** disc.

D.E 3 ARCHITECTURE, NATURE, RÉSILIENCE, SANTÉ

Como o nome sugere um domínio centrado na natureza, ruptura e saúde. Uma disciplina virada para os dias de hoje que pretende abordar a arquitectura como uma ferramenta. Uma ferramenta que pretende trazer de volta um mundo melhor, mundo melhor no sentido de ambiente mais saudável. Uma arquitectura feita para todos, travar um pouco o “cliché” que a arquitectura só é acessível para alguns.

Opções de disciplinas:

TRABALHOS TEÓRICOS ESCRITOS: inter. **8** disc.

PROJETOS LONGOS: inter. **2** disc.

PROJETOS CURTOS: inter. **5** disc.

DISCIPLINAS TEÓRICA OU PRÁTICA: inter. **7** disc.

D.E 4 NARRATIONS ET EXPERIMENTATIONS FORMELLES

É uma disciplina que aborda a arquitectura de uma forma mais comercial, utiliza e acompanha o desenvolvimento da arquitetura tentando procurar novos métodos de criação e representação. Como vender e comunicar os projetos? Para mim é um domínio importante nos dias de hoje, porque cada vez mais a representação da arquitetura se torna algo central.

Opções de disciplinas:

TRABALHOS TEÓRICOS ESCRITOS: inter. **10** disc.

PROJETOS LONGOS: inter. **2** disc.

PROJETOS CURTOS: inter. **4** disc.

DISCIPLINAS TEÓRICA OU PRÁTICA: inter. **8** disc.

Existem por vezes disciplinas que podem ser comuns a vários domínios e existem também disciplinas transversais. Disciplinas como por exemplo de línguas estrangeiras ou até de preparação para o mundo de trabalho.

Cada uma pretendia ter disciplinas que abordavam assuntos diferentes. É claro que podíamos, e devíamos, escolher disciplinas de temáticas diferentes, deixando-nos assim expandir um pouco mais os domínios de saber. Por sua vez, algumas disciplinas são comuns às quatro grandes áreas, o que faz com que possamos interagir com a turma, em diversas circunstâncias.

Para o primeiro semestre escolhi, maioritariamente, disciplinas de D.E 3, já no segundo preferi escolher mais disciplinas D.E 4.

É importante mencionar que ao contrário de Lisboa não existem distinções entre alunos do 4º e 5º. Existem sim, alunos de Mestrado. Tem todos as mesmas opções de escolha, a única coisa que pode eventualmente distinguir um aluno é ser um “PFA”, aluno que está no seu último semestre tanto pode ser ele o 1º semestre ou o 2º semestre. O que interessa é que existe um último “Projeto Longo” que é considerado como o nosso exercício final, “Projecto Final de Arquitectura”.

Outro lado não menos interessante é que por vezes um aluno “PFA” pode ter ajuda de colegas, desde que não sejam também “PFA”. Funcionando assim como um pequeno atelier. Existe uma pequena apresentação dos Alunos “PFA” e do respetivo objeto de projeto e cabe aos alunos “não-PFA” escolherem o aluno ou projeto mais interessante para eles mesmo, se assim decidirem.

No meu caso, durante o 1º semestre fiz parte da equipa de um aluno PFA, Leo Mazurek e no 2º semestre fui eu um PFA, embora teoricamente não fosse, porque o meu diploma será passado em Portugal. Mas os professores em França aceitaram-me como um PFA, e neste caso duas colegas “não-PFA” quiseram juntar-se para desenvolver o meu projeto final.

Com tudo foi várias vezes sugerido fazer mais um ano na ENSA para poder terminar o curso com um diploma Francês. Não aceitei, porque não vi muito interesse nisso visto que o diploma português tem total equivalência em qualquer país da Europa, tal como o francês.

DISCIPLINAS - AS MINHAS ESCOLHAS

1 SEMESTRE

PROJECTO CURTO

Revitalization - D.E 3

DISCIPLINAS TEÓRICA OU PRÁTICA

Matières à construire : Bois - D.E 3

Habitat / Corps / Santé - D.E 3

Shore | Offshore| inShore&onshore - D.E 1|2|3|4

Découverte de Nantes - D.E 1|2|3|4

PROJECTO LONGO

Territoires Liquides - D.E 3

Exercícios Complementares:

Temple de l'eau (exercício)

City Lab (workshop)

Atlas (trabalho de Pesquisa)

2 SEMESTRE

PROJETO CURTO

Un écran pour couralis - D.E 4

DISCIPLINAS TEÓRICAS

Voir en vrai - D.E 1|2|3|4

Atelier Presence - D.E 1|2|3|4

Museum F(r)ictions - D.E 1|2|3|4

Übergrenzung - D.E 4

Projection Professionelles - D.E 1|2|3|4

PROJETO LONGO

Architecture en Scène (**PFA**) - D.E 4

Exercícios Complementares:

Chambre em Vie

Monographie

MÉTODOS DE AVALIAÇÃO

Todas as avaliações de basearem em entregas de documentos escritos, apresentações orais ou entregas de projetos. Bastante semelhante ao que se passa no mestrado em Lisboa. Por vezes achei interessante em algumas disciplinas os métodos de entregas de trabalho devido a liberdade de formatos e formas de entregar e apresentar os trabalhos. Também não menos interessante por vezes a forma de avaliação que consistem num método muito utilizado por eles; “A MESA REDONDA” consiste em discussão de uma temática em especial(trabalho pedido), numa mesa com vários juris. Como se a apresentação final para a avaliação fosse uma acesa discussão entre colegas de trabalho.



IMAGEM 9 - Mont Saint Michel, St.Malo, França | 187km de distância de Nantes, foto de Gonçalo Raingard Lopes, 2017.

O meu percurso de estudante de Arquitetura começou nos Açores. Frequentei os dois primeiros anos na Universidade dos Açores e graças ao protocolo de cooperação entre instituições de ensino superior, tive a oportunidade de poder escolher o ISCTE para continuação dos meus estudos. Ao longo destes quatro anos, trabalhei em contextos distintos, embora ambos em Portugal, que me permitiram conhecer melhor a Arquitetura do meu País. Apesar da enriquecedora e indispensável experiência, reservei o último ano de estudos académicos para vivenciar uma experiência noutra País da Europa. Pelos motivos já evocados, escolhi a França.

Assim sendo, esta foi a minha primeira experiência fora de fronteiras nacionais e, conseqüentemente, o meu primeiro contacto com a Arquitetura de um País diferente do meu. Embora admire a Arquitetura francesa - a forma como é respeitada por todos, como sobreviveu aos tempos e soube reinventar-se - lembro-me que em Novembro 2017, quando percorria as ruas de Nantes, numa das muitas visitas de estudo conduzidas por vários professores, anotei no meu caderno de desenhos, uma reflexão que, na altura, atravessou-me o espírito.

“Sempre pensei que a Arquitetura contemporânea em Portugal se mantinha numa espécie “caminho à parte” do resto do movimento que se persegue, na Europa e no Mundo. Antes da minha vinda para França, tinha apenas uma intuição, hoje tenho a certeza: tenho saudades da nossa Arquitetura!

E não falo apenas de grandes volumes branco e gráficos. Falo de muito mais do que isso. Falo de um carácter especial, de alma própria, sem excessos que, tal como a saudade, não se explica e não se traduz. Algo só nosso, muito luso e sui generis. “

No início, admito, que foi para mim um pouco difícil perceber e acompanhar o ritmo e a forma de trabalho dos meus colegas em França. É verdade que as metodologias e as formas de pensar Arquitetura são bastantes diferentes das do meu País original. Não foi fácil, mas foi exactamente este o motivo pelo qual procurei esta experiência nova.

2.1 PROJETO CURTO

REVISITATION

OBJETIVOS GERAIS: Fazer com que o aluno crie um trabalho à escala 1 depois de analisar um lugar. Colocar o aluno entre os cidadãos de uma pequena comunidade discutindo temáticas presentes nos espaços públicos da pequena vila. Oferecer à comunidade de estudo formas de desenvolver ou melhorar certos aspectos como turismo, património, relação ao rio Loire e cultura.

DOCENTES: SYLVAIN GASTE

NOTA FINAL: 17

ECTS: 2

Trabalho completo anexado no CD geral.

(grupo composto por Marceau Lauras, Corentin Feauveaux, Ambre LE Labousse, Johanne Thuia, Maylis Rolland, Amaia Charles, Jeanne Csp, Gonçalo Raingard Lopes)

La Pommerey é uma pequena aldeia, situada a norte de França, na região da Bretanha.

Como se disse anteriormente, um dos objectivos da ENSA é fazer com que os estudantes de Arquitetura possam trabalhar em conjunto com as entidades locais, regionais e nacionais. O que é um objectivo bastante enriquecedor para os alunos que podem ver aplicado, efetivamente, o seu trabalho em contexto real. Foi o caso do trabalho desenvolvido em La Pommerey, apesar da singeleza do programa que nos propuseram.

Este projeto curto abordava o tema da revitalização. Como em outros casos, tínhamos um problema real para resolver :

La Pommerey tinha um percurso pedestre interessante, através da cidade e dos principais pontos turísticos. Porém, este percurso oferecia-se de forma muito pouco clara aos visitantes. Para conhecê-lo era necessário ir antes à Câmara Municipal da cidade e pedir um mapa das principais atrações ou através de consulta ao site da vila. Era dissuasor e complicado chegar aos pontos de interesse turístico.

Achamos então interessante imaginar algo que pudesse tornar o percurso pedestre pela cidade mais evidente para quem decidisse percorrê-lo e mais atrativo. Por outro lado, pensamos criar algo que fosse chamativo o suficiente para despertar o interesse de quem nem soubesse da sua existência. Assim, em grupo, criamos um sistema de sinalética que foi colocado por nós, nas principais artérias da vila.

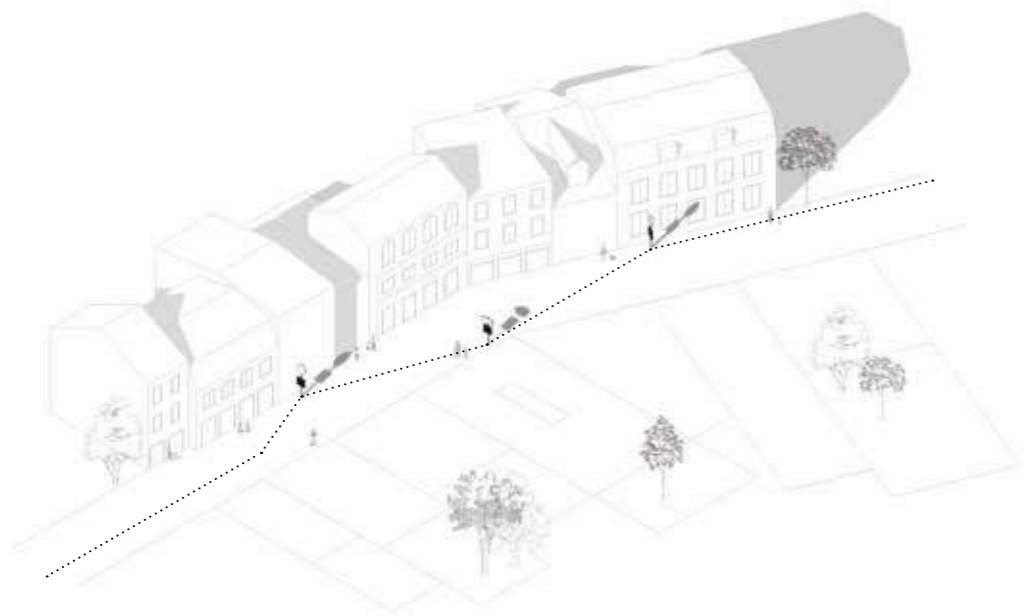


IMAGEM 10 - Esquema da ideia.

Quisemos então transformar o percurso tímido, num percurso visível e intuitivo. Com o cuidado de não acrescentar ruído visual à pequena vila, criamos então uma sinalética em madeira e em forma de Maçã, pois a maçã está relacionada com a etimologia do nome da vila. Esta sinalética adicional acrescentou-se aos sinais de trânsito que já existiam. Embora a cor verde ou vermelha pudesse ter sido escolhida, face à temática das maçãs, escolhemos o azul pois harmonizava com a paleta de cores existente na sinalética já colocada.

Uma vez mais, para realização e conclusão deste trabalho de grupo, foi necessário deslocar-nos à vila, situada a cerca de 200 quilómetros de Nantes. Fomos albergados num Convento e acolhidos pelas Religiosas. Foi mais uma oportunidade de convívio e de troca de impressões com professores e alunos. Estes contactos, apesar de difíceis quando não se domina completamente o idioma, são de grande riqueza. Apesar do desconforto muitas vezes sentido, ficam-me sobretudo as boas memórias das conversas divertidas e, no caso deste período em particular, das boas gargalhadas que animaram esta estadia.



IMAGEM 11 - Processo de montagem dos objectos. Foto de Gonçalo Raingeard Lopes.

2.2 DISCIPLINAS TEÓRICA OU PRÁTICAS

MATIÈRES À CONSTRUIRE: BOIS

OBJETIVOS GERAIS: Adquirir conhecimentos relativos a tecnologia da construção em madeira. Perceber que vantagens e desvantagens existe em construir com madeira. Acompanhar e presenciar todo o processo de transformação da madeira, do início ao fim. Constatar nos locais os detalhes construtivos e analisar em aula

DOCENTES: BETTINA HORSCH

NOTA FINAL: 13

ECTS: 3

Trabalho completo anexado no CD geral.

Disciplina teórica onde abordamos os diferentes sistemas construtivos e, em particular, as construções em madeira.

No norte da Europa, incluindo em França, a madeira tem conquistado estima e importância nos últimos anos. Lamentavelmente, Portugal ainda é um País relativamente conservador e céptico em relação à utilização da madeira como principal elemento construtivo.

Ao longo das aulas, foi possível conversar com diversos Arquitetos que privilegiam a madeira como sistema construtivo. Houve ainda a oportunidade de conhecer o sector da construção em França e a importância que a utilização da madeira vem assumindo, assim como conhecer de forma mais aprofundada a durabilidade e características deste material.

No âmbito desta disciplina, foram efectuadas 6 visitas de estudo. Tivemos a oportunidade de passear em floresta de produção sustentável; conhecer fábricas de transformação de madeira de pequena e grande dimensão; visitamos atelier's de arquitetura que trabalham especificamente com edifícios em Madeira.

Para terminar o ciclo, foi-nos dado a conhecer o percurso da construção em madeira ; desde o momento em que a árvore sai do seu ambiente normal até à sua transformação e aplicação na construção. Completamos a nossa formação com pesquisas efectuadas pelos alunos e cujo resultado destas pesquisas foi apresentado individualmente. Foram abordados 13 temas distintos, fruto desta atividade de pesquisa.

Durante as minhas pesquisas sobre a madeira, deixo aqui algumas citações e conclusões às quais cheguei após o trabalho realizado, Estas observações focaram-se na possibilidade da utilização mais intensiva da madeira, em Portugal, nos dias de correm.

“DEPOIS DE UM SÉCULO XX, ONDE A MADEIRA SE TORNOU UM MATERIAL ESQUECIDO POR SER TRADICIONAL, A SOCIEDADE, CADA VEZ MAIS ATENTA AO MEIO-AMBIENTE, RESSUSCITOU UM INTERESSE PELO PASSADO E PELOS “VELHOS” MATERIAIS. O NOVO INTERESSE NA ARQUITETURA FAZ NASCER UMA NOVA TRADIÇÃO – ALIAR AS NOVAS TÉCNICAS INOVADORAS COM OS CONHECIMENTOS FUNDAMENTADOS NO PASSADO, ONDE OS MATERIAIS TRADICIONAIS COMO A MADEIRA ASSUMEM UM NOVO PAPEL NA ARQUITETURA DE VANGUARDA .”
(Catarina Filipa Maranhão Ferrerinha, 2016)

Apesar de Portugal possuir uma extensa área de floresta, a realidade mostra-nos que no panorama da construção do nosso País, a arquitectura em madeira é ainda incipiente. Isto deve-se em grande parte a uma má gestão do espaço florestal desde o século XIV e à vontade de industrializar o país, esquecendo as nossas origens, o mar.

Atualmente, já não é só no litoral que podemos encontrar arquitetura em madeira. A tradição de construir com ligação ao mar, característica da arquitetura em madeira em Portugal, foi-se perdendo. O uso da madeira centra-se essencialmente na reabilitação mas, ainda assim, já começam a surgir exemplos de experimentação de novas técnicas e novos produtos derivados da madeira, abrindo novos horizontes relativamente ao uso estrutural.

No entanto, assim com já se vê no Norte da Europa, também em Portugal se começa a verificar a revalorização das nossas raízes, herança histórica e cultural, que surge para combater os erros cometidos no passado, a descaracterização do território.

Não obstante a constratação, percebo que existem bem sucedidas tentativas de ressuscitar a tradição, ou de criar uma nova forma tradicionalmente portuguesa de construir, com consciencialização daquilo que representa a arquitetura portuguesa, designadamente, através do uso mais recorrente da madeira. A arquitetura contemporânea em madeira começa a demonstrar um entendimento da sua própria cultura aliada às novas possibilidades construtivas. No meu entender, a construção em madeira representa um caminho com futuro, devido às inúmeras qualidades e possibilidades que oferece, designadamente ao nível estético e concretamente do design. Serão necessários arquitectos que repensem a forma de utilizar este material. Voltar às origem, mas moldar o material para um design e uma forma de habitar contemporânea.

HABITAT | CORPS | SANTÉ

OBJETIVOS GERAIS: Compreender a relação que a cidade de Berlim tem com o conceito de metamorfose. Desenvolver ferramentas para uma melhor crítica arquitetônica. Conhecer a cidade de Berlim em outra perspectiva .

DOCENTES: JULIEN PERRAUD

NOTA FINAL: 16

ECTS: 3

Trabalho completo anexado no CD geral.

Esta disciplina desenvolve-se sobre o grande tema do Habitat e da sua influência no nosso corpo e na nossa saúde. O tema abordado foi um tema lato e abrangente : a Vida e a Metamorfose. Para tal, o docente da disciplina propôs uma visita de estudo de quatro dias, a Berlim, Alemanha.

O objetivo desta visita exploratória seria o desenvolvimento do nosso espírito crítico. O trabalho era realizado em grupo. Curiosamente, fui o único aluno de Erasmus a integrar o grupo de estudantes franceses. Esta particularidade foi comentada, assim como a minha vontade de integração. Apesar do meu parco francês, decidi, desde a primeira hora, que se estava em França, teria que fazer um esforço de integração junto dos estudantes franceses, sem medos e sem timidez. Apesar do constrangimento e das situações caricatas em que me envolvi, sentir-se um “peixe fora de água” era algo que já esperava. Não me furtei, portanto, ao convívio e às conversas, por mais difíceis que me parecessem, e por mais incómodo que me suscitassem. Fiz figura triste em diversas ocasiões, e nesta visita a Berlim mais ainda, porém, encarei isso como fazendo parte da minha formação. Como se imagina, nesta visita a Berlim, partilhei um quarto exíguo durante 4 noites com mais 3 colegas de turma, o que não me deixava possibilidade de escapar ao convívio e a conversas pela noite dentro.

Os dias na cidade de Berlim foram aproveitados para visitar edifícios icónicos (cerca de 15), escolhidos pelo docente, que em larga medida sofreram metamorfoses para acompanhar os tempos. Por entre os vários edifícios visitados, por onde eu destaco o “museum Nues – David Chipperfield. Os alunos eram convidados a escolher um edifício predileto e elaborar uma reflexão escrita sobre o mesmo, tendo como princípio desta reflexão, o tema escolhido para o semestre : a Metamorfose.

O objetivo, seria então criar um livro de turma, testemunho da nossa viagens, fruto de reflexões pessoais.

No seguimento deste tema, gostaria de destacar o “ Musuem Nues”, que foi a obra sobre a qual me debrucei, de forma mais profunda aquando da minha viagem.

O museu original foi construído em 1843 por Friedrich August Stüler. Como se poderia prever, foi muito bombardeado na Segunda Guerra Mundial devido à sua importância, escala e centralidade.

Este edifício foi reconstruído por uma entidade pública, considerando a importância que sempre lhe foi atribuída na cidade e no País.

A reconstrução começou em 1997 e foi concluída em 2009. Como a ideia era de trazer o museu de volta à cidade, o arquiteto teve uma abordagem muito própria e respeitosa . O design concentra-se em reparar a restauração do volume original. A estrutura original e as formas do edifício são altamente respeitadas pelo arquiteto Chipperfield que colocou apenas o essencial no seu discurso para criar uma ligação sublime. O que é interessante nesta intervenção, em relação ao nosso tema de trabalho, é como o arquiteto pensou a reabilitação de um edifício desta natureza e escala. Um projeto que faz recair sobre o arquiteto a expectativa de devolver à cidade um monumento icónico e tão importante: uma enorme responsabilidade ! Parece-me que Chipperfield não se preocupou em deixar sua marca arquitetónica, mas sim em acrescentar o fundamental de forma a conectar os diferentes espaços. Recuperou o que podia do original do museu.

Basicamente, o museu encontrava-se como um objecto totalmente desfragmentado e o arquiteto apenas fez as ligações sem que a sua arquitetura ofuscasse o essencial; o museu original, datado do século XVI.

OS CONTRASTES, AS TEXTURAS E OS DIFERENTES MATERIAIS SÃO O QUE PERMITE AO LONGO DO PERCURSO UMA SENSÇÃO DE CONSTANTE METAMORFOSE NO INTERIOR DO EDIFÍCIO. SEM DÚVIDA, UMA INTERVENÇÃO CIRÚRGICA, FEITA DE UMA SALA PARA OUTRA DE FORMA INDIVIDUAL E INTELIGENTE. BASTOU ACRESCENTAR O ESSENCIAL. PEQUENAS MUDANÇAS QUE FALAM DE METAMORFOSE. A PRÓPRIA METAMORFOSE PODE MANIFESTAR-SE DE VÁRIAS FORMAS, MAS SE FOSSE UM CONCEITO REAL E VISÍVEL, PODERIA MUITO BEM SER ESTE EDIFÍCIO.



IMAGEM 12 - Capa do livro realizado em turma. Disponível em anexo.



IMAGEM 13 - Reconstrução do "museum Nues" por David Chipperfield. Projeto que analisei e critiquei para a publicação do livro. Foto de Gonçalo Raingard Lopes.

"... THE DESIGN FOCUSED ON REPAIRING AND RESTORING THE ORIGINAL VOLUME, RESPECTING THE HISTORICAL STRUCTURE. BOTH THE RESTORATION AND REPAIR OF THE EXISTING IS DRIVEN BY THE IDEA THAT THE ORIGINAL STRUCTURE SHOULD BE EMPHASIZED IN ITS SPATIAL CONTEXT AND ORIGINAL MATERIALITY – THE NEW REFLECTS THE LOST WITHOUT IMITATING IT."

(CHIPPERFIELD, 2009)

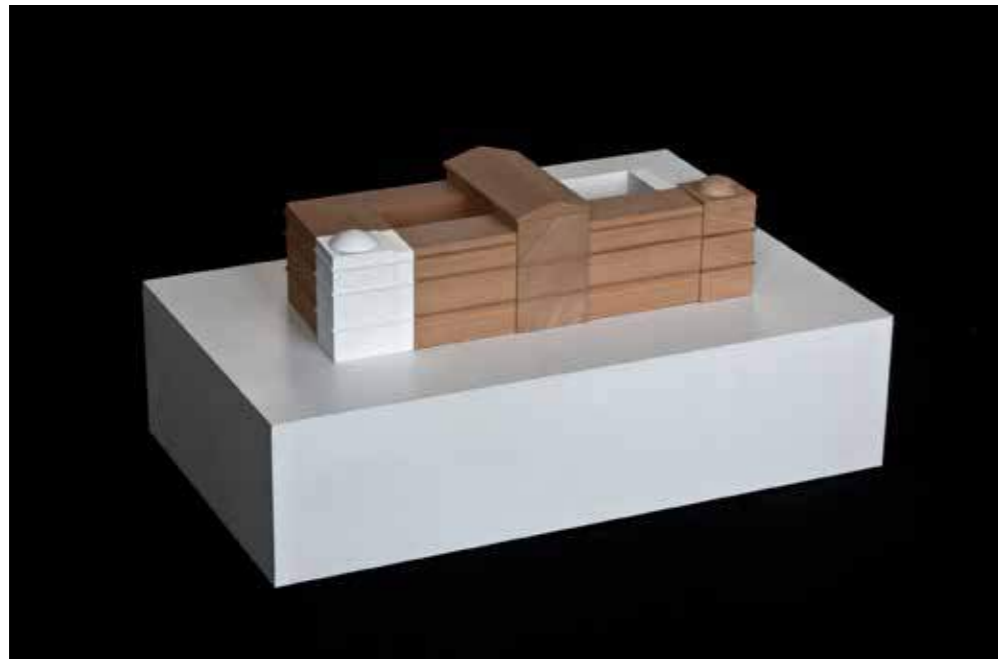


IMAGEM 14 - Foto de maquete do projeto "museum Nues" de David Chipperfield. Fonte: Website David Chipperfield.



IMAGEM 15 | 16 - Foto de pormenor de fachada do Museu Judaico em Berlim de Daniel Libenskind e Foto interior do "Jacob and Wilhelm Grimm Centre" em Berlim de Max Dudler. Fotos de Gonçalo Raingeard Lopes.

SHORE | OFFSHORE

OBJETIVOS GERAIS: Poder trabalhar com uma borderline de territórios, neste caso entre a cidade de Nantes e a margem do Loire. Oportunidade de trabalhar com colegas de engenharia civil e arquitetura naval.

DOCENTES: MATTHIEU DOUANE, ANDRÉ HERSKOVITS, GILDAS PLESSIS

NOTA FINAL: 13

ECTS: 3

Trabalho completo anexado no CD geral.

(grupo composto por Aurel Bonnin, Tanguy de Bonnières, Maëllenn Colson, Gonçalo Raingeard Lopes)
Há desafios que nos animam mais do que outros. E esta é a realidade do meu percurso académico, também. Este desafio em particular, pareceu-me, à partida, uma boa oportunidade para repensar os espaços construtivos que devem desenvolver-se em torno da água.

Neste caso, como em todos os outros, o resultado final é sempre o somatório das ideias e do empenho de um grupo. E neste particular, apesar de ter achado particularmente difícil trabalhar em grupo considerando a fragilidade do meu desembaraço em língua francesa, o trabalho de grupo acabou por ser a melhor forma para perceber como resolvem os problemas propostos os alunos de arquitetura, em França. Neste caso, assim como no caso do Showroom da Energia (pag. x), talvez por serem os meus primeiros trabalhos com alguma dimensão, senti dificuldade em fazer compreender as minhas ideias e saber defendê-las de forma convincente. Sendo difícil, não foi impossível, e embora inicialmente houvesse muitas reticências, com o tempo, os colegas foram aprendendo a confiar, igualmente, em perspetiva diferentes das habituais. As diferenças formativas e culturais acentuam-se, naturalmente, neste contexto de trabalho de grupo. E isso foi sentido, ao longo do tempo.

Voltando a este projeto, foi-nos pedido que pensássemos numa forma de transformar um local em Nantes que está ao abandono. Assim, foi apresentada a proposta de uma “barragem lúdica”, em suma uma piscina natural, inserida na bacia natural da ilha de Nantes, um local em forte expansão e que muito investe na complementaridade das estruturas que cria em prol de uma vida mais saudável, em contacto com a natureza e mais inclusiva para todos. Sem dúvida um projeto de natureza mais utópica (embora se tenham calculado de forma geral a estrutura) acabando mesmo por ser essa a sua melhor qualidade.

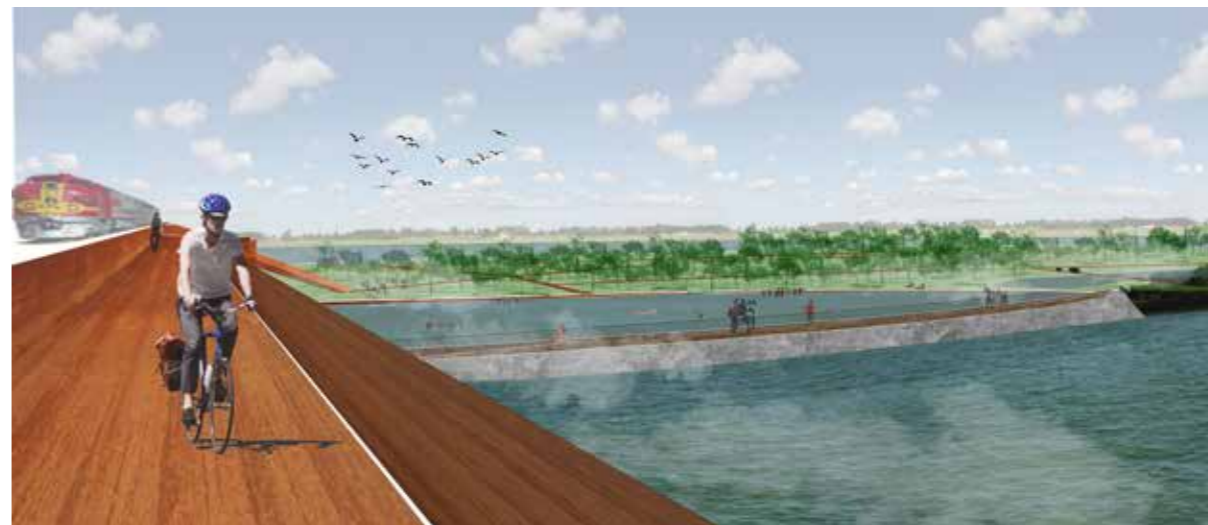


IMAGEM 17 | 18 - Ambientes do projeto SHORE | OFFSHORE.

DÉCOUVERT DE NANTES

OBJETIVOS GERAIS: Conhecer a cidade de Nantes no âmbito de um mestrado de Arquitetura.

DOCENTES: GILLES BIENVENU, MARIE-PAULE HALGAND

NOTA FINAL: 14.25

ECTS: 2

Trabalho completo anexado no CD geral.

Esta disciplina é opcional apenas disponível para estudantes estrangeiros. Muito interessante e muito útil para quem descobre a cidade. Ao longo de quatro semanas, todos os Sábados, a começar pelas 08H00 da manhã os alunos eram convidados a comparecer num ponto de encontro sempre diferente. Começamos pelo princípio: a origem da cidade, as primeiras edificações, os primeiros arquitetos. Aos poucos, avançamos no tempo e fomos apreciando o crescimento da cidade e a forma como os Nantenses foram resolvendo os problemas que iam surgindo. Por fim, concluímos com visitas aos edifícios modernos, exemplares de arquitetura contemporânea onde encontramos, ainda em fase de alicerces, um edifício muito interessante projetado por Eduardo Souto Moura, uma referência em Portugal e, também, em França.

Confesso que terá sido um dos momentos marcantes nesta incursão pela cidade de Nantes. Para selar estas visitas exploratórias e incursões pela história da arquitetura da cidade foi-nos pedido um relatório final que testemunhasse o trajeto visitado e que desse conta de algumas impressões pessoais sobre a experiência. Desenvolvi este relatório num “ Caderno de Viagem “ , contendo apontamentos escritos e visuais sobre as diversas visitas efetuadas. Um pequeno caderno que conta com 34 páginas de esquisos e textos que relatam as diferentes visitas de estudo.

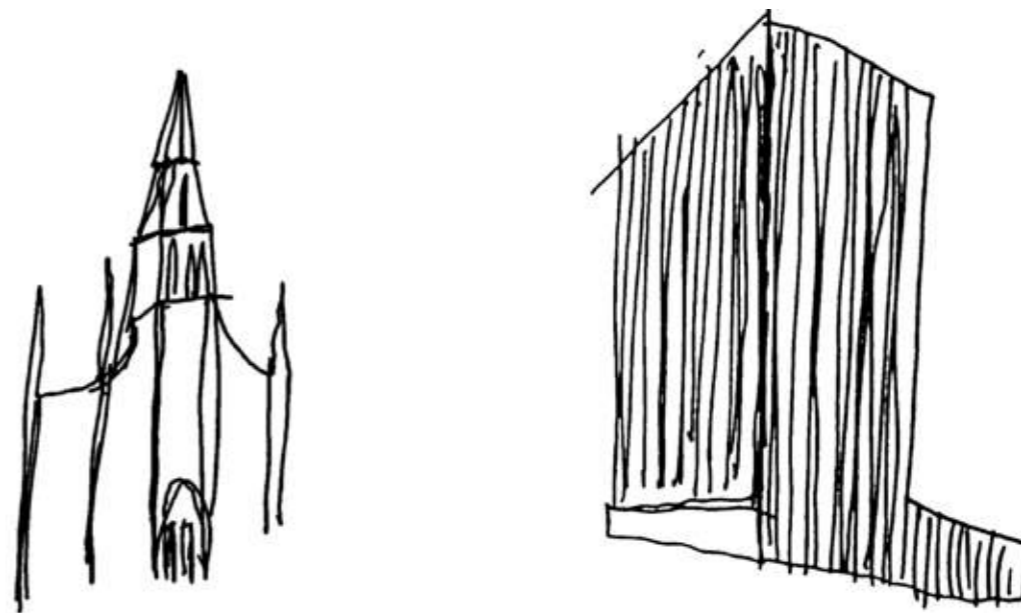


IMAGEM 19 | 20 - Esquisso do edifício ZERO NEWTON de SOUTO MOURA e Esquisso da BASILIQUE SAINT-NICOLAS. Respetivamente.

IMAGEM 21 - Foto de fachada Torre de Bretanha, Nantes de Claude Devorsine. Foto de Gonçalo Raingeard Lopes.


... UMA CIDADE MUITO INTERESSANTE. EM PRIMEIRO LUGAR POR TER SIDO ALVO DE UM PROJETO MUITÍSSIMO BEM ELABORADO APÓS OS BOMBARDEAMENTOS DA 2 GUERRA MUNDIAL, MAS TAMBÉM POR TER OS SEUS LIMITES BEM CONSOLIDADOS E RESPEITADOS CRIANDO ASSIM, UMA RELAÇÃO DE CONTRASTE MUITO PERCEPTÍVEL ENTRE O NOVO E O ANTIGO. 

IMAGEM 22 - Foto de fachada Tripode de Iliot, Nantes de BARRÉ - LAMBOT. Foto de Gonçalo Raingeard Lopes.



2.3 PROJETO LONGO | 1º SEMESTRE

TERRITOIRES LIQUIDES

OBJETIVOS GERAIS: Propõe diferentes eixos e situações de trabalho que questionam a relação entre natureza e arquitetura, resiliência, via elemento líquido e na era do antropoceno. Reconstrução da banda litoral, zonas inundáveis, seguir fenómenos mundiais; turismo, fenómenos naturais, falta de recursos etc ...

DOCENTES: XAVIER FOUQUET, STEFAN SHANKLAND, JEAN-LOUIS VIOLEAU

NOTA FINAL: 13

ECTS: 16

Trabalho completo anexado no CD geral, 5 painéis A0 de apresentação de projeto.

Projeto longo constituído por 4 objectos de avaliação, temple d'eau, citylab, Atlas e **projeto**.

Vou começar por apresentar os 3 primeiros exercícios terminando pelo projeto final de primeiro semestre.

TEMPLE DE L'EAU

Na primeira semana de aulas abordamos a questão de territórios líquidos.

Foi proposto, um primeiro exercício. Um exercício que pedia a criação de um edifício com um programa um pouco especial. Um templo !

Um programa extremamente invulgar para o habitual: neste caso não colocavam qualquer tipo de barreira ou ideia pré-concebida acerca do caminho a tomar. Simplesmente, era proposto um brainstorming inicial para abordar/ debater a questão de territórios líquidos. Um projeto a desenvolver em apenas uma semana, um trabalho individual que não necessitaria de desenvolvimentos ao nível do detalhe. Era necessário, somente, formalizar uma ideia e apresentá-la. Esta ideia deveria expressar a relação direta com a natureza e com os territórios líquidos.

Escolhi como local, o estuário do Rio Loire, uma vez que proporciona relevante amplitude de marés. Achei interessante aproveitar este facto indelével da natureza, a enorme amplitude de marés que se conhece no norte de França e, em particular, no estuário do Loire, para que o meu edifício pudesse, ele próprio, dar a experiência aos que o visitam, este fenómeno natural, tão próprio daquele lugar.



IMAGEM 23 - Esquemas de apresentação da TORRE MARÉ.

Assim, ao longo do dia, o edifício alterar-se-ia graças ao movimento das marés. A forma cilíndrica escolhida permitia o menor atrito possível e evidenciaria o movimento das marés.

O material de revestimento do edifício foi o Aço Corten perfurado por forma a proporcionar a possibilidade de ver o exterior e a envolvente de mar/rio a 360º e, ainda, porque trata-se de um material robusto o suficiente e capaz de fazer face ao agreste meio marítimo. Sendo um material enferrujado de si mesmo, pareceu-me bastante adequado para um edifício que será fortemente agredido pela maresia.

Basicamente com maré baixa podemos aceder ao edifício com bastante facilidade, mas de maré cheia apenas de barco.

Esteticamente, como não podia deixar de ser, utilizo formas muito gráficas, que afastam o objeto de arquitetura de uma construção “normal” para um objeto muito prático e formalista.

O programa colocado em questão foi um espaço multi-funcional que funcionava como observatório do rio e do Oceano, mas também como biblioteca e centro científico de interpretação dos fenómenos e das mudanças climáticas.

IMAGEM 24 - Foto-montagem do interior da TORRE MARÉ.

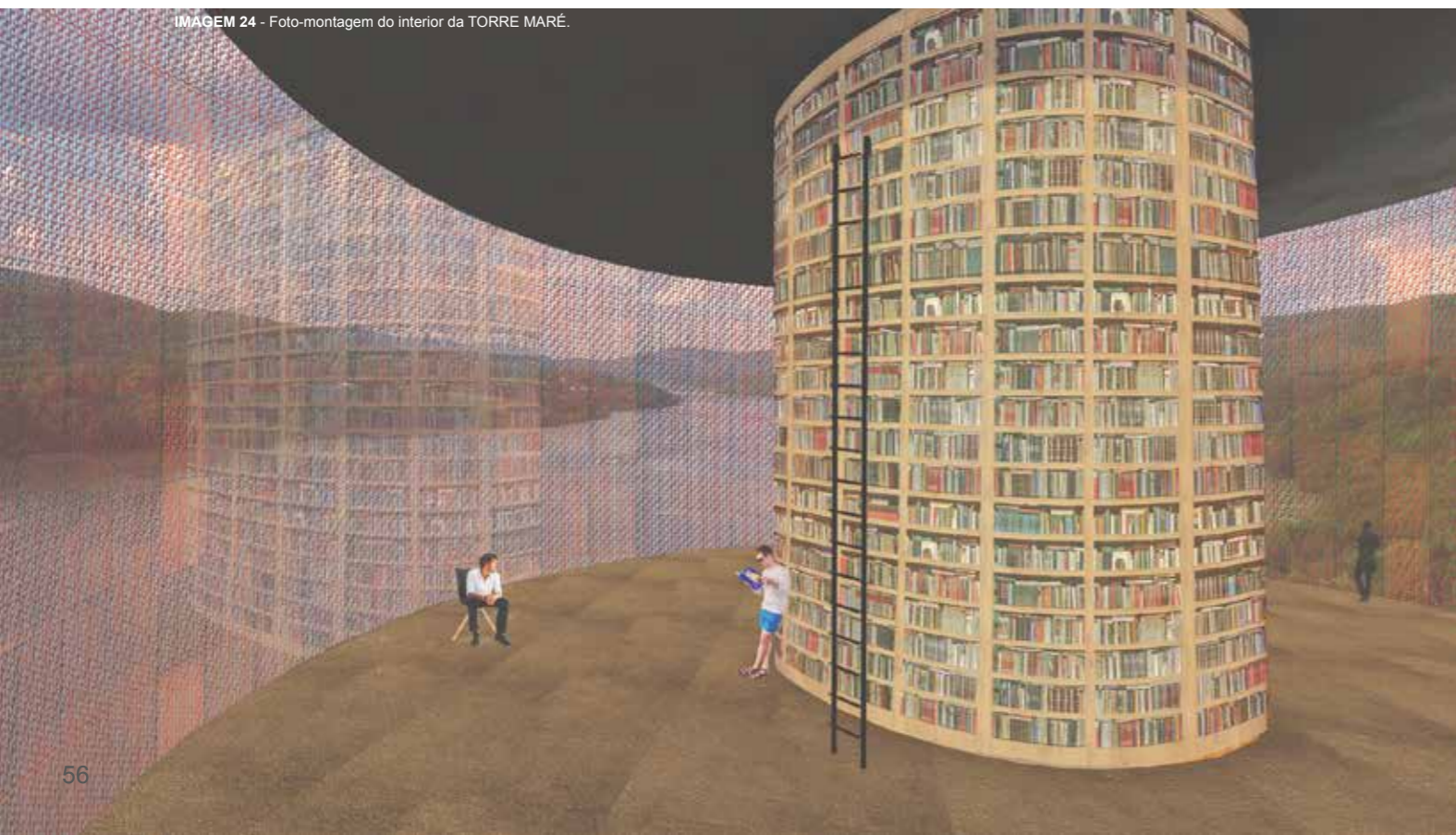


IMAGEM 25 - Foto-montagem do exterior da TORRE MARÉ.

CITYLAB

Um pequeno projeto, com duração de 2 dias, foi inserido na cadeira de projeto longo e desenvolveu-se num formato de workshop que se desenrolou no seio do meio empresarial.

Neste contexto, desenvolvemos um trabalho com a SUEZ, empresa sediada em Paris que realiza projetos em todo o Mundo, e que se especializou na vertente da qualidade e preservação dos recursos naturais, principalmente da ÁGUA.

A ideia concebida foi a criação de um evento itinerante (que viajaria por todas as capitais do Mundo) e que consistia em colocar um tubo de canalização seco a percorrer os centros históricos de cada cidade. Este tubo que funcionaria como “Museu Itinerante” que assumia a estética de uma instalação artística graças à sua escala e possibilidade de interação do público com a peça visitável, que acolhia um centro interpretativo e lúdico. Foi um trabalho de grupo em que participaram 5 alunos com distintas competências uma vez que foi efetuado em conjunto com alunos da área específica da Comunicação.



IMAGEM 26 - Cartaz do "evento" criado.

ATLAS

Esta disciplina obriga a centrar a atuação do aluno num tema de pesquisa. O tema de pesquisa é comum à totalidade da turma. Neste contexto, a pesquisa debruçou-se sobre a temporalidade das obras : o conceito de arquitetura dinâmica e temporal. A comparação entre espaços efêmeros e definitivos. A diferença entre programas multi-funcionais e edifícios que albergam diferentes programas.

(Trabalho final vai em anexo)



IMAGEM 27 - Capa do meu Atlas, "ARCHITECTURE DYNAMIQUE ET TEMPORAIRE"(em anexo).

PROJETO (1 SEMESTRE)

(grupo composto por Leo Muzarek(PFA), Gabrielle Dumanowski, Gonçalo Raingard Lopes)



IMAGEM 28 - Foto de zona industrial de Dieppe. Foto de Gonçalo Raingard Lopes.


“... SE PUDESSE RESUMIR DE FORMA MUITO CLARA ESTE EDIFÍCIO DIRIA QUE SE TRATA DE UMA VERDADEIRA “OVERDOSE” DE ENERGIA, POIS É UM EDIFÍCIO QUE EXISTE PARA SU-PORTAR UM PARQUE EÓLICO OFF-SHORE, MAS ELE PRÓPRIO CRIA, EXPÕE E UTILIZA A SUA PRÓPRIA ENERGIA “VERDE”...” 



IMAGEM 29 - Render exterior de projeto.

O nosso trabalho, no âmbito da disciplina de “projecto longo” na vertente “Territoire Liquides”, tinha, aparentemente, um programa simples: a criação de um edifício que encerra um parque eólico offshore, na cidade de Dieppe.

Um misto de conceitos diferentes que acabaram por criar um conjunto de interligações extremamente complexas.

Temas como: a energia, as amplitudes de escalas, a temporalidade, a sustentabilidade, a consciencialização e os territórios líquidos foram conceitos sempre presentes ao longo do desenvolvimento do projeto.

De forma muito sumária, aproveitamos o facto de estar a ser construído (no momento) um edifício que sustem um parque Eólico offshore em Dieppe.

Assim, pretendemos desenvolver uma proposta que encerrava em si um objetivo crítico, em relação aos modelos tradicionais de produção de energia em França. Ou seja, uma dissonância que aproveitamos para evidenciar através deste projeto e das novas propostas que encerra, no que respeita à forma como em França vem produzindo grande parte da sua energia: através da utilização de combustíveis fósseis e através da energia nuclear.

Neste contexto, o que motiva o ponto de partida do projeto é a necessidade sentida de reavivar a discussão em torno de mudanças urgentes na temática da energia: um tema que os futuros arquitectos franceses, e particularmente os colegas de turma, sentiram ter o dever de reacender pois trata-se de um tema sensível no seu País.

Assim, o edifício que projetamos incluiria um parque eólico, que faria de contraponto com as restantes edificações existentes da cidade, visto que Dieppe já é um local extremamente ligado a funções de carácter industrial e por isso mesmo, bastante agressivo ao olhar e para o sentir.

Uma vez que o edifício de produção de energia é um projeto real, a ser construído num futuro breve, decidimos então alterar a sua área de implantação original, (que estava antes a ser pensada para fora dos limites da cidade) colocando-o dentro da cidade, com acesso por via marítima, aproveitando uma doca que já existe mas que se encontra sem função.

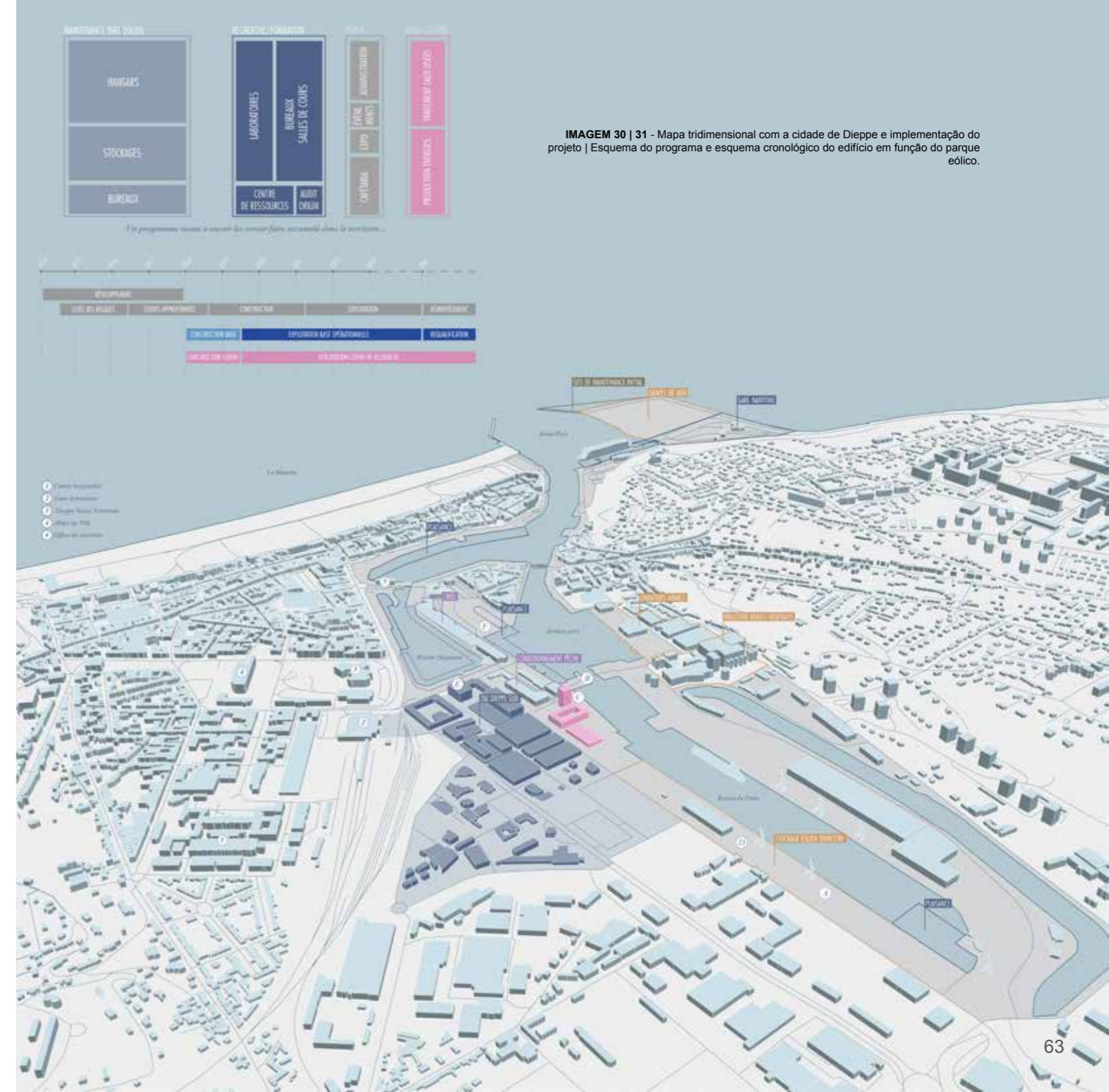


IMAGEM 30 | 31 - Mapa tridimensional com a cidade de Dieppe e implementação do projeto | Esquema do programa e esquema cronológico do edifício em função do parque eólico.

Acabamos por concluir que este reposicionamento traria dinamismo, graças aos pontos de interesse que se encontram em redor do nosso edifício, bem como das atividades que este podia proporcionar. Aproveitamos, igualmente, o momento de alargamento urbano, já projetado, e a decorrer na zona sul da cidade.

UM SHOWROOM DA ENERGIA

O nosso Showroom da Energia é um edifício projetado com o objetivo de acolher um showroom energético, na sua forma estética, mas também na sua programática.

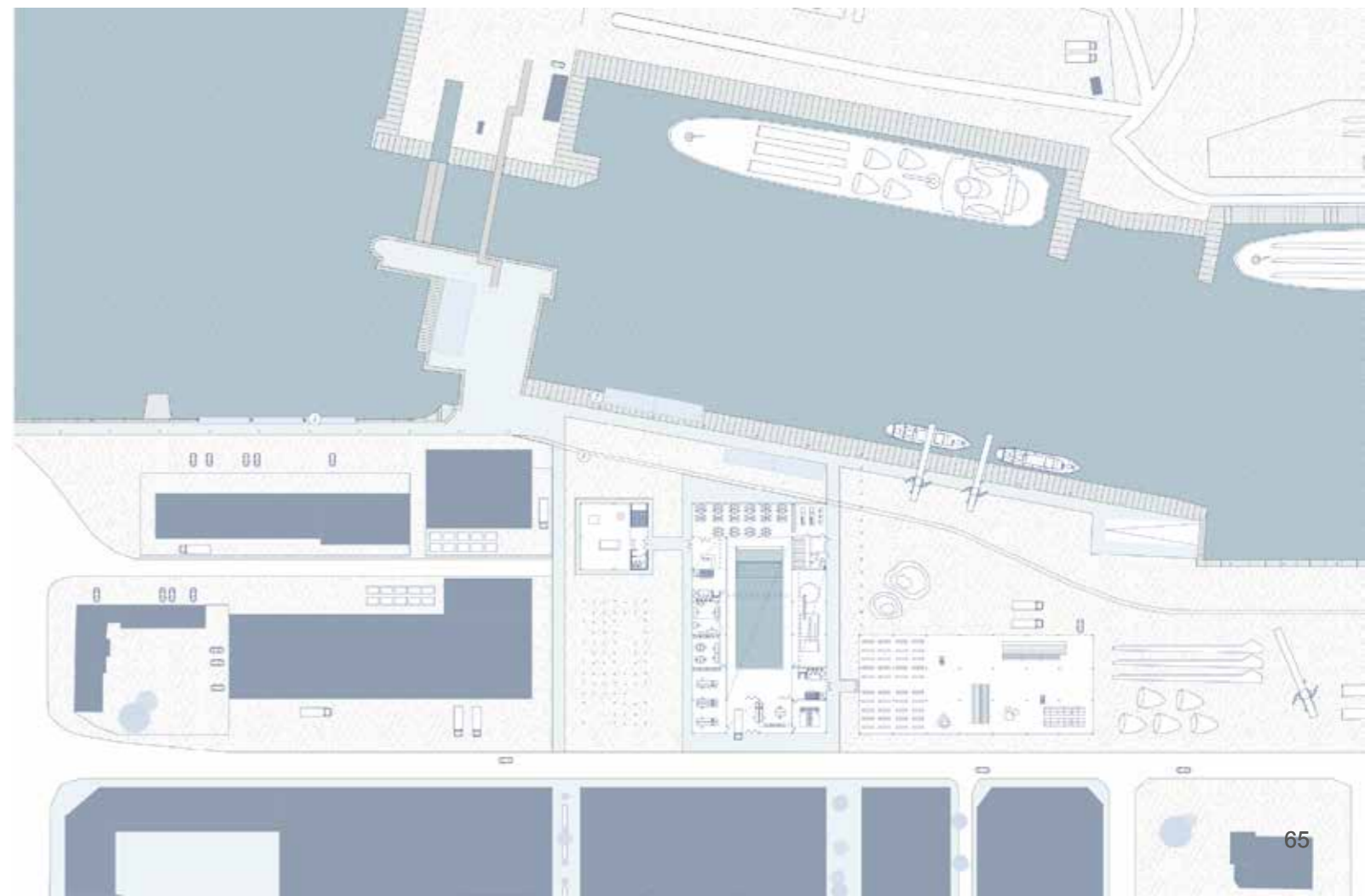
Não abrangeria apenas programas técnicos mas programas como, por exemplo, a formação em temáticas sobre as energias renováveis e, ainda, programas mais lúdicos que colocariam os habitantes da cidade a interagir com a problemática. Por outro lado, Dieppe poderia transformar-se, no futuro, numa cidade referência no que toca às questões da formação e do desenvolvimento de fontes de energia sustentáveis quer em França, quer para o Mundo.

Para que o edifício adquirisse a tal função de showroom da energia, desenhamos uma espécie de torre que se assemelha a um “castelo de água” (reservatórios), mas que assume uma função de elemento regulador da zona onde se insere. Um reservatório de água, pois o edifício utiliza um sistema próprio de criação de energia, com base na fotossíntese de algas marinhas. Basicamente, existe um grande reservatório de água, esteticamente um elemento vertical, mas fisicamente um verdadeiro “cativeiro” de algas “energéticas”, que distribui um sistema de tubagens por todo o edifício, podendo assim distribuir o máximo possível o sistema aproveitando todas as zonas com exposição solar. Se pudesse resumir de forma muito clara este edifício diria que se trata de uma verdadeira “overdose” de energia pois, é um edifício que existe para suportar um parque eólico off-shore, mas que ele próprio cria, expõe e utiliza a sua energia “verde”. Teoricamente não poderíamos aproveitar de forma directa a energia “verde” do parque eólico, portanto, achamos importante criar um outro motor de energia própria.

Esteticamente é um elemento vertical que, no nosso entender, traz alguma ordem ao desordenamento do território pontilhado de elementos técnicos inestéticos como o são os armazéns e entrepostos; as gruas e outros elementos de apoio à atividade fabril, de aparência agressiva e que não contribuem para um ordenamento territorial harmonioso.



IMAGEM 32 | 33 - Pequenos esquemas com alguns pontos base. Respeito das áreas publicas, alinhamentos correspondentes as futuras alterações da zona (ZAC) e ciclo sustentável de utilização e transformações das águas| Planta de implantação do projeto



Apesar da sua robustez, um parque eólico não teria uma esperança de vida superior a 30 anos, que é, segundo os estudos que hoje possuímos, o tempo de vida espectável para um edifício com estas características. Então, considerando esta limitação, como tratar este problema da temporalidade de forma racional ?

Pensamos que a arquitetura dinâmica a nível programático, transformável ao longo do tempo, poderia solucionar a questão da limitação atribuindo novas funções ao edifício.

No decurso deste projeto, aprendi a integrar a natureza de outra forma.

A minha experiência até aqui, limitada a Portugal, habituou-me a respeitar a envolvente natural e procurar, por um lado, a melhor integração do edifício no ambiente e, por outro lado, pensar em soluções interiores que permitam o diálogo constante entre o interior e a envolvente do edifício ou da habitação. Continuo a considerar que é uma abordagem concreta e correta. Não obstante, a elaboração deste projeto permitiu-me abrir o espírito para outras possibilidades e para outras formas de abordar a natureza na arquitetura. Este projeto, em particular, interage com a natureza de uma forma diferente. Neste caso, é a natureza quem constrói o edifício: a recuperação de fontes de energia naturais (como o vento) justificam o investimento na estrutura e condicionam a sua arquitetura. Utilização de um sistema de energia transformada a partir de algas que estão distribuídas em todo o edifício. O retorno deste investimento não será meramente estético. A saber :

Tem uma função muito concreta (transformar a força do vento e das algas em energia disponível)

Proporciona a possibilidade de lúdica e pedagógica de abordar os temas relacionados com a escassez de recursos naturais.

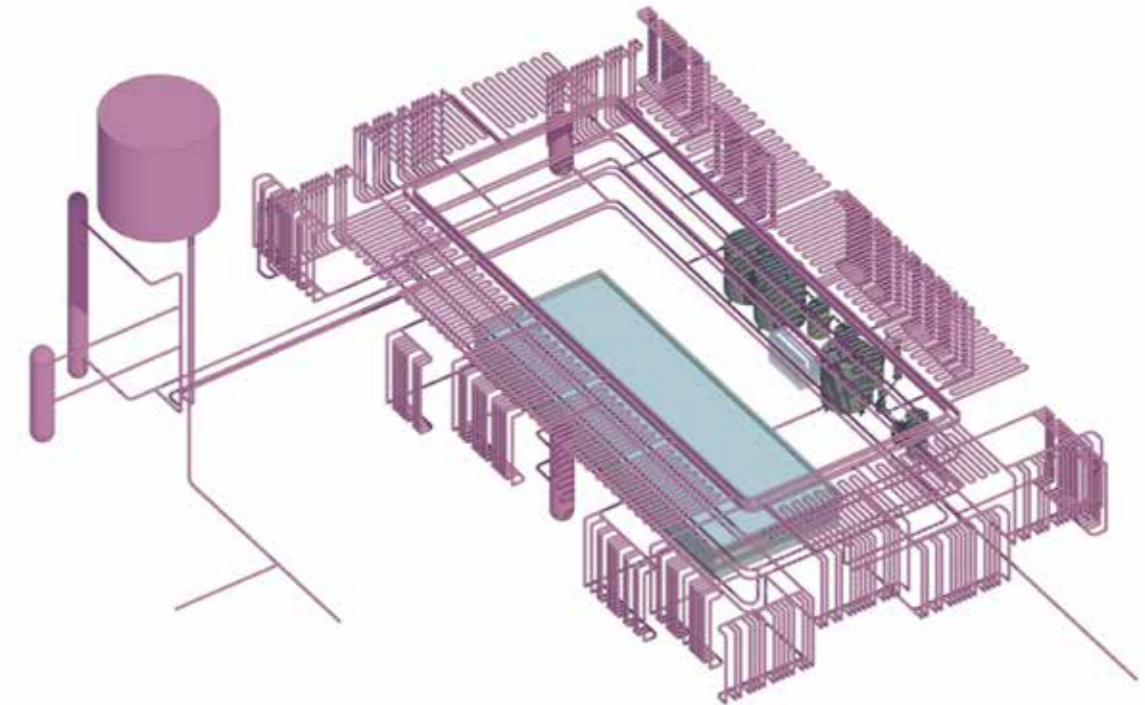


IMAGEM 34 - Sistema de tubagens que transporta água e algas por todo o edifício.

UM EXEMPLO DE ARQUITECTURA DINÂMICA

Por entre todas as novas abordagens que tive o privilégio de descobrir no decurso deste primeiro semestre em França, coloco na dianteira das minhas preciosas descobertas, a constatação de que é relevante a elasticidade que apresenta um projeto de arquitetura. Ao longo das minhas visitas de estudo, percebi o quanto os arquitetos franceses insistem nesta capacidade de transformação dos edifícios que projetam. São projetos mais abertos e que, por isso, permitem que um edifício assuma extrema polivalência. Ao dar início a este projeto do Showroom de Energia, dois cenários se apresentavam possíveis :

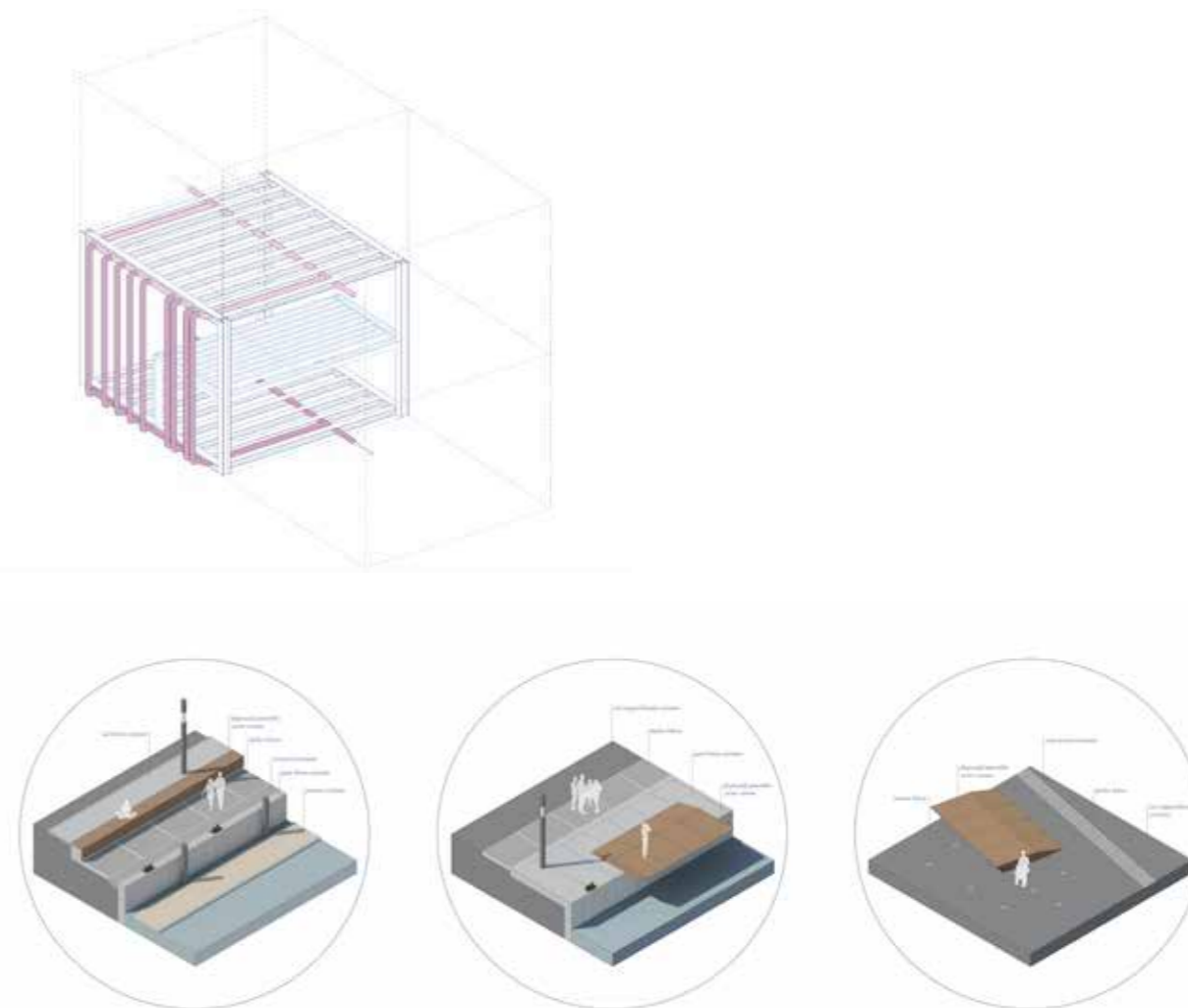
Um cenário em que os edifícios, desde o início de vida, pretendem ter um programa polivalente, com o objetivo de acolher diferentes atividades, como por exemplo; polivalentes desportivos, arenas de espetáculos, edifícios de feira, espaços de multiusos, galerias de exposições, etc...

Outro cenário, serão edifícios que contenham uma natureza efémera. Edifícios que, à partida, tenham estipulado uma data de vida e, a partir daí, terão que ser desmontados ou transformados. Normalmente, estes, são edifícios de menor dimensão.

No caso deste nosso projeto, quisemos perceber se seria possível incorporar num só projetos estes dois tipos de características que caracterizam a Arquitetura Dinâmica, utilizando um sistema construtivo que se pudesse alterar facilmente. Basicamente existia uma estrutura principal base e uma secundária que era facilmente alterável para conseguir sobreviver ao tempo e a um futuro programa. Este conceito era estendido para o espaço público, um espaço efémero que podia acompanhar as alterações do lugar.

Um projeto multi-funcional, que possa sobreviver à limitação do seu curto tempo de vida, previamente definido, para moldar-se à medida de um futuro mais sustentável?

IMAGEM 35 | 36 - Esquema com a estrutura principal, secundária e tubos de distribuição de algas | Esquemas de alterações do espaço público.



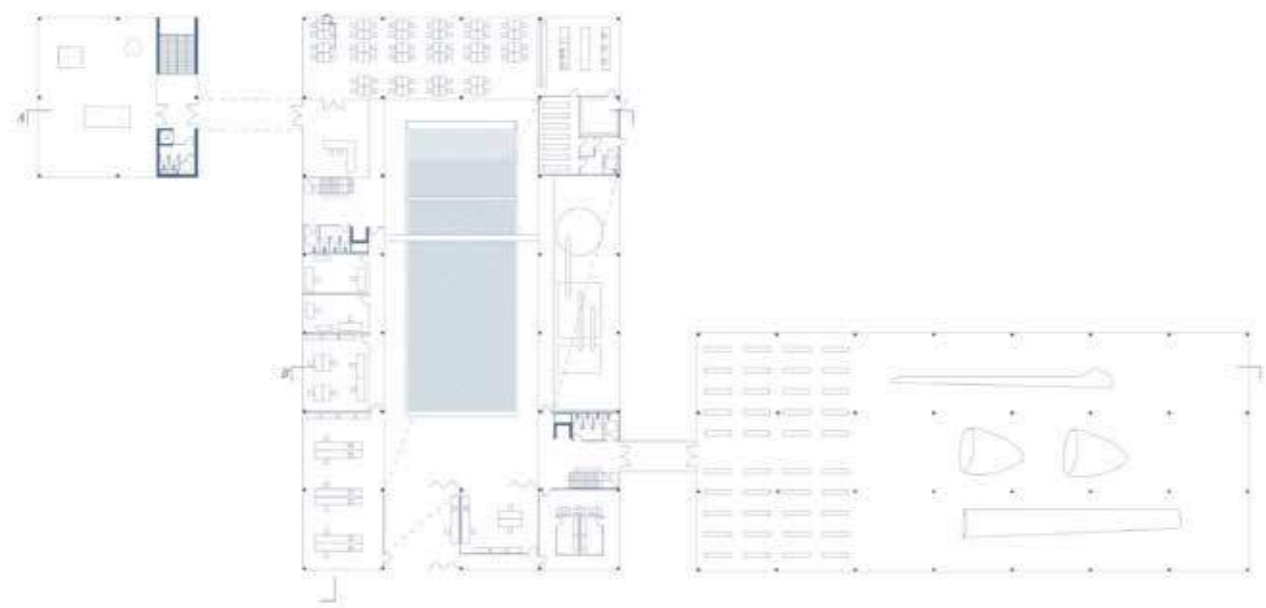


IMAGEM 37 - Planta piso 0º.

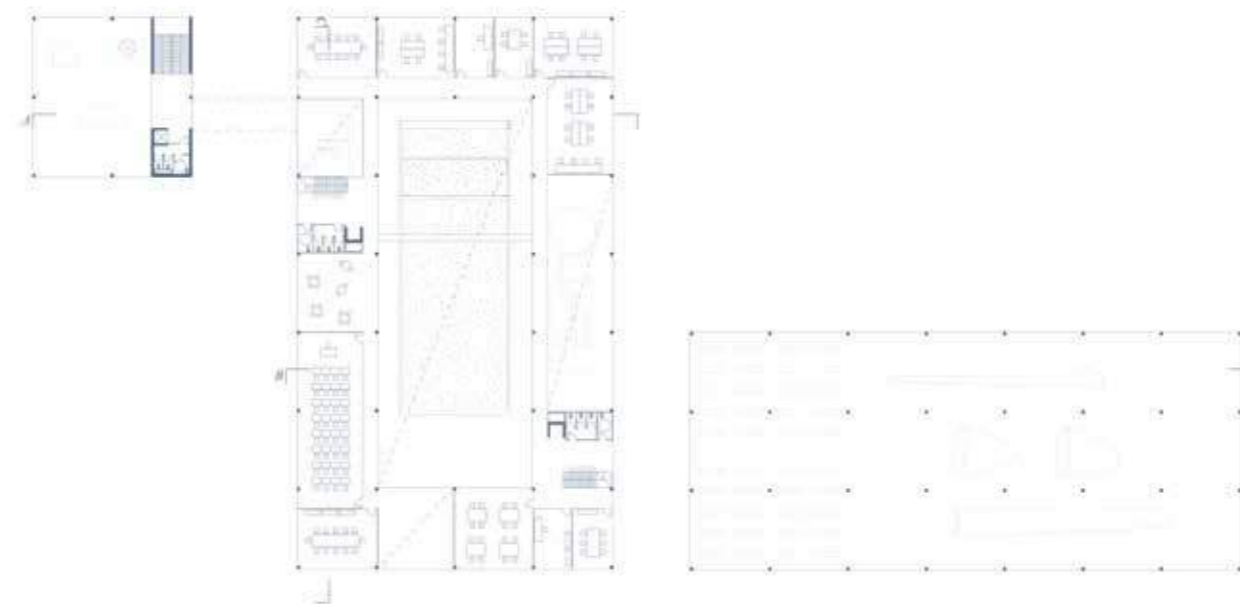


IMAGEM 38 - Planta piso 1º.

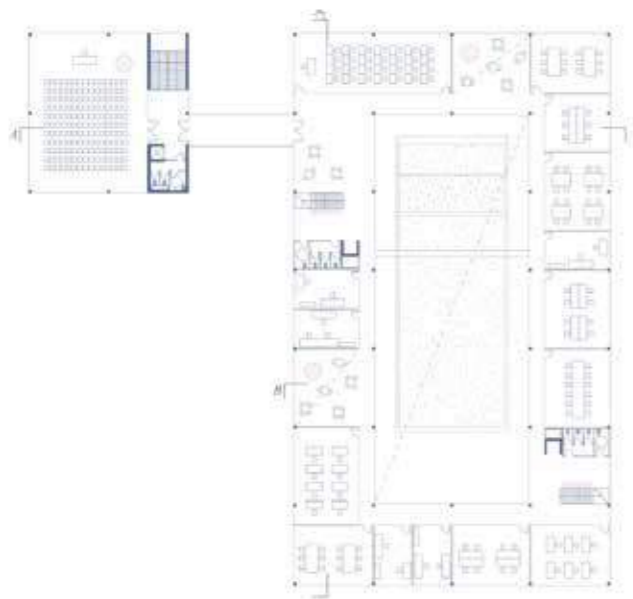


IMAGEM 39 - Planta piso 2°.



IMAGEM 40 - Planta piso 3°.

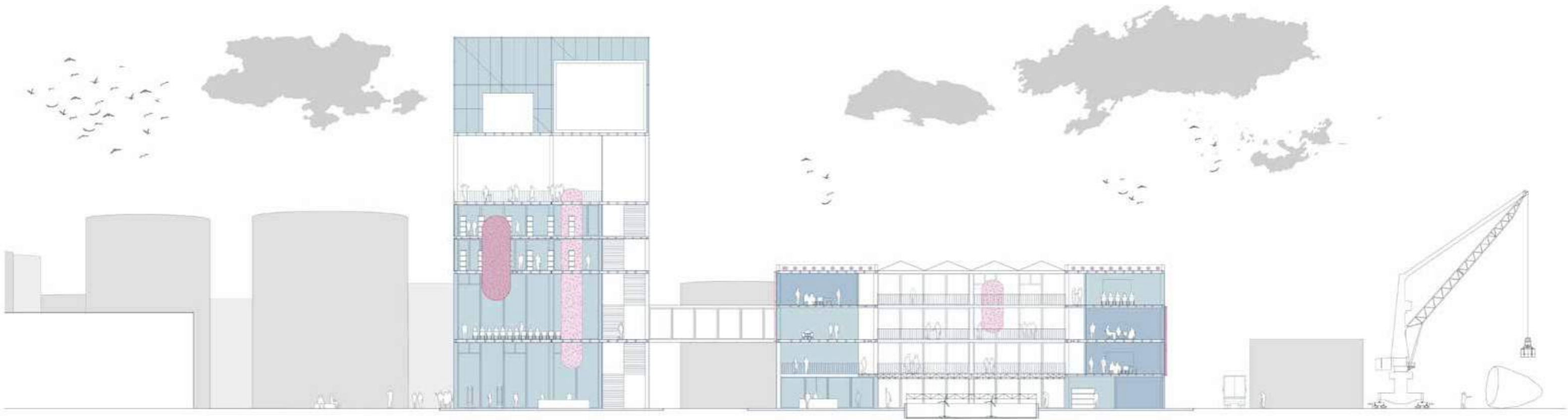


IMAGEM 41 - Corte A.

IMAGEM 42 | 43 - Corte B e C.



Corte BB'1:200

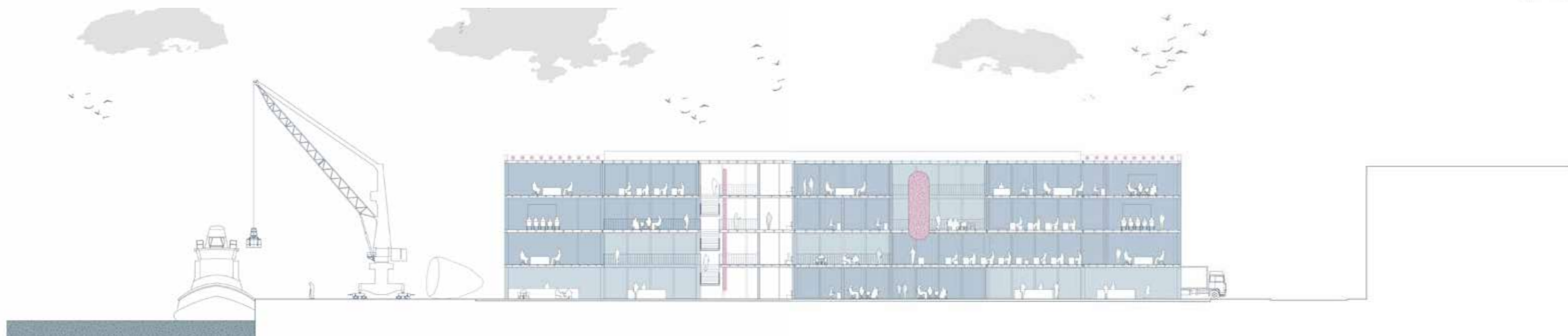




IMAGEM 44 - Render interior do edifício.

IMAGEM 45 - Render fachada Oeste.



IMAGEM 46 - Port honfleur, França | 350km de distancia de Nantes, foto de Gonçalo Rairingard Lopes, 2017

Depois de 5 meses a estudar em Nantes, a minha relação com a universidade e com o ensino em França alterou-se. Já sabia como as coisas funcionavam e que respostas eram esperadas da minha parte. Sentia-me muito mais confortável e incentivado. Foi, sem dúvida, um semestre mais interessante e proveitoso para mim, com maior domínio da língua e da cultura, o que me permitiu apreciar de outra forma o que me era ensinado. Por outro lado, escolhi melhor as disciplinas, pois com maior conhecimento do funcionamento da universidade, foi mais fácil acertar em temas que correspondessem às minhas expectativas.

É caso para se dizer que um semestre no estrangeiro é o quanto basta para alterar e descomplicar a minha forma por vezes conservadora de ser e de pensar. A este propósito será de referir uma frase de Jean-Nouvel que retive e assentei no meu caderno de apontamentos no dia 8.11.2017. Esta frase ajudou-me a perspectivar e melhor desenvolver o meu segundo trimestre, a nível pessoal e académico:

*“TOUT BON PROJET DOIT SE SITUER À ÉGALE DISTANCE
ENTRE LA RÉALITÉ ET L'UTOPIE”*

(NOUVEL, 2017)

3.1 PROJETO CURTO

UN ÉCRIN POUR COURALIS

OBJETIVOS GERAIS: Disciplina intensiva com duração de uma semana, pretendia que o aluno criasse uma proposta para um novo local que a escola iria acolher. A reflexão devia-se inscrever dentro da perspectiva histórica dos panoramas. Devíamos responder a todos os obstáculos técnicos que o projeto pedia.

DOCENTES: BRUNO SUNER

NOTA FINAL: 14

ECTS: 3

Trabalho completo anexado no CD geral.

(grupo composto por Laura Quinton, Juliette Virret, Gonçalo Raingeard Lopes)

Disciplina com duração de uma semana em regime intensivo. Foi-nos proposto determinar o espaço para inserção de um módulo construtivo no interior da ENSA. Tratava-se de uma estrutura móvel que cumpria a função de centro de observação em realidade virtual e sonora. Era um dispositivo com grandes dimensões que teria que ser incorporado de forma inteligente no desenho e espaço interior da escola. Um local que seria utilizado pelos os alunos, diariamente, para apresentações e experiências no âmbito da aprendizagem da Arquitetura.

A solução proposta (“META”) foi a de conceber uma estrutura que emergisse das existentes paredes de betão da Escola. Utilizando materiais leves de forma a ser possível criar uma espécie de transformação de uma das paredes dos espaços seleccionados para a colocação do dispositivo, como se fosse uma nova zona que nascesse. Literalmente, um novo espaço dentro de um existente quase como um membro que se tivesse desenvolvido internamente no corpo da escola. O conceito, resumidamente seria uma espécie de “vírus” bom que se instalava num corpo igualmente saudável. A nível técnico pensamos num sistema construtivo que conseguisse de uma forma sintetizada criar este efeito de metamorfose que desejamos. Utilizamos apenas materiais leves e amigos do ambiente, o que acabou também por ser um obstáculo.

O mais curioso era saber que ao melhor projeto seria atribuída a honra de o ver construído, efectivamente. Este foi apenas mais um exemplo ilustrativo de como a Escola Superior de Nantes procura tirar proveito dos pequenos projetos elaborados pelos estudantes.

Infelizmente não fui eu, nem as minhas duas colegas que faziam parte do meu grupo, os vencedores deste concurso. Não obstante, foi um exercício bastante interessante, concebido com o objetivo de vir a ser construído, a breve trecho. Esta particularidade foi deveras estimulante.

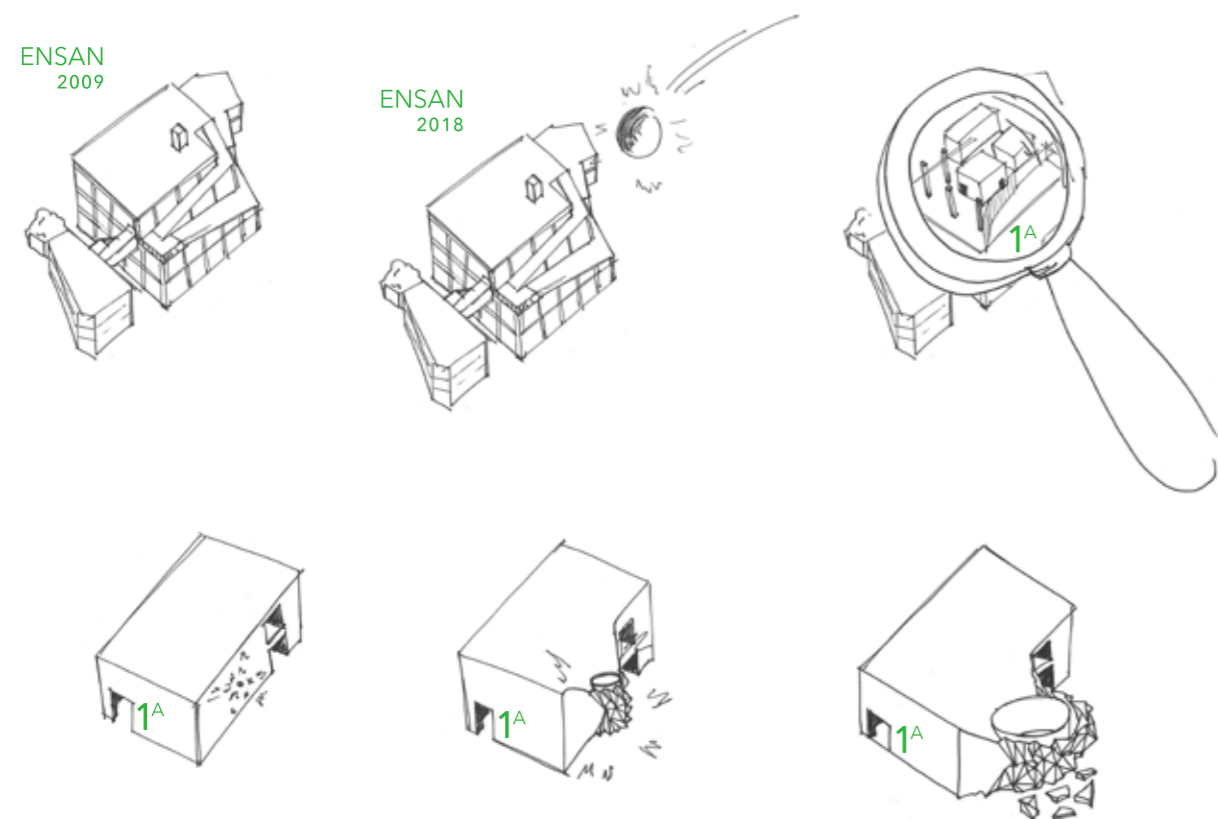


IMAGEM 47 - Desenhos da explicação do conceito do projeto "META".

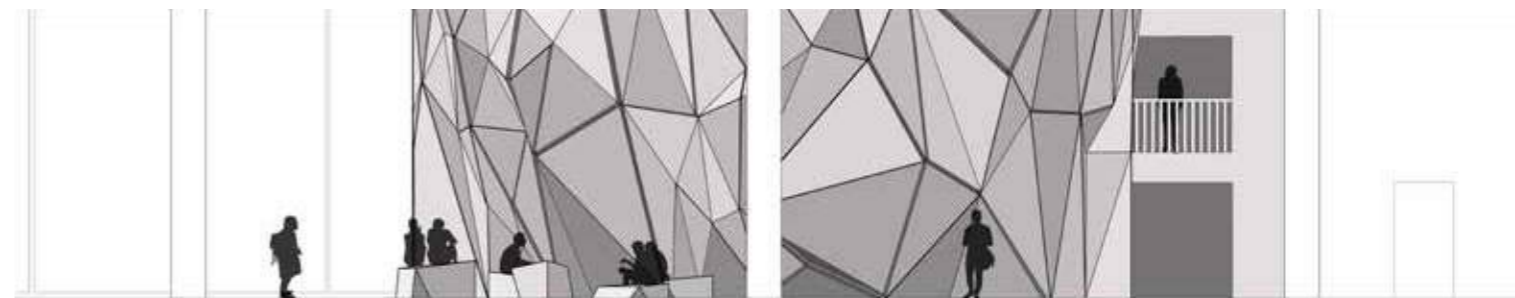


IMAGEM 48 - Alçados do projeto "META".

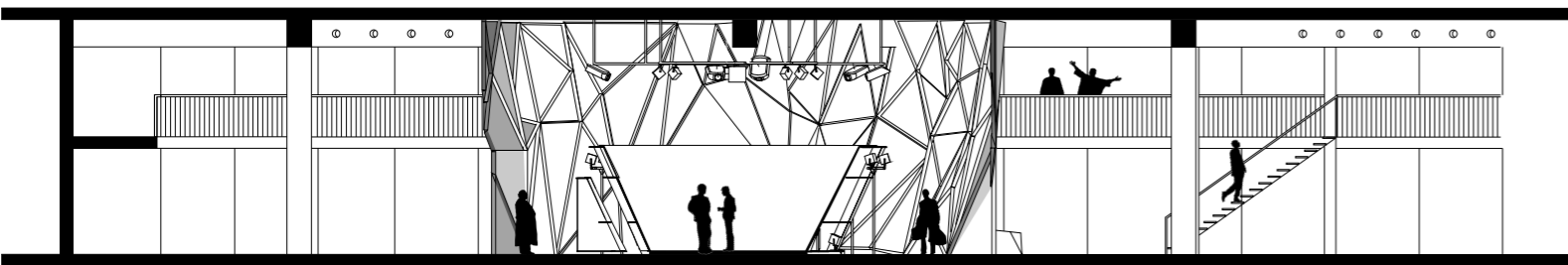


IMAGEM 49 - Cortes do projeto "META".



IMAGEM 50 - Render exterior do projeto "META".

3.2 DISCIPLINAS TEÓRICA OU PRÁTICAS

VOIR EN VRAI

OBJETIVOS GERAIS: Valorizar as viagens feitas no quadro pedagógico ou realizadas individualmente. Incentivar os alunos a escrever, desenharem e criticarem de forma pessoal arquitetura.

DOCENTES: MARIE-PAULE HALGAND

NOTA FINAL: 12

ECTS: 3

Trabalho completo anexado no CD geral.

UM TEMPLO DE ORAÇÃO DE SIZA VIEIRA

Eis um exemplo de disciplina que considero um exemplo que pode ser adaptado em Portugal, em particular nas universidades que frequentei (Uaç e ISCTE). Nesta disciplina, o aluno deve escolher uma obra da qual gosta particularmente. Não há uma escolha à priori pelo professor da disciplina. No entanto, para que os alunos não escolham todos os mesmos locais de análise, a escola criou um website chamado “Voir en Vrai” (Ver de Verdade) que contém um mapa mundo em que estão sinalizados todos os locais e edifícios sobre os quais os alunos já tenham escrito pequenas apreciações / críticas arquitectónicas sobre diferentes edifícios. Estas críticas devem ser elaboradas pelos alunos e são ilustradas as apreciações com fotografias tiradas in-loco. Este repositório pode ser consultado precisamente pelos alunos e docentes e é enriquecido com novas entradas, a cada ano. O único desafio solicitado é o de escolher uma obra emblemática, ou importante do nosso ponto de vista, ir ao local, efetuar um relatório crítico da visita e organizar este todo num artigo a publicar no referido site. É muito interessante, pois obriga-nos a ir ao sítio e oferecer uma opinião pessoal e honesta sobre o edifício. No meu caso, escolhi uma igreja projetada pelo arquiteto Álvaro Siza Vieira, edificada na cidade de Rennes, obra que circunstancialmente descobro que acaba de ser inaugurada, a 120 km da cidade onde resido. Sorte ou destino, parto à descoberta da primeira igreja do Século XXI projetada pelo grande Siza. Na condição de aluno de arquitetura, Português, não podia deixar passar a oportunidade de ser um quase pioneiro no comentar e publicar uma reflexão sobre este trabalho.



IMAGEM 51 - Mapa do mundo ilustrativo de todas os projetos que já foram relatados no âmbito da disciplina Voir en vrai. Imagem retirada do site oficial da disciplina (<https://voirenvrai.nantes.archi.fr>).

Sábado dia 15 de Abril, depois de uma viagem de uma hora e pouco, cheguei ao local. Era como se existisse uma espécie de uma aura luminosa. Alma de uma leveza inigualável que pairava no local mas a igreja estava fechada. Não conferi os horários e aos fins de semana o edifício fechava ao público. Sorte ou divino, de novo, fui abençoado: o padre estava naquele preciso momento a pôr as trancas à porta depois da visita com um Arquitecto espanhol, teve a gentileza de voltar a abrir a porta para que eu pudesse entrar.

Em Rennes, precisamente em Saint-jacques-de-la-Lande, a igreja está inserida no tecido urbano. Circundada de edifícios de habitação, não deixa ninguém indiferente. Nitidamente, um dos objetivos, de veras conseguido, foi respeitar a escala do local. Ali estava o gesto delicado de Siza! Como em outras igrejas, utiliza o betão branco como material distintivo. Formas e jogo de luz tão característico da sua arquitetura. No exterior, são os diferentes volumes - blocos, cilindros – que criam a geometria geral do edifício, distinguindo-o dos edifícios circundantes, ao passo que o reduzido número de aberturas ajuda a estabelecer uma presença sólida no local. Imponência e leveza ao mesmo tempo.

Um fragmento muito especial, na pequena localidade.

Consigo perceber que é uma obra carregada de simbolismo. Como se as escrituras tivessem sido traduzidas para uma linguagem arquitectónica, limpa e sem excessos. Uma espécie de espaço sagrado onde o contacto com o céu é quase pressentido.

O segundo andar é o espaço de culto que alberga até 120 pessoas . No primeiro andar ficam – as áreas sociais e administrativas. Assim sendo, o segundo nível do edifício assume-se como o ponto principal da Igreja: ponto mais próximo do divino. Os interiores são compostos por madeira, paredes brancas e mármore branco.



IMAGEM 52 - Fachada principal de Igreja em Rennes, SIZA. Foto de Gonçalo Raingeard Lopes.

“O programa é distribuído em dois níveis, sobrepondo um cilindro com um diâmetro externo de 14,75m em um plano quadrado de 16x6m com uma altura total de 12m. O Centro Paroquial e a igreja estão no primeiro e segundo andar, respectivamente, com um armazém menor de 97,2 m2 para as áreas técnicas e de armazenamento...”

A igreja foi construída usando paredes estruturais de betão branco com isolamento térmico interno. As marcas do cofragem utilizadas na sua construção são visíveis nas fachadas. O interior da igreja e o Centro Paroquial foram pavimentados com mármore. As paredes foram pintadas depois de instalar um painel de mármore de 110 cm de altura, com exceção da cozinha instalações sanitárias, onde ele elevará a 220cm. Os pavimentos terão um acabamento epóxi e uma proteção de parede epóxi de 220 cm de altura. Os molduras exteriores serão em madeira com um acabamento em alumínio na face externa.”

(In Espaçoarquitectura.com)

Pelos poucos minutos que estive a conversar com o Padre, apercebi-me que foi um trabalho muito bem acolhido pelos habitantes da vila. Todas as gerações acharam que era uma abordagem diferente e vanguardista em comparação com o que estão habituados porém, adequada.

Foi uma experiência muito interessante, principalmente por ter sido um quase estrepante na visita à obra.

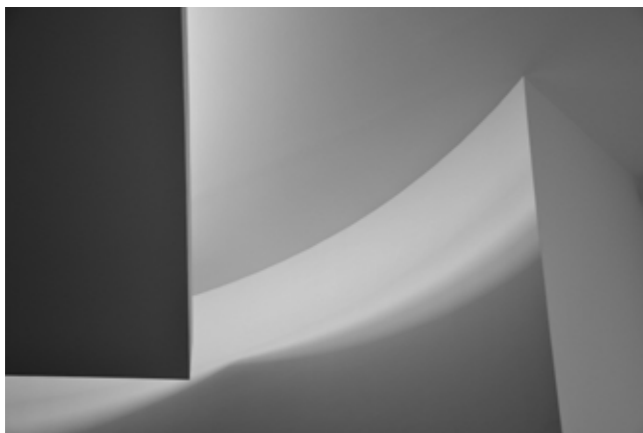


IMAGEM 53 - Pormenor de interior de Igreja em Rennes, SIZA. Foto de Gonçalo Raingeard Lopes.



IMAGEM 54 - Interior de Igreja em Rennes, SIZA. Foto de Gonçalo Raingeard Lopes.

MUSEU GALLO-ROMANO DE BERNARD

A Arquitetura invisível criou janelas para um passado Gallo-Romano.

Um espaço absolutamente incrível, é desenhado dentro das colinas mais antigas da cidade : o museu Gallo-Romano do arquiteto Bernard Zurfuss, em Lyon.

O exterior é conjugado com as antigas ruínas de um teatro Romano e no interior, podemos viajar no tempo projetados para o meio de uma construção romana. Arquitetura invisível, mas grandiosa feita de pequenos detalhes de luz e de percursos até uma enorme e forte estrutura de Betão que sustem toda a colina de Fourvière.

Como aluno português de arquitetura em mobilidade em França, achei interessante explorar arquitetos franceses de forma a aprofundar os meus conhecimentos.

O nome do Arquiteto “Bernard Zehrfuss” já me era familiar mas não conhecia este Museu. Embora, o “Musée Gallo-Romaine” em Lyon, não seja totalmente desconhecido, na minha opinião, não lhe é atribuída a devida importância. Considero que devia ser uma obra com maior projeção a nível da sua importância arquitetural, uma vez que é uma realização extraordinária e um exemplo ímpar de “arquitetura invisível” como se intitula. O edifício encontra-se inserido numa encosta, Colina de Fourvière, com uma vista imponente e panorâmica sobre o coração da cidade de Lyon. Está integrado no parque arqueológico dos teatros antigos: a obra é composta por um Teatro (considerado o mais antigo da Gália) e um Odeão Galo-Romano. É de realçar que esta é uma colina com importância histórica relevante, datada do ano 43 AC.

No que respeita ao seu acesso, existem duas formas de entrar no edifício; a mais comum, que é feita pelo cimo da encosta; a outra, pelo andar inferior através de um percurso feito entre ruínas romanas. Após um percurso pedestre de 5 minutos, vindo de norte, podemos atravessar um calmo jardim no qual pude deparar-me com alguns exemplares de construções monumentais históricas, que nos transportam à civilização e tempo romano. Optei por fazer o trajeto mais atípico, entrando pela zona inferior do edifício, tendo como primeiro impacto visual à chegada do Museu as escadas/plateia, em ruínas que passam pelo antigo teatro romano e pelo Odeão. As antigas ruínas romanas acabam por interagir com o edifício de Zehrfuss, tornando-se parte do projeto; são ruínas dinâmicas e não “intocáveis”(museu), acabam por fazer parte do dia-a-dia dos moradores e são utilizadas como local de lazer para a realização de inúmeras atividades ao ar livre.



IMAGEM 55 - Museu Gallo-romano em Lyon de Bernard Zehrfuss. Foto de Gonçalo Raingard Lopes.

No lugar, estamos completamente absorvidos pelo ambiente Galo-romano e, exactamente por isso, o Projeto do Museu cumpre muito bem a sua missão. No exterior, evidenciam-se linhas suaves e discretas, incorporadas na Colina de Fourvière, que formam dois grandes vãos muito bem inseridos na paisagem e respeitando todo o espaço arqueológico.

Como já mencionei, entrei pela zona mais baixa do edifício, começando o edifício de baixo para cima, percorrendo e subindo lentamente pelas rampas suaves desenhadas em betão armado. Pormenores construtivos e de controle de luz muito interessantes podem ser apreciados no decurso deste percurso. Contudo, sei que entrar no edifício pelo cimo da encosta (rua) há-de ser muito interessante, não só pelo fator surpresa que os vãos nos proporcionam (projetando-nos diretamente no anfiteatro romano) mas como também nos surpreende o detalhe da célebre entrada de luz circular que emerge do teto sobre as escadas.

No meu ponto de vista, um dos pontos fortes com o qual me deparei, logo à entrada, foi o potencial expressivo da estrutura em betão, que acompanha toda a geometria e topografia do espaço e terreno. Segundo o arquiteto Charleson A., a estrutura contribui para as qualidades arquitetônicas e as características dos espaços interiores.

A estrutura dos cinco andares do edifício é conseguida através duma armação em betão armado reforçado que se destaca do edifício cuja função primordial é o suporte das lajes suspensas. Esta presença estrutural forte permeia o volume subterrâneo. Grandes vigas e colunas projetam-se em galerias e modulam os espaços. No entanto, é de salientar que a severidade estrutural é suavizada pelo detalhe sensível do arquiteto Zehrfuss. Ele criou uma estrutura em betão armado que se funde nas pedras antigas e envolta numa cenografia que nos permite viajar no tempo desde a pré-história até o século VII depois de Cristo.

Aprofundando o conhecimento estrutural do edifício, segundo a literatura existente, a resistência às pressões laterais do solo, que atuam na parede traseira, são em certa medida obtidas pelo peso geral dos elementos da armação, mas é conseguida principalmente pela inclinação das colunas mais exteriores e centrais. A sua inclinação, que também reflete a inclinação da encosta coberta por vegetação, expressa o seu reforço estrutural necessário para resistir às pressões do solo.

O edifício alberga uma coleção muito interessante com várias peças gallo-romanas, que podemos observar lentamente devido a distribuição numa rampa suave no edifício, que nos distribui em várias plataformas onde estão as peças dispostas. Podemos encontrar coleções reunidas desde o início do século XVI que se centram no período romano da fundação de Lugdunum no século I antes de Cristo até ao século III. A sua diversidade pode abordar todos os aspectos da vida privada e pública de uma capital provincial do Império Romano.



IMAGEM 56 - Interior museu Gallo-romano em Lyon de Bernard Zehrfuss. Foto de Gonçalo Raingeard Lopes.

“Je n’avais pas eu l’occasion au cours de ma carrière de construire un musée. Pendant les cinq ans que j’avais passés en Tunisie, j’avais admiré les vestiges romains encore présents dans les paysages et les villes [...] Plutôt que d’édifier un bâtiment important à proximité du théâtre, j’ai eu l’idée d’une construction souterraine et, par conséquent, invisible; cela me donnait la possibilité, tout en respectant le site archéologique, de chercher en toute liberté une architecture intérieure, témoignage de notre époque, dont l’expression ne viendrait pas offenser la rigueur de mes confrères romains. [...] J’ai tout de suite pensé que la structure de cette construction souterraine ne pouvait être qu’en béton armé. La connaissance de ce mode de construction me permettait, grâce à la souplesse des coffrages, d’imaginer la création de formes variées et de trouver dans le ciment brut une matière qui pourrait mettre en valeur la riche collection lapidaire qui devait constituer l’un des principaux éléments du musée.”

Bernard Zehrfuss, le 18 mai 1987 conférence à l’Ecole du Louvre

É sem dúvida uma obra exemplar, existe um profundo pensamento em planta, mas principalmente em corte, é uma conjugação mágica. Hoje em dia, é difícil encontrar uma obra como esta; funcionalista e moderna, com traços muito fortes e únicos.

Uma das coisas que mais me fascina é a projeção estética altamente vanguardista que o arquiteto escolheu projetar num espaço deste tipo que vive de grande contraste de épocas.

Um espaço com uma relação muito direta com um imaginário de natureza utópica. Foi concretizado e finalizado em 1975. É realmente fantástico!



IMAGEM 57 - Anfiteatro Romano, Lyon. Foto de Gonçalo Raingearde Lopes



IMAGEM 58 - Interior museu Gallo-romano em Lyon de Bernard Zehrfuss. Foto foi publicado no site da ENSA em Junho de 2018. Foto de Gonçalo Raingearde Lopes

ATELIER PRESENCE

OBJETIVOS GERAIS: Estar presente e saber o que é a presença. O significado de presença. Adquirir uma consciência cinestésica e uma compreensão física do espaço e do tempo. Desenvolver uma prática vocal e corporal para a apresentação dos projetos. Ler o espaço urbano através do som e da visão.

DOCENTES: LOIC TOUZE

NOTA FINAL: 15

ECTS: 2

Trabalho completo anexado no CD geral.

Como é normal durante os meus cinco anos de curso arquitetura em Portugal, tive disciplinas de todas as naturezas. Técnicas, artísticas e teóricas. Mas pela primeira vez na minha vida, deparei-me com uma disciplina que não se enquadra em nenhum destes cenários.

Uma disciplina de base um pouco abstrata. Aparentemente simples, mas profundamente complexa. Uma disciplina que aparece no plano do mestrado de arquitetura, na universidade de Nantes no último ano letivo. E não será por acaso que isto acontece.

Por poucas palavras, se quisesse resumir de uma forma muito simples o objetivo desta disciplina, diria que seria uma espécie de treino e aprofundamento de sentidos espaciais (que a meu ver são importantíssimos) para a vida de um futuro Arquiteto.

Esta disciplina assenta no mundo sensorial, senão vejamos:

Loic Touzé, um dançarino e coreógrafo com um currículo invejável no âmbito de performances artísticas de movimento, pretendeu passar-nos algumas noções de espacialidade levantando inúmeras questões. Penso que um dos grandes objetivos desta disciplina era exatamente o de nos questionarmos. Para exemplo disso, será de salientar a questão de ponto de partida da disciplina foi perceber o que realmente significa o conceito de presença: a nossa presença; a presença de outro; a presença de um objeto ou até a presença de um espaço. Com base em alguns exercícios simples, era esperado que conseguíssemos por nós mesmos, chegar a algumas conclusões.

Movimento e concentração foram as ferramentas base para conseguir realizar os exercícios com sucesso. Muitos exercícios eram tão simples quanto movimentar-nos nos espaços e conseguirmos absorver questões dos espaços que não eram evidentes. Vários exercícios de relaxamento também foram



IMAGEM 59 - Foto tirada durante um dos exercícios, onde era pedido para se questionar a presença dos objectos. Foto de Gonçalo Raingard Lopes

feitos, de forma a podermos deixarmos de ter ideias pré-definidas quanto à especialidade. Ver-me dançar descomplexadamente com uma cadeira foi possivelmente o momento mais hilariante desta formação. Eram exercícios extremamente abstratos mas era exatamente isso que diferenciou esta disciplina das demais e que a tornou tão interessante e tão especial. Afinal de contas, a especialidade pode ser traçada apenas por linhas e planos imaginários. A diferença entre o facto de estarmos a ser observados ou de estarmos a observarmo-nos ou ambos. As questões foram sendo espontaneamente levantadas: Será que o lugar tem algo a contar? A melhor abordagem espacial vem de uma forma genuína e espontânea ou realmente necessita de uma reflexão profunda? Afinal de contas, o que é isto da imaginação? Terá raízes e uma relação de dependência com as nossas vivências ou é algo que nasce connosco?

Para que pudéssemos refletir e partilhar as nossas reflexões sem preconceitos foi necessário libertar-nos a ponto de deixar que a imaginação tomasse um lugar de verdade absoluta. A nossa imaginação cria um mundo falso e ilusório, mas que existe dentro do nosso pensamento e passa a ser a nossa verdade. Aprender o conceito de forma assim, tão inesperada, foi efetivamente surpreendente para mim. Desde o início relacionei a disciplina com um “trailer” de um documentário Português, que tinha visto a algumas semanas sobre o movimento e a Arquitetura. “Matéria em avesso” onde tínhamos vários protagonistas com discursos muitíssimo interessantes, como por exemplo o arquiteto Manuel Aires Mateus e o filósofo José Gil.

“EU ACHO QUE O ESPAÇO É A MATÉRIA DA ARQUITECTURA, NOS CONSTRUIRMOS UM CORPO MAS É NA IDEIA DO VAZIO DESSE CORPO, DESSA SUSPENSÃO DE POSSIBILIDADE QUE ESSE CORPO TEM QUE SE DEFINE A ARQUITECTURA....”

(Arq. Manuel Aires Mateus, 2017.)

“HABITAR NÃO É ABRIGAR, NÃO É GUARDAR PARA SOBREVIVER. PARA SOBREVIVER É PRECISO QUE HAJA MAIS QUE UMA REPETIÇÃO, TEM QUE HAVER MOVIMENTO”

(Filósofo José Gil, 2017.)

Outro aspecto a florado durante este tempo de formação, que considerei igualmente muito importante, foi ter tido um primeiro contacto com o mundo da meditação e conseguir perceber o quão esta pode ser importante para equilibrar a nossa vida e o nosso dia-a-dia. Ou seja, ajudar-nos a ser mais saú-

dáveis numa futura e provável vida de trabalho stressante. Consegui perceber que a meditação pode ajudar-nos a equilibrar os nossos sentimentos. Deixamos de sentir tanto stress, ansiedade e tristeza mas ao mesmo tempo percebemos que não é vital chegarmos a níveis de felicidade e euforia elevados. No somatório, compreendi que a mediação é uma ferramenta que promove o equilíbrio e que deve ser utilizada como elemento importante para a manutenção de um equilíbrio saudável entre estados que por vezes, chegam a ser estados de alma limite.

Uma das conclusões que chego depois desta disciplina, acaba por ser bastante concreta. Penso finalmente que o movimento é que deve ser o elemento criador da arquitetura. Arquitetura deve de seguir um programa, programa este que será criado a partir de movimentos e de repetições de movimentos. Portanto, será hipoteticamente correto dizer-se que a arquitetura é feita a partir de previsões de movimentos. E para mim, quanto mais ampla for a previsão destes movimentos, ou seja, quantos mais movimentos a nossa arquitetura estará disposta a acolher e acondicionar, melhor terá sido o nosso trabalho. Uma arquitetura bem pensada, dinâmica e intemporal é aquela que tem elasticidade suficiente para acolher um número indefinido de movimentos.



IMAGEM 60 - Uma antiga igreja que tinha sido transformado em espaço para pequenos espectáculos, um dos muitos lugares que tivemos aulas. Foto de Gonçalo Raingeard Lopes

MUSEUM F(R)ICTIONS

OBJETIVOS GERAIS: Introdução às práticas de contemporâneas de arte, estética e a teoria de arte, a luz dos debates e da controvérsia que os campos de arte atravessam nos dias de hoje.

DOCENTES: KANTUTA QUIROS

NOTA FINAL: 18

ECTS: 3

Trabalho completo anexado no CD geral.

(grupo composto por Wanting Lo, Chloé-Line Vrignaud, Gonçalo Raingeard Lopes)

Uma disciplina que se desenrolou em regime intensivo, num total de 4 dias. Durante os primeiros dias de aulas, abordamos exaustivamente questões relacionadas com a arte; o debate em torno da arte; o papel da crítica e dos críticos de arte. Um dos temas mais abordados, foi em torno da famosa exposição “Avec les magiciens de la Terre” que foi inaugurada no centro Pompidou, em 1989, exposição esta que contou com 50 artistas de todo o Mundo. Uma verdadeira exposição global que pretendia mostrar que a arte não era só feita no mundo ocidental. Uma exposição que foi alvo de muitas críticas e abriu muitos debates devido à sua natureza. Uma forma de ligar ao mundo com a arte.



IMAGEM 61 - Centre Pompidou 1989. Kandinsky . Foto de Béatrice Hatala, fonte site Pompidou.

Uma vez consolidada a parte teórica, já existia base para se elaborar um trabalho de carácter prático. Uma vez mais, no decurso das aulas teóricas, altura em que comentávamos os diferentes museus, voltamos a falar no “ Musee de la Dance. Este museu não era um lugar qualquer, mas um manifesto criado pelo coreógrafo Boris Charmatz, Museu da dança, era mais que um lugar. Este lugar, movia-se e alterava-se, quase como um movimento de dança. Desenvolveram todas as questões que poderia questionar o que seria um museu da Dança? Que colecção que museologia, etc..? Existem poucos museus da dança, e neste caso o museu é o corpo.

“FAZER UM CRUZAMENTO ENTRE O MUSEU, LOCAL DE CONSERVAÇÃO E EXPOSIÇÃO, DANÇA, DA ARTE DO MOVIMENTO E DO CENTRO COREOGRÁFICO, LOCAL DE PRODUÇÃO E DE RESIDÊNCIA, A DANÇA É O MUSEU UMA INSTITUIÇÃO FORA DO ENQUADRAMENTO, O LABORATÓRIO É TRANSFORMADO DE ACORDO COM OS OBJECTOS, IDEIAS OU CORPOS QUE ABRI-GA.” (Boris Charmatz, fonte site “musee de la dance”.)

Instintivamente, e como me encontrava já a pensar no projeto longo da minha “ Maison du Cinema” procurei aproximar e aproveitar estas aprendizagens para o meu futuro projeto que era, também ele, uma casa de espectáculo. Da mesma maneira que no museu da dança era o próprio corpo em movimento que fazia “museu”. Será que o próprio edifício podia fazer museu do cinema, não o interior, não o programa. Estou a falar do objecto em si de forma independente. Uma simbiose entre o movimento das pessoas, a luz e um espectador conseguiria criar cinema? Apenas com o edifício que estaria em vias de criar ? Foi a forma que consegui aproveitar esta disciplina para reflectir algumas das minhas dúvidas e escolhas a nível de projecto.

Com a ideia básica de que com luz e movimento conseguíamos criar o museu do cinema, apenas com o uso de um objecto que podia ser colocado de forma efémera nos locais. Continuando a estabelecer um paralelo entre tudo o que ouvia e o que pensava projetar, comecei por pensar o projeto de forma bastante diferente do que até agora tinha feito. Ajudou-me a desconstruir alguns princípios que tinha enraizado. Por exemplo, muito cedo o artista venezuelano Soto chamou-nos a atenção para as suas obras, que eram fruto do movimento que as pessoas geravam à sua volta. Eram fruto exactamente de luz e movimento. Instalações onde ele criava ritmos utilizando o movimento das pessoas que visitavam as suas obras. O espectador acaba por fazer parte da obra, ao movimentar-se. Será que era possível a partir do mesmo principio criar fachadas que reproduzissem o mesmo efeito? Soto por vezes utilizava 2 planos paralelos de diferentes ritmos para criar efeitos de movimento.

Foi graças a esta disciplina que acabamos por criar o manifesto do museu do cinema, com a ajuda de pequenas instalações artísticas ou de pequenas construções que seriam colocadas nas ruas, podendo assim conceber um museu que se construía a partir dos movimentos das pessoas que circulavam naturalmente nas ruas.



IMAGEM 62 - Galerie Perrotin, Paris, 2015. Rafael Soto "Chronochrome". Foto de Livia Saavedra, fonte site artsy.net .

Para a entrega deste trabalho, escrevemos um manifesto e criamos um filme (em anexo no CD). Este objecto inicialmente foi criado de forma a procurar respostas para o edifício de projecto nomeadamente para o desenho de uma fachada viva, que podia funcionar como um filme onde projectaria 24horas sob 24horas, utilizando apenas a energia das pessoas que habitavam a estrutura. Abaixo detalho alguns tópicos do Manifesto que criamos em defesa da eventual edificação de um Museu do Cinema.

Manifesto para um Museu do cinema.

UM MUSEU OBRA.

Um museu que não contem obras no seu interior, pois ele por si mesmo é uma obra. Não programa exposições, ele mesmo é uma exposição. Não existem galerias, eles mesmo é uma galeria. O museu do cinema é um museu nu, um espaço vago sem nada matérias a expor. Mas sobretudo não é um museu vazio nem um museu sem vida.

UM MUSEU METÁFORA.

O museu é uma metáfora do mundo do cinema. Remontamos às origens do cinema, o museu volta a ir buscar o principio do "Zootrope", este objecto que a partir de movimento e de algumas fendas conseguimos visualizar um imagem em movimento. Ilusão do movimento, animando algumas imagens, criando assim a película de cinema.

No nosso caso, os corpos em movimento constituem as imagens animadas que vêm criar o dispositivo "chronophotographique". A obstrução regular de vistas sucessivas e a quebra regular feita a partir do movimento das pessoas - actores - permitem a sequência de gestos e imagens sucessivas, assim podemos ver as figuras a animarem-se, pausando os momentos temporariamente. Um filme efémero.

UM MUSEU MINIMALISTA.

O museu é um lugar de arquitectura minimalista.

A estrutura não é monumental. Quase frágil, a partir de linhas verticais dispostas umas atrás das outras seguindo a forma do local onde está inserido. Esta simplicidade geométrica é acompanhada por uma estrutura leve em madeira, que pretende concentrar atenção dos visitantes do museu não para a estrutura em si, mas os movimentos num todo que são projetados entre a estrutura. Assim criamos um importante dispositivo da criação cinematográfica efémera.

UM MUSEU PERMEÁVEL .

Um museu que vive do que o ecrã projeta. O ecrã faz o museu. Um écran permeável entre o interior e o exterior é omnipresente. Nada em pede de o atravessar. Um écran poroso.

Esta permeabilidade encontra-se dentro da função de cada visitante-espectador-actor. Não existe museu sem actores e espectadores. É portanto uma obra colectiva.

UM MUSEU CONTEXTUAL .

O museu está integrado no seu lugar ou nos seus lugares. Um museu transportável. Não tem sítio próprio. A sua forma pode-se adaptar a qualquer lugar, paisagem, panorama, decoração e actores. Criando assim, um novo museu.

Museu é acessível a todos, gratuito e destinado a todo o mundo, todas as idades, origens e culturas. Querendo partilhar ao máximo de pessoas possíveis,

UM MUSEU INSTANTÂNEO .

A existência do museu está sempre dependente do tempo em que os visitantes-actores passam nele. O filme dura o tempo que cada visitante desejar. As pessoas fazem viver o museu. O museu para existir necessita de movimento. Se não existem pessoas o museu deixa de existir.

UM MUSEU VIVO.

Uma forte noção de temporalidade existe no museu do cinema.

As unidades de tempo estão pré-definidas : minutos, horas, dias, anos etc....

Mas o tempo altera-se também dependendo da perspectiva em que estamos inseridos. É por isso mesmo que 1 hora de bons momentos não é igual a 1 horas de maus momentos.

No museu do cinema nos podemos encurtar ou alargar o tempo. Uma viagem criada a partir de imagens sucessivas que representam o momento. É um museu que passa filmes sucessivos, partilhando os momentos em diferentes lugares do globo.

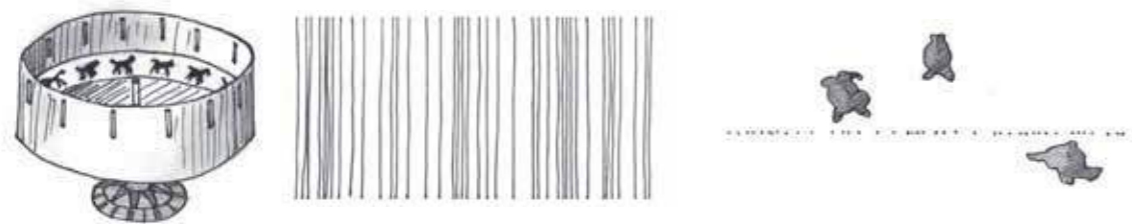


IMAGEM 63 - Algumas das ilustrações criada para o manifesto do Museu do cinema.



IMAGEM 64 - Um "frame" do vídeo de apresentação do Museu do cinema (vídeo anexado em cd).

UBERGRENZUNG

OBJETIVOS GERAIS: Objetivo não era existir um trabalho final, mas sim algo que resultasse do processo dele, era algo que nos fizesse alterar a nossa perspectiva segundo um determinado tema ou pensamento que pudesse estar mais ao menos pré-definido .

DOCENTES: JEAN-MARIE BESLOU

NOTA FINAL: 16

ECTS: 2

Trabalho completo anexado no CD geral.

(grupo composto por Gabrielle Papin, Rania Brika, Gonçalo Raingeard Lopes)

Uma das disciplinas mais interessantes devido ao seu conteúdo atípico foi esta. O conceito de “ready-made” e as bases deste pensamento, por exemplo, Marcel Duchamp um dos principais accionadores do movimento, eram exaustivamente compreendido. No âmbito desta disciplina não era pretendido a apresentação de um trabalho ou projecto final, mas perceber o processo e o percurso que percorremos durante a elaboração de um projecto. No fundo, pretendia-se analisar o caminho percorrido, e a forma como o fazemos, e não o resultado. O nome estranho deste disciplina, por si só, é uma palavra criada a partir de vários idiomas e que pretende significar o conceito de criar, ou seja, fazer algo a partir de ideias dispersas, difusas, desagregadas, sem ter em mente um objetivo final. Partimos de uma problemática que achamos interessante e deixamos automaticamente conduzir-nos por respostas ou processos de trabalho que se desenvolvem, naturalmente, sem nunca pensar no resultado final. Achei uma disciplina muito importante, porque rompe completamente com a dialética à qual estava habituado em Portugal. De novo, uma disciplina inserida no programa de mestrado cujo conteúdo é muito aberto e utópico. A meu ver, são ferramentas que servem para desbloquear o cérebro. Importantíssimas ferramentas que nos ajudam a solucionar e encontrar melhores respostas no nosso dia-a-dia e no exercício da nossa profissão de Arquitetos.

“..IL EST UN POINT QUE JE VEUX ÉTABLIR TRÈS CLAIREMENT, C’EST QUE LE CHOIX DE CES READY-MADES NE ME FUT JAMAIS DICTÉ PAR QUELQUE DÉLECTATION ESTHÉTIQUE. CE CHOIX ÉTAIT FONDÉ SUR UNE RÉACTION D’INDIFFÉRENCE VISUELLE, ASSORTIE AU MÊME MOMENT À UNE ABSENCE TOTALE DE BON OU MAUVAIS GOÛT, EN FAIT UNE ANESTHÉSIE COMPLÈTE”.

(Marcel Duchamp, publicação Duchamp du signe 1994.)

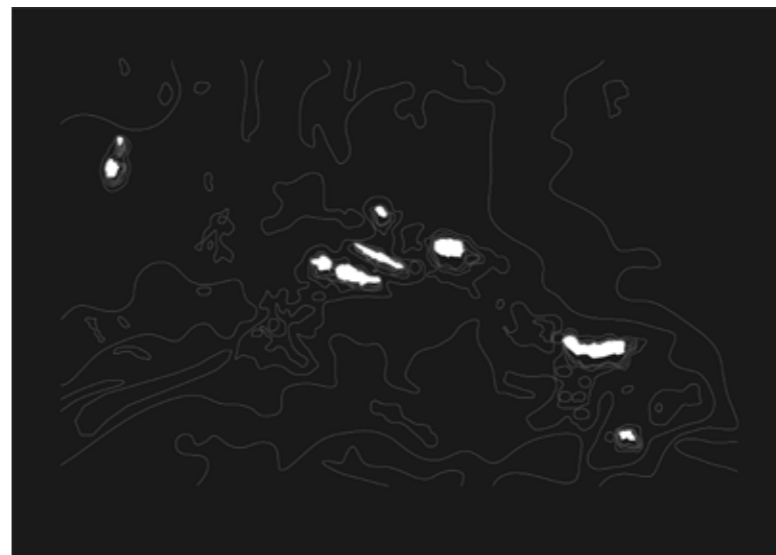


IMAGEM 65 e 66 - Imagens do levantamento topográfico geral do Arquipélago dos Açores. Imagem 56 com curvas de nível com as espessuras “corretas” (menos espessa mais longe, mais espessa mais perto), imagem 57 o inverso. Assim alterando a perspectiva estética da planta.

No caso do meu grupo em concreto, coloquei uma problemática em cima da mesa que foi de imediato acolhida. Baseava-se na insularidade das ilhas dos Açores, minha Terra-Mãe. Insularidade esta que existe devido a milhões e milhões de km cúbicos de água que dividem cada ilha atrás de uma linha de água que gostamos de chamar de “borderline”.

Para a resolução de um problema que neste caso tem uma relação direta com a topografia do terreno era necessário criar formas de estudo. Terreno este composto por várias formas esculpidas a partir de erupções vulcânicas, terrenos que podem variar entre cotas de 0m a 5000m. Foi efectuado um trabalho de pesquisa, principalmente levantamentos do fundo do Mar açoriano, que eram praticamente inexistentes. Estudamos várias formas de criar maquetas para uma reflexão mais concreta acabando por decidir criar maquetas a partir de gelatina alimentar.



IMAGEM 67 - Sombras projetadas na parede quando fazíamos experiências com maquetas de gelatina.

Durante o processo, conseguimos criar uma imagem muito interessante que achávamos que retrataria muito bem a nossa relação com o fundo do mar. Uma imagem que refletisse aquele sentimento misterioso, e ao mesmo tempo assustador, que normalmente sentimos perante um território desta natureza. Um território que está tão presente mas nunca é visto nem pensado.

Foi essa imagem que apresentamos no nosso trabalho final. Apenas uma imagem de todo o processo de trabalho, sem nos preocuparmos com um trabalho final, como estava, até aqui, habituado a fazer.

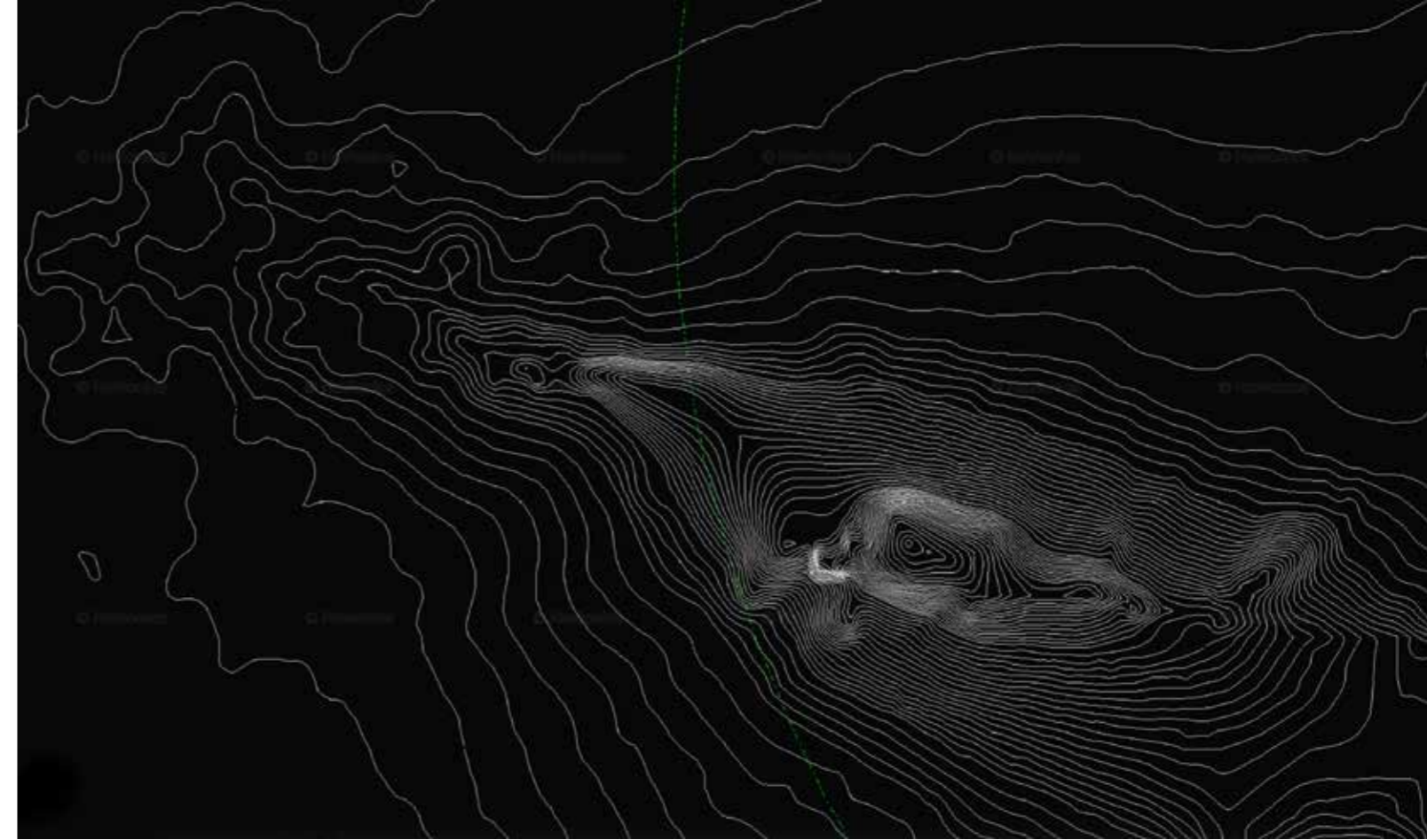


IMAGEM 68 - Um levantamento topográfico feito a partir de um software de gps de barcos, amplitude de cotas de cerca de 4.000m, zona entre a ilha do Pico e S.Jorge.



IMAGEM 69 - Maqueta em gelatina feita a partir de levantamento topográfico do fundo do mar dos Açores (imagem 59). Foto de Gonçalo Raingard Lopes

PROJECTIONS PROFESSIONNELLES

OBJETIVOS GERAIS: Colocar os alunos em contacto direto com cerca de 10 arquitetos em modo de “table-round” para discutir assuntos que tenham a ver com a profissão de arquiteto, desde burocracias da profissão, salários, gestão, leis, construção ou até opções de escolha de outros trabalhos que pudemos eventualmente fazer ou criar tendo o curso de arquitetura.

DOCENTES: BORIS NAULEAU, JÉRÔME SAUTAREL

NOTA FINAL: 15

ECTS: 4

Trabalho completo anexado no CD geral.

(grupo composto por Guillaume Bourven, Gonçalo Raingeard Lopes)

Uma muito importante disciplina para a fase em que nos encontramos, pretende preparar-nos para um futuro próximo cheio de dúvidas e burocracias. As aulas foram sempre dadas na forma de “table round” onde intervenientes discutiam e falavam sobre os seus percursos de forma muito descontraída. Percursos estes completamente diferentes, para podermos perceber as diversas saídas profissionais que se apresentam. Esta disciplina ajudou-me imenso, porque embora ainda não tenha nada decidido, passa-me várias vezes pela cabeça ficar a trabalhar algum tempo em França, como Arquiteto. Acontece que o sistema é um pouco diferente. Basicamente a “grande diferença”, que me foi dada a conhecer pelo presidente da ordem de Arquitectos de “Pays de la Loire” (onde está incluída a cidade de Nantes), Phillipe Martial numa das aulas, foi que, quando terminamos o curso somos portadores de um mestrado de arquitectura, mas não é por isso que podemos ser chamados de “arquitectos”. Para que possamos “assinar” projetos de forma individual precisamos de 6 meses de uma formação HMONP (Habitação de chefe de obra em seu nome próprio) que normalmente é dada na Universidade. A diferença entre os dois Países reside na forma como o aluno é integrado na profissão. Portugal, exige um estágio mais longo (1 ano, aproximadamente) antes de ingressar na Ordem dos Arquitectos, aqui, após o mestrado temos que nos inscrever na formação, estando ao mesmo tempo colocados num gabinete ou atelier de arquitetura. Uma outra diferença, não menos importante, é que após o mestrado não podemos fazer mais estágios, só podemos ser aceites num gabinete como assalariados e com a remuneração devida que está tabelada. Se não os gabinetes de arquitetura não nos podem aceitar, sendo esta medida levada muito a sério pelo gabinete jurídico da ordem.

Recordo uma ocasião em particular, uma das aulas, em que tivemos a oportunidade de partilhar as

nossas experiências profissionais. Em ambiente tranquilo e descontraído, apresentei alguns trabalhos que tinha feito ao longo dos estágios que frequentei, assim com as experiências profissionais que tive ao longo do verão, quer no Atelier M- Arquitectos (2014 e 2015); na empresa de construção Azores On (2016) e alguns trabalhos individuais elaborados para o Designer de Interiores e Artista Plástico, Carlos Mota.

O trabalho final requereu um texto onde explicávamos as perspectivas que tínhamos para o futuro; colocando em prática tudo o que tínhamos absorvido nas aulas, de forma bastante sucinta mas detalhada. No meu caso, o meu grupo era composto por dois membros, e concebemos um cenário de entrevista em que cada qual respondeu a título pessoal, na sequência de um momento de debate conjunto, em que registamos as perguntas que iríamos colocar. Assim, esboçamos uma entrevista, cujas algumas perguntas abaixo transcrevo:

1- O DOMÍNIO DA ARQUITETURA É MUITO VASTO E COMPLEXO. COMO GOSTARIAM DE PRATICAR A DISCIPLINA?

Uma das razões que me fez escolher a arquitectura foi justamente por ser um domínio muito dinâmico que nos deixa uma boa paleta de escolhas. Muitos arquitectos (talvez maior parte), optam por uma profissão mais generalista e tradicional, outros optam por profissões muito mais especializadas em domínios muito precisos.

Ainda não sei como vou exercer a minha profissão, mas tenho ideia que gostaria de passar por várias etapas ou domínios, podendo assim estender os meus conhecimentos. Por outro lado, tenho tido experiências paralelas aos domínios da arquitetura (design, modulagem 3D) nas quais vou ganhando alguma experiência e que apontam que um projeto paralelo individual poderá não ser uma possibilidade a excluir. Gostaria muito de poder trabalhar em vários países ao mesmo tempo. A ideia de ficar preso a um lugar fixo, assusta-me um pouco, neste momento. Um dos intervenientes que me chamou mais atenção, foi o Kark Souprayen, pois ele tem uma base de arquitectura tal como eu, mas especializou-se num domínio muito especial e interessante, a comunicação de projecto que é uma valência para a qual tenho sido chamado a colaborar, ainda durante o curso. É um domínio cada vez mais importante e respeitado. Por entre os intervenientes- oradores e profissionais inspiradores com os quais tivemos a oportunidade de conversar, Etienne Faguiet, de uma forma muito aberta e interessante, mostrou-nos como foi difícil abrir um pequeno atelier sozinho, no início da sua carreira, quer pela burocracia que representa quer pela dificuldade de angariação dos primeiros clientes. No caso deste arquitecto, tem um atelier orientado para projetos de pequena dimensão como por exemplo moradias unifamiliares. Pes-

soalmente, achei menos estimulante que, por exemplo, o Atelier TICA de Grégoire Barraud que embora possuísse um pequeno atelier, tem projetos mais transversais relacionados com domínios como os do urbanismo. Não menos importante, foi o contributo e testemunho prazeroso de ouvir Sébastien Garat, que é um arquitecto da Câmara de Nantes e que se dedica à aprovação de projetos e propostas para a cidade. Desde de espaço urbano a edifícios. Mas é sem dúvida este tipo de trabalho que menos me interessa. Para mim, o mais interessante da nossa profissão é de ser pago para poder sonhar.

2 - A FORMAÇÃO HMNOP (HABITAÇÃO DE CHEFE DE OBRA EM SEU NOME PRÓPRIO) QUE VOS PERMITE INICIAR A VOSSA PRÓPRIA ESTRUTURA. É ALGO QUE VOCÊS VÊM NUM FUTURO PRÓXIMO?

Foi uma das coisas mais discutida durante as aulas. Acho que o início de carreira não me preocuparia muito a HMNOP, porque como ainda tenho tanto que aprender, acho que não me valia de muito começar já a trabalhar de forma individual, mas talvez dentro de 3 anos será algo interessante a ponderar.

3 - O QUE VOCÊS ESPERAM COMO ASSALARIADOS NUM INÍCIO DE CARREIRA?

Para começar se puder escolher, no início de carreira preferiria trabalhar num atelier pequeno ou médio. Pois acho que nos sentimos mais envolvidos nos projetos e conseguimos acompanhar o projeto do início ao fim. Isto é, conseguimos fazer parte de um todo e não trabalhar apenas numa fase, que seria o cenário mais possível no caso de trabalhar num grande atelier. Espero aprender muito mais em todos os aspectos, mas principalmente, em questões técnicas e burocráticas. De qualquer das formas acho que será fundamental passar por uma grande agência, porque pudemos aprender muito a nível de gestão e organização.



IMAGEM 71 - Trabalho de estudo feito num dos estágios profissionais. Desenho e render de Gonçalo Raingeard Lopes.

4 - SENTEM-SE PREPARADOS PARA O MERCADO DE TRABALHO?

Sinto-me preparado embora tenha noção que nos próximos 3 anos de trabalho vou estar em permanente formação, principalmente a níveis burocráticos e técnicos. Durante o nosso curso 90% do tempo é utilizado para a concepção de projeto, felizmente que é assim. É absolutamente necessário que assim seja, 5 anos de desenvolvimento criativo. Agora as coisas começam a ser um pouco mais controladas devido a restringimentos técnicos e económicos, com tudo, espero nunca parar de sonhar com muitos ou poucos obstáculos, a essência de um projecto nunca poderá ser esquecida. Se depender de mim, o sonho e a alma do projeto serão sempre os pilares mais fortes.



IMAGEM 70 - Planta de estudo feita para um estudo de projeto de futura ciclovia na costa sul da ilha de S.Miguel, Açores, Portugal. Planta desenhada e percurso desenhado por mim, durante o estágio profissional no atelier M-Arquitetos.

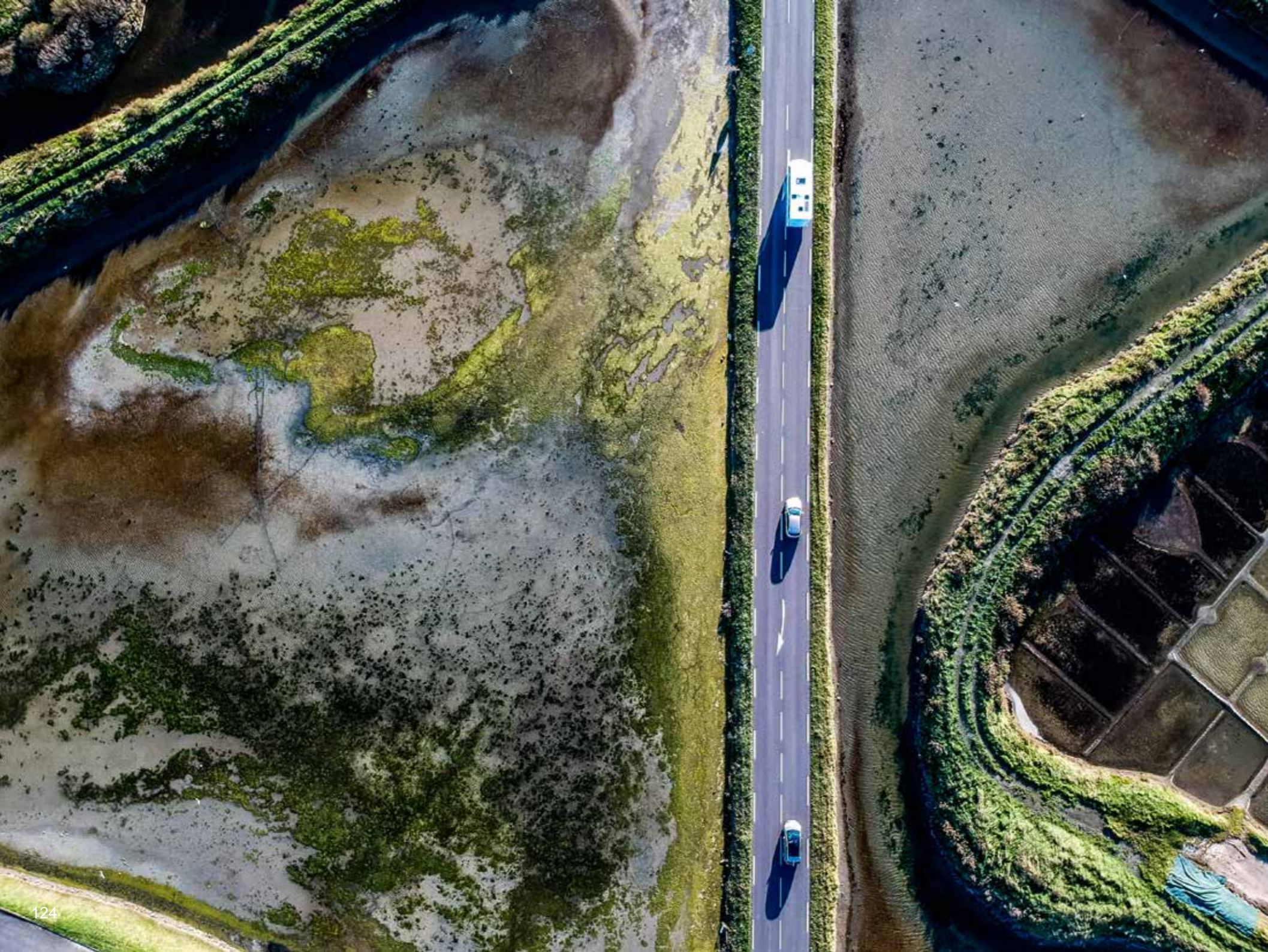


IMAGEM 72 - Imagem conseguida a partir de um drone, salinas de Guerande, França | 80km de distancia de Nantes, foto de Gonçalo Raingeard Lopes, 2017

4.1 PROJETO LONGO, PFA | 2 SEMESTRE

ARCHITECTURE EN SCÈNE

OBJETIVOS GERAIS: Materializar a concepção de um edifício cultural de um programa complexo, desenvolver o projeto até uma fase avançada. Adquirir elementos teóricos e práticos necessários a condução de um projeto de arquitetura que está ligado ao mundo do espetáculo. Trabalhar formas de comunicação ao serviço do projeto.

DOCENTES: LAURENT LESCOP, BRUNO SUNER

NOTA FINAL: 14.4

ECTS: 16

Trabalhos completos anexados no CD geral, painéis e memória descritiva.

Projeto longo constituído por 3 objetos de avaliação, chambre en vie, monografia, e pelo projeto final. Vou começar por apresentar os 2 primeiros exercícios complementares terminando com o projeto final do semestre (Meu PFA).

CHAMBRE EN VIE

Tal como no primeiro semestre, houve um primeiro exercício que tem o objetivo de ser uma espécie de “desbloqueador” de ideias, temas e até para fomento da interação social. Passa-se tudo de uma forma muito descontraída, apresentam-se propostas de pequenos projetos que tenham a ver com a disciplina mãe.

Neste caso, foi um exercício que pretendia a criação de um objeto que não ultrapassasse as dimensões de 1 metro cúbico e que tivesse uma relação pessoal com o exterior. Ou seja, que abordasse um assunto pessoal e a sua relação com o exterior, baseado num filme de Jacques Demy (um realizador, natural de Nantes, cuja obra apresentou, essencialmente, nos anos 50.)

No meu caso, criei um dispositivo com base nas primeiras câmaras fotográficas do mundo. Precisamente no conceito de “câmara obscura”. Dispositivo este que reproduz imagens invertidas, devido a triangulação invertida que é feita a partir do momento que existem raios de luz que entram dentro de uma caixa totalmente preta.

Este objeto foi criado com base em fatos reais de uma altura da minha vida tendo estabelecido uma



IMAGEM 73 - Pequeno esboço do objeto.

espécie de paralelismo com um acontecimento real.

Após um teste oftalmológico, fui forçado a adotar uma nova perspetiva sobre a minha vida. Estávamos no ano de 2013 e eu não pensava em ser arquiteto. Uma sala escura com alguns pontos de luz acabou por alterar o meu rumo ou, pelo menos, aquele que tinha planeado e sonhado para mim. Lembro-me perfeitamente do sentimento ao não conseguir distinguir as diferentes cores que eram projetadas naquela sala escura. Apoderou-se de mim, um sentimento de angústia como nunca antes tinha sentido. Fui instantaneamente absorvido por ele. Ao sair da sala, apercebi-me que não podia ficar preso às minhas perspetivas de futuro. Teria que adotar uma nova perspetiva acerca do meu mundo. E sem este encontro forçado com esta sala escura com pontos de luz coloridos que não conseguia distinguir, acabei por descobrir a arquitetura. É graças a este acontecimento que aqui estou. Permitiu-me descobrir um mundo totalmente diferente daquele que me predispunha a conhecer: diferente e fascinante. Acho que ver o mundo invertido por vezes, ajuda-nos a reparar em pequenos detalhes que por vezes são os mais importantes. Uma família de pilotos resultou num sonho pré-definido, sem grandes questões que eu transporte durante 16 anos. Uma perspetiva invertida resultou num futuro muito mais arriscado e um sonho um pouco mais ambicioso.

Assim, este dispositivo que recriei apresenta 2 ambientes cénicos diferentes; um primeiro, que é criado com a projeção de várias pequenas luzes da mesma cor; um segundo ambiente, que é apenas uma projeção invertida, a mesma representação porém, visto do exterior. Em suma, podemos ver a realidade sob vários prismas, é a nossa percepção, o prisma com que vemos as coisas que nos são apresentadas que altera a forma como agem sobre nós.



IMAGEM 74 | 75 - Imagens dentro do objecto. Imagem 64 representa o exame e imagem 65 após o exame, uma perspetiva invertida.



IMAGEM 76 - Professor a experimentar o objecto .

MONOGRAPHIE

Trabalho teórico muito aprofundado sobre um edifício (cerca de 70 páginas) à escolha que tivesse relação direta com o programa proposto no semestre. No nosso caso, escolhemos o complexo de edifícios do Pole Pixel em Lyon. Um edifício que serviam de estúdios de cinema e salas de espectáculos. Edifícios com uma estrutura muito dinâmica, podendo albergar programas que se alteravam ao longo dos dias.

De uma forma muito resumida apresentou o nosso objeto de estudo “POLE PIXEL”.

Um edifício que provêm de investimentos privados de várias sociedades ligadas ao cinema que proporcionam um papel muito importante no âmbito do cinema em França, vários filmes de renome internacionais e nacionais foram gravados dentro das estruturas do polo. O seu principal objetivo é servir o cinema nacional e a formação nas áreas do cinema e espectáculo. Situado na cidade de Lyon, também conhecida pelo berço do cinema em França, onde os famosos irmãos “Lumiere” puderam dar os seus passos. A terceira maior cidade do país, conta com cerca de 500.000 habitantes. Uma cidade muito interessante a níveis arquitetónicos devido ao número considerável de obras com alguma importância mas também pela topografia muito acentuada, que acaba por criar um carácter muito especial a cidade. Polo Pixel era antigamente um complexo industrial de moinhos elétricos, destinados a transformação de cereal, daí ter vários edifícios implantados. Uns faziam parte da antiga indústria, outros foram acrescentados com o tempo para satisfazer as necessidades do polo, que foi crescendo de forma galopante ao longo dos anos.

Cronologia do projeto num todo é marcada por 4 momentos importantes:

TNP, 1982 - Atelier's de decoração do teatro nacional, investimento incentivado por parte do Sr. Planchon . Uma figura com muito importância no âmbito do mundo do espectáculo em França.

ESTÚDIO 24, 2002 - Projeto da autoria do arq. Nicolas Guillot, um dos espaços que me chamou mais atenção devida ao seu dinamismo, um edifício que podia alterar de programa todos os dias.

Pole pixel, 2006-2016 - Projeto da autoria do atelier “Rue Royal”. Extensão de edifícios em redor, projetos de reabilitação de antigas estruturas vizinhas, expandido o polo.

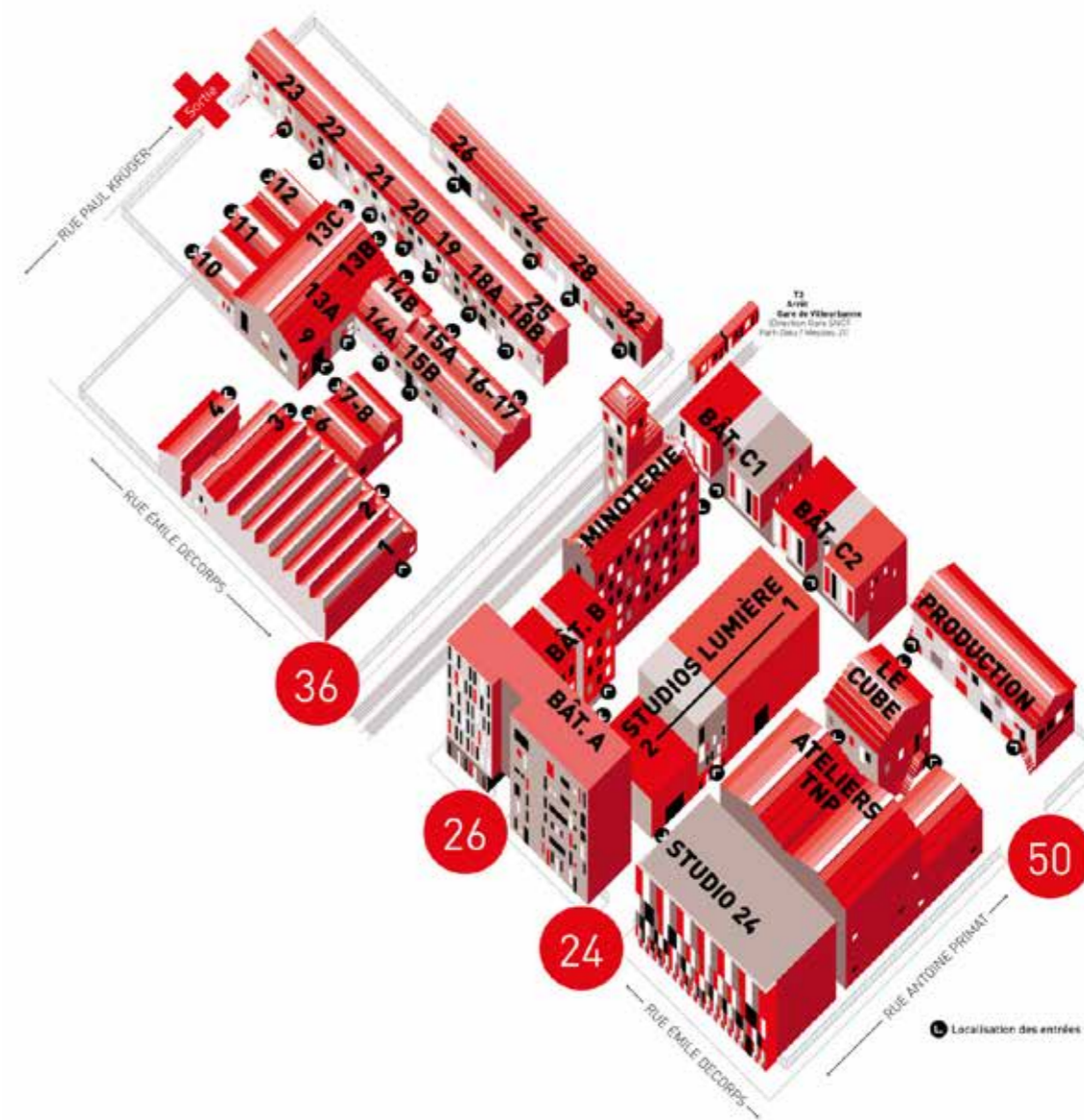


IMAGEM 77 - Esquema da implantação dos diferentes edifícios do “Pole Pixel” .

Uma das razões de estudarmos o Pole Pixel, no âmbito da cadeira de projeto, era exatamente perceber de que maneira podíamos criar um edifício onde vários programas se misturavam e trabalhavam entre si sem nunca criar bloqueios no funcionamento do edifício. Neste caso, era um polo, que a meu ver simplifica um pouco a estrutura. Mas a base da questão será a mesma para um edifício.

Em todo o polo pixel a estrutura que mais se evidenciou foi o STUDIO 24, projetado por o arq. Nicolas Guillot. Pois era um edifício polivalente, composto por uma área total de 900m2 totalmente transformáveis, por vezes era uma sala de espetáculos, concertos, apresentações, formações e até um estúdio de filmagem. Era este dinamismo que queria colocar no meu projeto final, algo que se transforma de forma muito simples se consegue alterar ao longos dos dias e dos anos, criando assim um edifício preparado a resistir ao tempo, tornando-o mais sustentável.



IMAGEM 78 - Plantas do STUDIO 24.



IMAGEM 79 - Foto interior do Pole Pixel, sala preparada para teatro. Foto de Gonçalo Raingeard Lopes.

PROJETO FINAL | PFA

(grupo composto por Wanting Lo, Chloé-Line Vrignaud, Gonçalo Raingard Lopes (PFA))

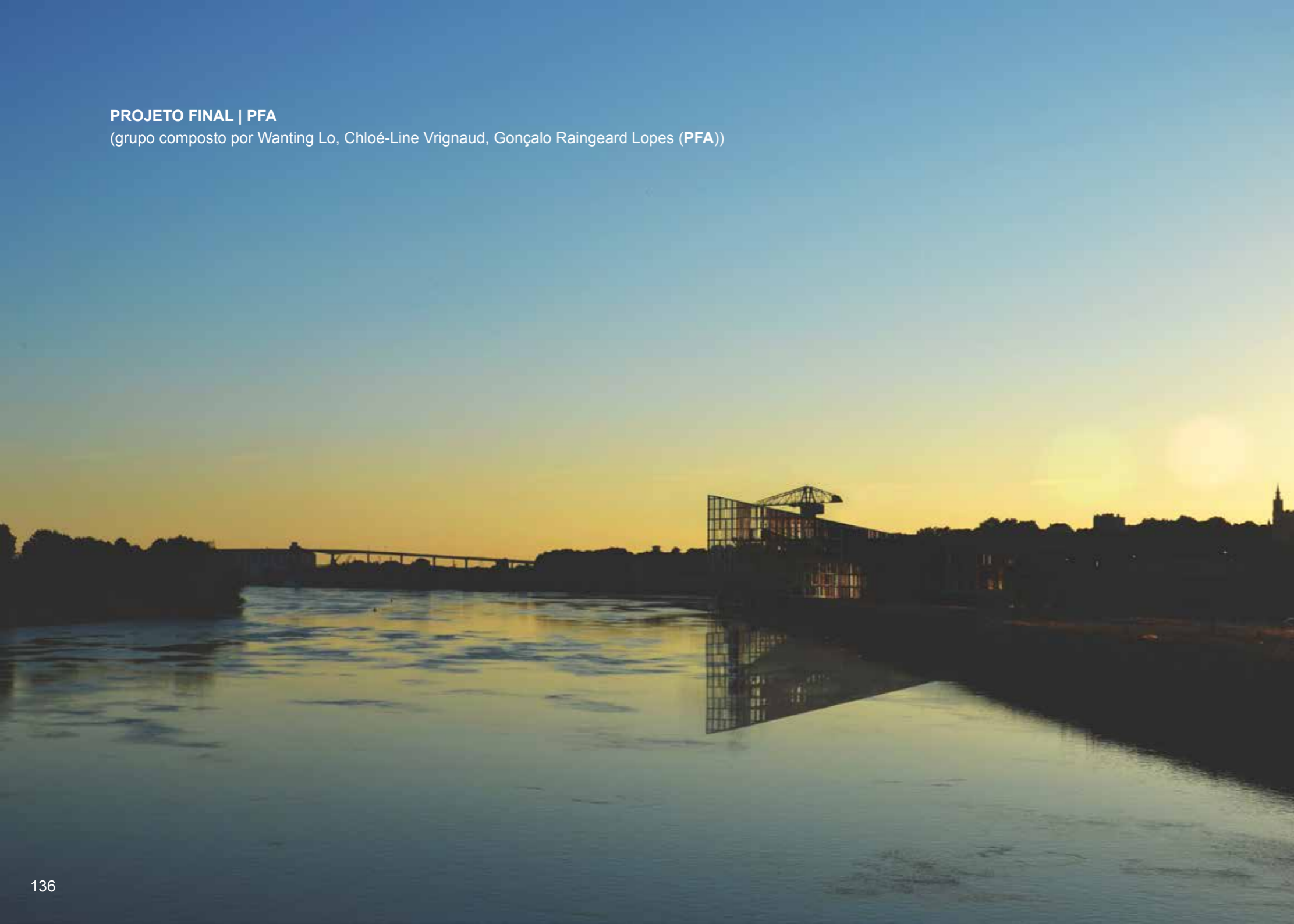


IMAGEM 80 - Imagem exterior fachada sul do projeto "PHARE EN VILLE", Nantes, França | Render de Gonçalo Raingard Lopes, 2018

Este foi o último projeto do meu percurso acadêmico e que correspondeu ao chamado projeto longo, a disciplina mais exigente do 5º ano. Tratou-se de um trabalho de grupo, um grupo composto por três pessoas. Neste particular, sendo um aluno finalista(PFA) e sendo esta uma disciplina do último semestre a coordenação da equipa ficou a meu cargo. A ajudar-me estiveram duas colegas do 4º ano. Por entre outras singularidades, a lógica de organização de grupo também é um exemplo de como esta Escola Superior funciona de forma distinta: o aluno do 5º ano assume, invariavelmente, a liderança da equipa e ao grupo podem juntar-se alunos do 4º ano. Desta vez, sendo o segundo projeto longo do ano, assumi a autoria do projeto, o que não aconteceu no projeto longo do primeiro semestre. Na verdade, o ano entretanto decorrido, permitiu conhecer melhor os colegas e perceber as afinidades e, sobretudo o gosto pessoal. Nesta última fase, tive a oportunidade de trabalhar com colegas muito dotadas e muito cumpridoras que assumiram, cada uma, a responsabilidade por uma área que melhor conheciam ou na qual melhor se sentiam. E assim, com a separação de tarefas por afinidades e gostos, o trabalho desenrolou-se sem constrangimentos.

Projetamos uma casa do cinema, a situar numa das margem do Loire, em Nantes. Tratava-se de responder a um programa complexo, considerando os espaços técnicos obrigatórios num edifício cujas valências são as de uma casa de espetáculos. Embora fosse, de longe, o projeto mais complexo que me foi dado a realizar, tive a oportunidade de colocar em ação novas formas de desenhar espaços dinâmicos de trabalho (mais privados) e, ao mesmo tempo, espaços abertos ao público com normas e constrangimentos próprios à sua função.

Desde o início, até porque é uma constante preocupação da arquitetura francesa nos dias de hoje, este edifício foi projetado com o intuito de vir a ser uma estrutura dinâmica que, de forma simples e sem obras de monta, poderia, num futuro, corresponder a alterações de programa. Esta particularidade, presente e pensada para a maior parte dos edifícios públicos, permite transformar os edifícios estáticos em edifícios mais sustentáveis, pois evoluem sem complicações, com a vida da cidade e as necessidades dos seus habitantes. A sustentabilidade deste edifício não significa que fosse unicamente utilizados matérias "bio-source" mas, embora tivéssemos privilegiado este tipo de matérias, significava que o edifício pode reorganizar-se e assumir novas funções no futuro, sem complicações, sem demolições e sem novas edificações. O seu carácter permanente reside na sua versatilidade, em suma, na sua arquitetura dinâmica.

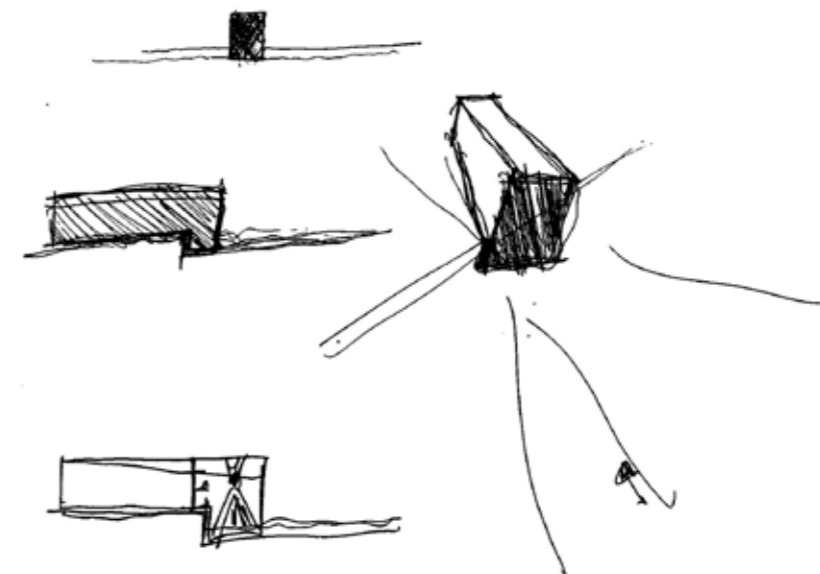


IMAGEM 81 - Esquisso do projeto.

Jacques Demy, foi sem dúvida uma personagem importante no cinema francês dos anos 60, devido à sua forma particular de realizar filmes. Conseguindo projectar França para o mundo, no mundo do cinema, como por exemplo, com o êxito do filme “Parapluies de Cherbourg”.

Era oriundo de Nantes, daí ter filmado muitas das vezes na sua cidade Natal. Foi precisamente por este motivo que os professores incentivaram-nos a conhecer melhor este realizador.

Não tenho certezas absolutas no âmbito da arquitetura, mas neste caso, achei que não devia criar um edifício que tivesse uma relação direta e ligação evidente e imediata com uma personagem, neste caso, com o realizador nantês. Embora achasse muito interessante o trabalho do realizador Nantês, pois utilizava uma linguagem gráfica na sua abordagem e da sua realização saíram obras icónicas em que os ambientes e cenas eram pensadas e criadas ao ínfimo pormenor (com o uso exaustivo de cores e padrões), não foi o suficiente para encontrar uma fonte de inspiração linear e imediata para a criação do meu edifício.

No entanto, foi sem dúvida, muito importante conhecer o trabalho de Demy, pois mostrou-me uma perspetiva de Nantes que acabou por influenciar a escolha do lugar de implantação, contudo uma das componentes a colocar no programa do edifício era um espaço museológico dedicado ao realizador.



IMAGEM 82 - “Frame” retirado do filme “LOLA” de Jacques Demy, nesta imagem podemos ver o carácter industrial da ilha de Nantes que era evidenciado nos filmes.

IMAGEM 83 - Realizador de cinema, Jacques Demy.



Para mim foi bastante difícil relatar o processo de concepção deste projeto por escrito, pois foi um processo que aconteceu de forma muito natural e genuína. Colocar todo o processo de forma sintetizada e separada tornou-se uma tarefa árdua.

As peças do puzzle foram-se encaixando de forma natural, sem ser necessário começar por qualquer ponta. Eleger uma zona de intervenção pareceu-nos prioritário e evidente. Fomos motivados pelas imagens dos filmes de Jacques Demy, que apresentavam a Ilha de Nantes nos anos 60, um lugar industrial e fascinante devido à densa malha irregular desenhada a partir de inúmeras estruturas. Um lugar que com o passar dos anos, acabou por ser central na cidade de Nantes. Um lugar em desenvolvimento: onde inúmeros arquitetos e urbanistas se debruçam diariamente. Um lugar crítico.

Como já referi anteriormente ao longo deste relatório, a Ilha de Nantes era e é, um lugar de criação, concepção e exportação. Os anos não apagaram esta característica tão única mas que evoluiu no decurso dos anos, passando de área industrial, muito ligada ao ferro e à construção naval, para uma zona de criação menos material e menos industrial mas mais intelectual e criativa. O espaço escolhido para a implantação do nosso projeto é hoje, e espera-se, no futuro, um local de produção de ideias e de novas indústrias criativas. A chamada Ilha de Nantes é hoje em dia conhecida como um pólo de áreas relacionadas com a criatividade e cultura. Esta é destinada, principalmente, a concepção e formação em diferentes áreas como; arquitectura, design, artes plásticas, comunicação, construção, informática, ciências numéricas engenharia e artes vivas.

Contudo, a meu ver, o sistema e a estrutura da ilha continuam a ser o mesmo da década de 50 nos dias de hoje, em que coexistem com a indústria criativa zonas de concepção e transformação de material que é exportado para o resto do mundo.

Apesar da renovação evidente e da requalificação deste espaço, podemos encontrar alguns aspectos e edificações interessantes, que foram preservados ao longos dos anos e que tinham relação direta com as actividades que se desenrolavam no espaço, entre estes, as rampas, que estão dispostas um pouco por toda a ilha.


DESENHAR UMA RAMPA INVERTIDA, PODIA SER UMA ESPÉCIE DE METÁFORA. O MESMO OBJECTO COM O MESMO OBJETIVO: A PROJEÇÃO. JÁ NÃO SERIA CONCEBIDA PARA PROJEÇÃO DE BARCOS, MAS SIM, DE CINEMA. PROJEÇÃO DE CINEMA PARA O RESTO DO MUNDO. ESTE FOI SEM DUVIDA, UM DOS EIXOS MAS IMPORTANTES DO DESENHO FINAL DO EDIFÍCIO, ACONTECEU DE FORMA MUITO ESPONTÂNEA E NATURAL, COMO JÁ REFERI. 



IMAGEM 84 | 85 - Um barco a ser lançado numa das rampas da ilha de Nantes, fotografia da década de 60. Fonte site de "Ouest France". | Esquisso explicativo da forma do edifício, representa uma "rampa invertida".

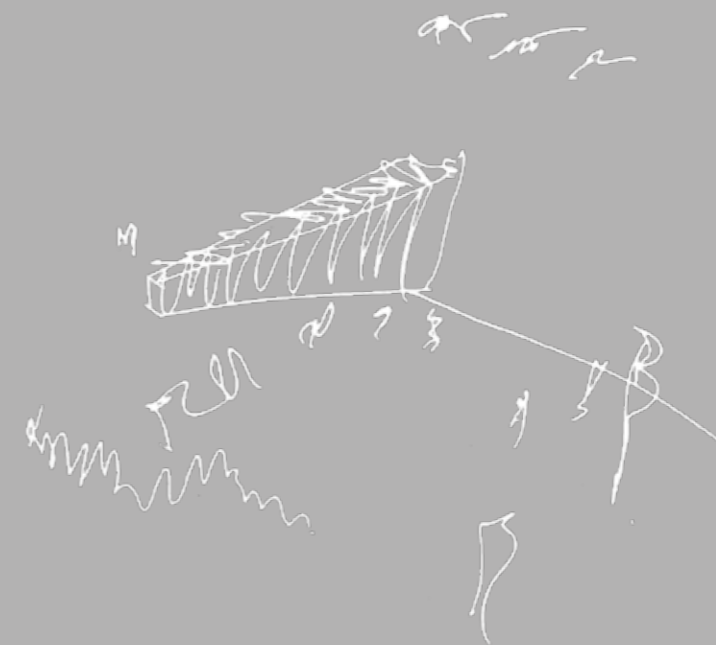
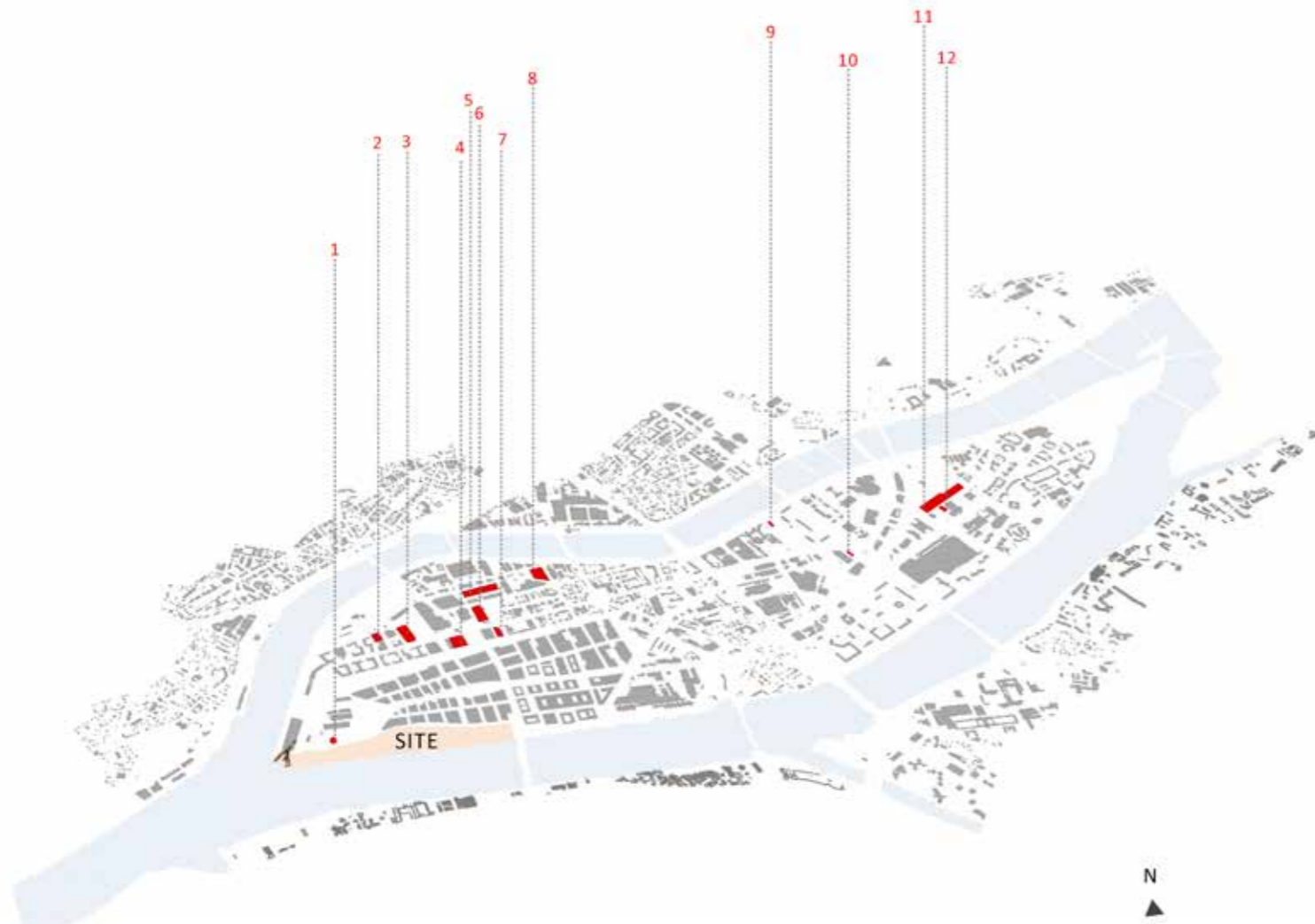


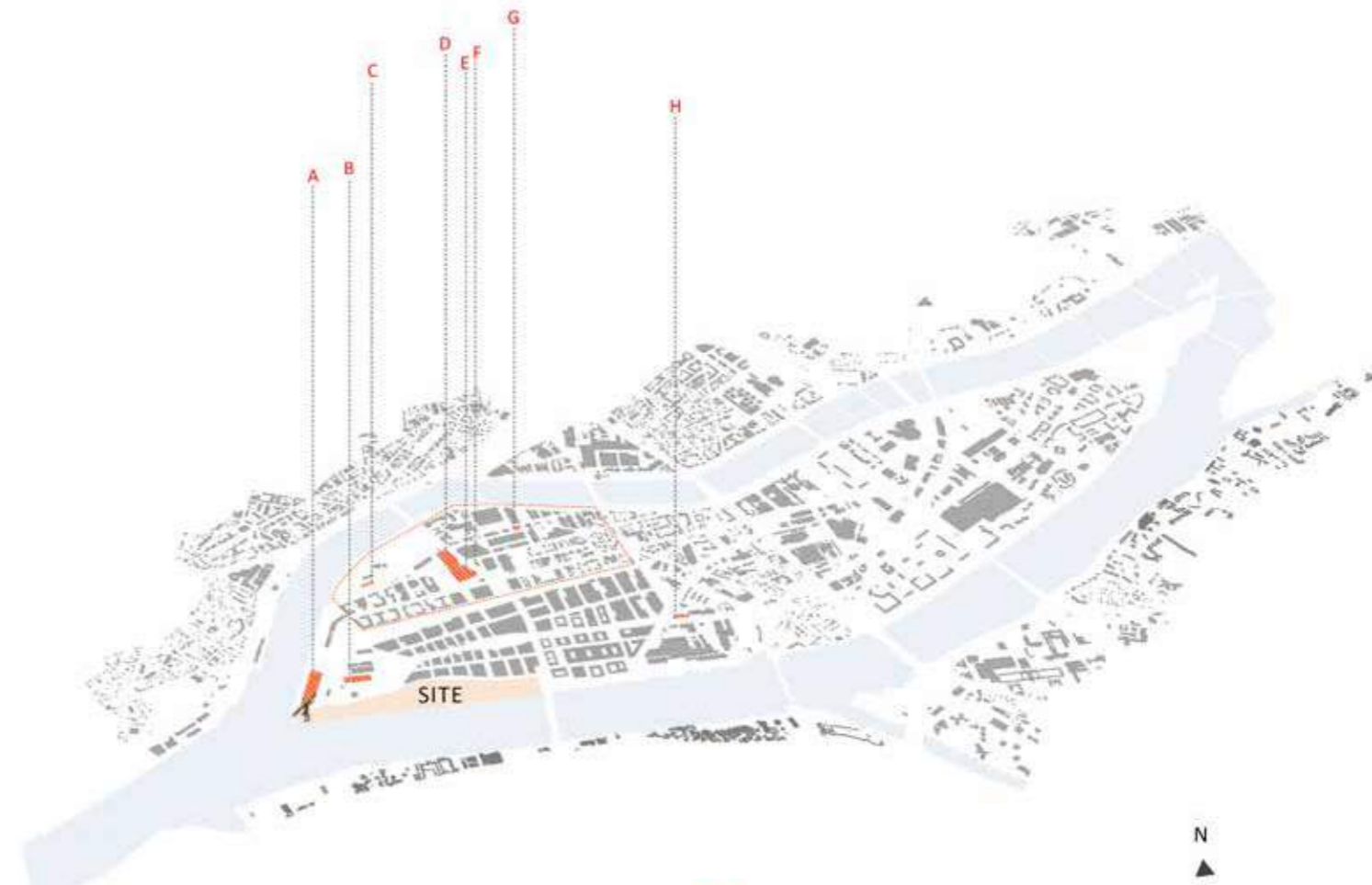
IMAGEM 86 - Foto aérea da zona de implantação.





- Formação** - 1 Chapidock, escola de circo; 2 ESMA, Escola Superior de Matérias Artistas; 3 Espaço cidade, escritórios e; 4 Grupo escolar, escolas primárias e creches; 5 Reabilitação de alas Alstom, empresas, pólos de universidades dedicados a investigação numérica, pólo de animação dedicado as indústrias culturais e criativas; 6 Pólo de artes gráficas; 7 Media Campus; 8 Escola de arquitetura; 9 Polaris, escola de hotelaria; 10 Ílot shell, actividades de ensino superior; 11 Liceu Nelson Mandela; 12 Pont superieur, pólo de aprendizagem de espectáculos vivos.

IMAGEM 87 - Esquema Ilha de Nantes, explicação da escolha da zona de implantação, quanto a zona de formação.



- Zona de criação.**
 -15ha dedicados a industriais culturais e criativas.
 -90000m2 edificios.
 -4000 estudantes.
 -100 professores e investigadores.
 -1000 empregados diretos e indiretos.
- Espaços de criação/exposição.**
 - A hangar banane
 - B le karting
 - C espaço cidade
 - D equipamento das maquinas da ilha
 - E a fábrica
 - F edificio B
 - G ilha vermelha
 - H a central

IMAGEM 88 - Esquema Ilha de Nantes, explicação da escolha da zona de implantação, quanto a zonas de criação e exposição.

Como já referi, a Ilha de Nantes encontra-se em constante metamorfose, o local escolhido para a implantação do edifício está inserido numa pequena porção de um projeto urbanístico de estudo, do atelier “uapS” (composto por urbanistas e paisagistas, sediado a Paris).

O projeto, embora se encontre em fase de estudo, já denunciava algumas ideias centrais. O conceito era simples: voltar a deixar que a natureza invadissem as margens do Loire, criar um parque urbano com um aspeto natural, pela reintrodução de espécies endémicas, com caminhos simples e minerais que seriam traçados segundo uma nova malha urbana que se ia inserir na zona.

Portanto, acabava por ir ao encontro de um ambiente favorável para a implantação de um edifício como o nosso. Um edifício que pretendia abordar o tema da arquitetura sustentável de uma forma muito responsável e séria.

Um dos pontos interessantes do nosso edifício é o fato de querer albergar um programa extremamente rico e dinâmico, o que, aliás, foi sem dúvida o mais difícil.

A questão essencial foi perceber de que forma o mesmo edifício pode responder a vários programas, todos de naturezas e com objetivos diferentes, sem comprometer o movimento de cada habitante. Ou seja, queríamos que o edifício funcionasse como uma espécie de habitat organizado, em que cada habitante podia desenvolver a sua atividade dentro do mesmo espaço sem bloquear o movimento do outro.

Isto, para dizer que, graças ao projeto de estudo existente para a criação deste parque urbano, conseguimos incluir mais uma função dentro do programa inicialmente colocado pela universidade: uma plataforma de barcos. Existe uma rede extremamente rica de transportes públicos na cidade de Nantes, que se completa com a introdução de alguns trajetos realizados de barco. Esta, foi para nós, uma oportunidade de enriquecer o nosso edifício e trazer movimento para dentro do espaço, 24 horas por dia. Esta nossa necessidade de colocar movimento e energia dentro do edifício, vinha de encontro com algumas ideias que acabaram por criar a nossa “Maison du cinema”.

Embora existam vários projetos que mostram que à volta do parque vão nascer inúmeras zonas de edificado. Hoje em dia, existem apenas pequenos edifícios junto as margens norte do Loire e uma grua de 50m (Grua Tintan cinzenta) que foi considerada um monumento histórico em 2005. Esta grua foi um objeto importante na criação do nosso edifício, porque nos possibilitou encontrar a escala adequada.



IMAGEM 89 - Foto montagens explicativa do projeto de estudo do atelier “uapS”.

CINEMA + PROJEÇÃO DE LUZ + MARGEM DO LOIRE = UM FAROL NA CIDADE

Um edifício que se projeta segundo a forma de rampa invertida no eixo principal do “Loire”, projetando luz e imagens para o rio Loire, Nantes, França e, como exemplo, para o Mundo. Um farol na cidade.

Um edifício que se situa num local muito interessante da Ilha de Nantes. Um local de trabalho, uma fábrica de criação desenhada de forma a que pudesse acolher o seu público-alvo, mas sem nunca afetar a vida de quem lá trabalha.

Design expressivo e impactante mas, ao mesmo tempo, leve. Um objeto que sozinho funcionasse como uma fábrica de energia transparente, que permitisse perceber os movimentos (a vida e a energia) de quem o habita, composto por quase 6000 m2 distribuída por 6 pisos. A vida da fachada é trazida pelos percursos que podem ser vistos no exterior do edifício, pelas assimetrias e corredores aéreos que permitem a passagem de todos os que nele trabalham ou visitam. Seria um edifício vivo no interior e vivo para quem o vislumbra do exterior, criando uma espécie de fachada viva. Um edifício que num só objeto cria um espaço de criação, um espaço de lazer, e uma estação de barcos. O projeto foi desenhado na tentativa de inserção das plantas de estudo do futuro projeto urbano do local.

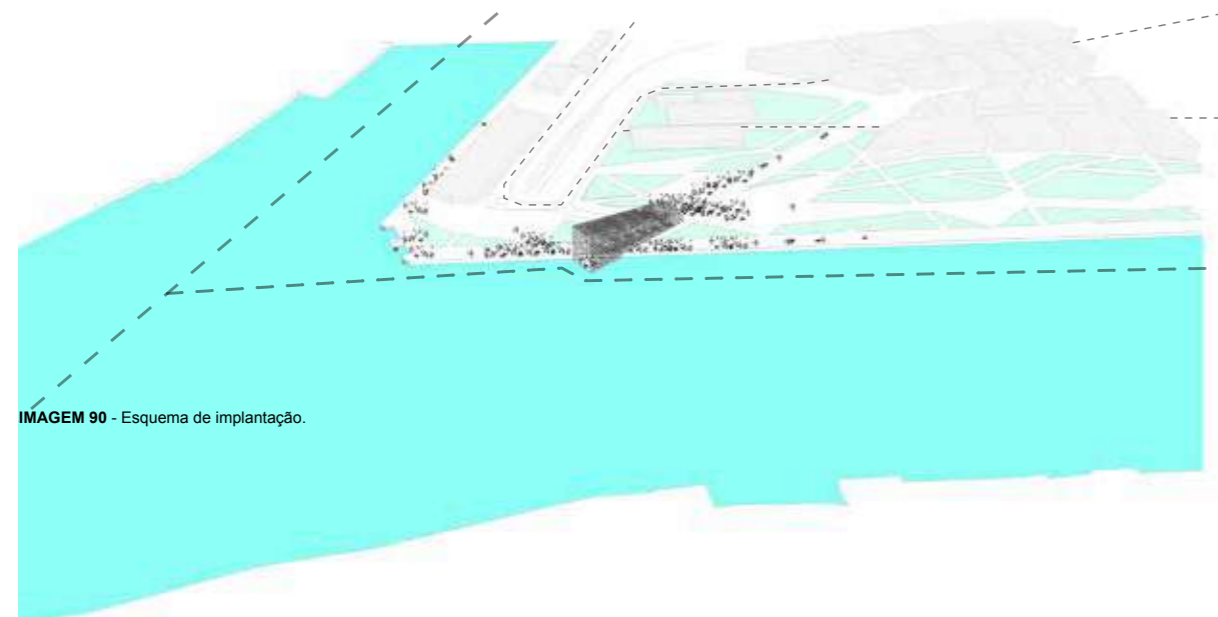


IMAGEM 90 - Esquema de implantação.

“THE CHALLENGE IS TO MAKE DIFFERENT POPULATION TOGETHER IN A UNIQUE PLACE ”

(NOUVEL, 2018)



IMAGEM 91 - Esqueto de esquema programático.



IMAGEM 92 - Rendszer exterior da fachada norte do projeto "PHARE EN VILLE", Nantes, França | Rendszer de Gonçalo Ralnggaard Lopes, 2018

Depois de definidas as intenções primárias, surgem as questões de fundo.

Como conjugar um edifício de trabalho com um edifício de utilização pública sem criar divisões? A preocupação manteve-se sempre presente ao longo do projeto visto que queríamos que o edifício conseguisse conjugar de forma saudável um percurso público e privado ao mesmo tempo.

Optamos por criar um edifício bio-source, porque achamos que é uma forma de contribuir para o bem estar de todos e preservar o meio ambiente, demonstrando que é possível construir edifícios de grandes dimensões com recurso a matérias “ECO”. Chegamos à conclusão, que não só é possível como é absolutamente incrível. Esta oportunidade de projetar teria a dupla vantagem de servir de bom exemplo do ponto de vista da preocupação com o ambiente e do modelo a replicar.

Considerando esta nossa preocupação, criamos uma estrutura em trama, cuja matéria elegida foi a madeira.

Projetamos todo o edifício com base num pensamento simplificado.

Sucintamente, descreveria a sua arquitetura decorrente da edificação de dois grandes volumes sólidos, seguindo as orientações trazidas pela sua trama estrutural, alternamos corredores de circulação, abertos e ventilados, com espaços mais confinados de trabalho e, ainda, o acesso a espaços públicos. Durante a criação do projeto houve, sem dúvida, um apoio fundamental em alguns pontos bases da Arquitetura contemporânea, por exemplo a planta livre, podendo assim oferecer espaços mais dinâmicos e facilmente alteráveis. A luz natural, a leveza da estrutura, a incorporação de materiais amigos do ambiente, a luz que projetaria para o exterior e a luz natural que deveria entrar no edifício foram permanentes preocupações.

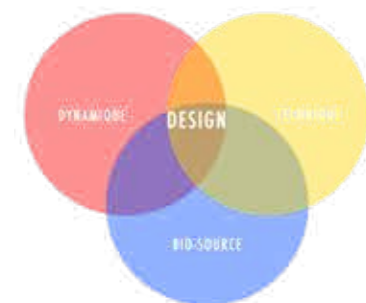


IMAGEM 93 - Esquema de solução do design.

IMAGEM 94 - Disposição do programa.

Um jogo entre espaços interiores e exteriores era importante, devido a questões de ventilação, mas também para não criar barreiras estéticas nem físicas, um edifício com vários programas públicos, que não bloqueiam fluxos. A trama estrutural acabou por facilitar e sintetizar o processo. Um edifício com uma fachada sem início nem fim, como uma trama que acompanha todo o edifício, de terra para o céu e vice-versa, uma fachada viva, que respira de acordo com o movimento interior que pudessem reproduzir o interior para o exterior de forma permanente apenas com energia que abundava no interior do edifício, desta forma queremos passar de uma forma direta o interior do edifício para o exterior, quase como se fosse uma tela de cinema onde se vive de vibrações cinematográficas como antigos sistemas de cinema (explicação do sistema para as fachadas na pág.107).

A ideia também tinha como base criar 3 diferentes ritmos, que no seu conjunto conseguissem criar uma espécie de sensação de projecção de luz que se ia desvanecendo com a distância.

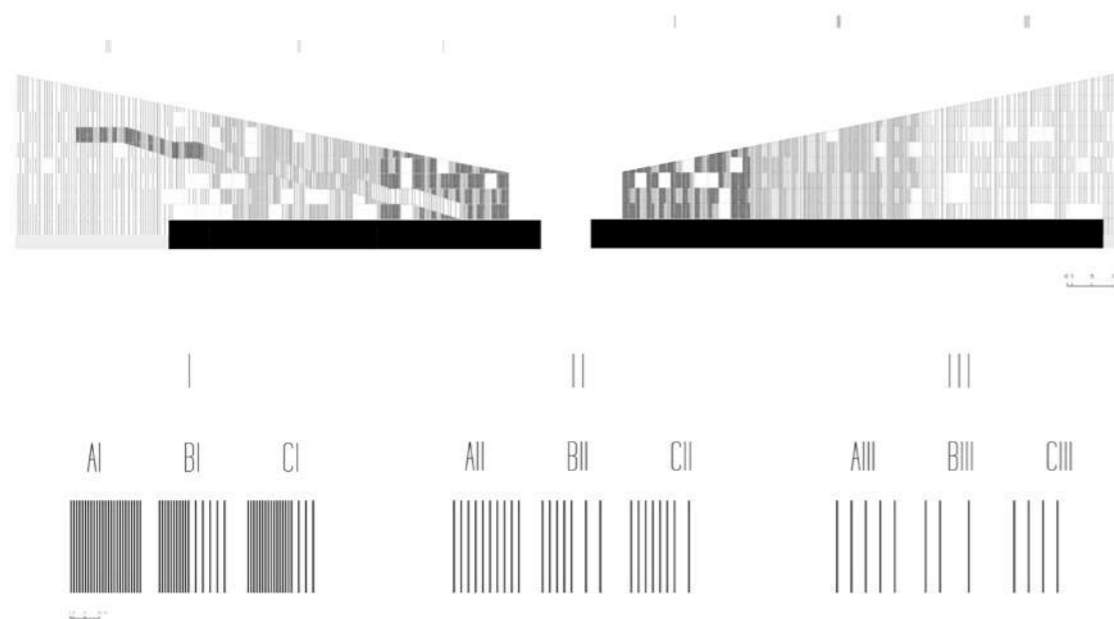


IMAGEM 95 - Esquema das diferentes ritmos na fachada.



IMAGEM 96 - Render do projeto "Phare en ville", fachada sul.

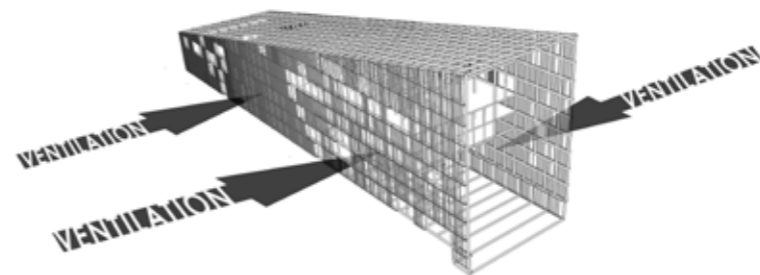


IMAGEM 97 | 98 - Axonometrias para reforçar a importância da iluminação e ventilação natural dentro do edifício .

Como já referi (pág.142), o processo de criação do projeto, foi algo que aconteceu de forma muito natural.

O projeto é marcado por um gesto, particularmente interessante, que se baseia no desenho de uma escadaria monumental, que tem como objetivo distribuir os habitantes pelos diferentes pisos.

Desde cedo, os meus professores compararam com o projeto de Renzo Piano e Richard Rogers, no Centro Pompidou, em Paris. Para ser sincero, durante o processo de trabalho, nunca me ocorreu esta comparação, pelo menos de forma consciente. Como se sabe, a inspiração de um arquiteto vem de obras, objectos, imagens que visualizou e que marcaram o seu pensamento, ao longo da sua formação: Provavelmente este caso, acabou por ser um exemplo inédito deste processo.

Na minha opinião, creio que no processo de criação o primeiro contato com o objeto de estudo é um dos momentos mais importantes, porque apela ao nosso sentido natural e espontâneo, e é por isso, que este primeiro contato tem que ser feito da forma menos condicionada possível sem ideias pré-concebidas.

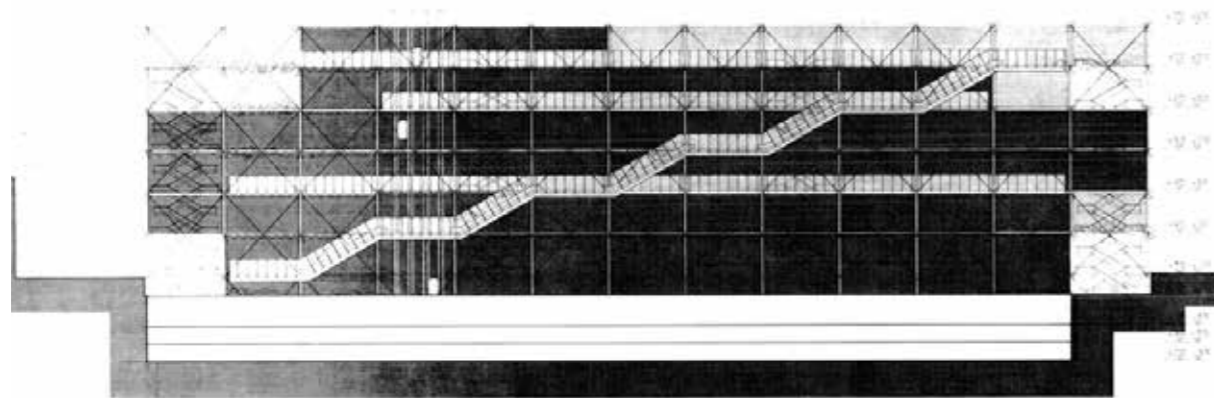


IMAGEM 99 - Desenho de fachada do Centro Pompidou. Fonte: site de Roger Stirk Harbour + Partners.

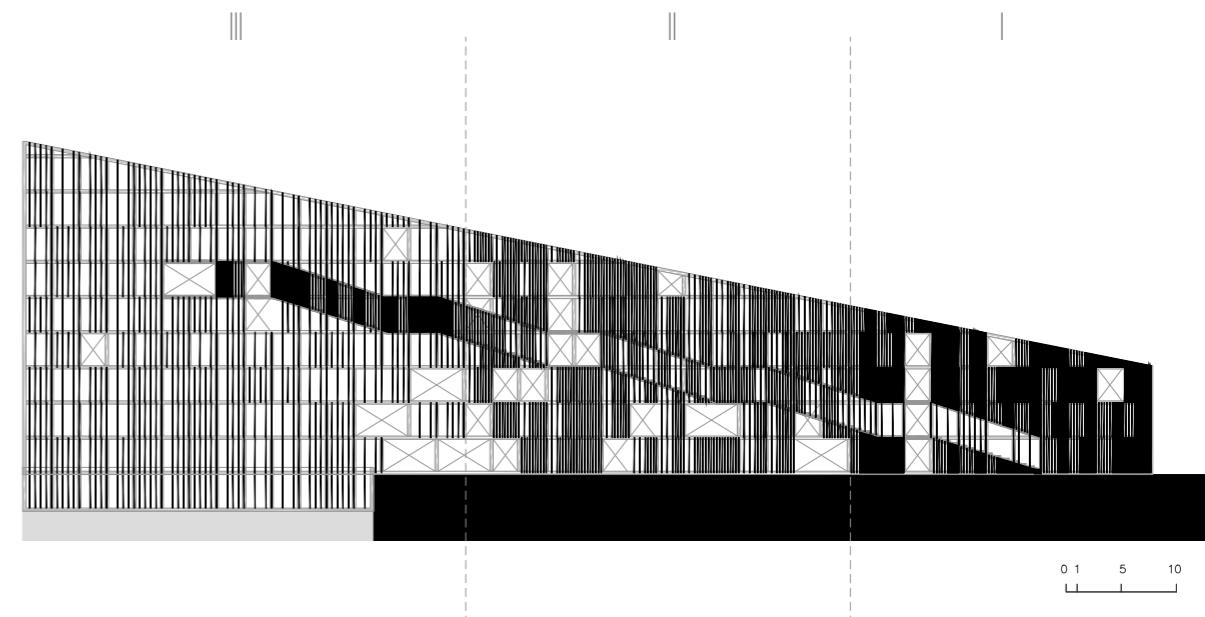


IMAGEM 100 - Fachada sul.

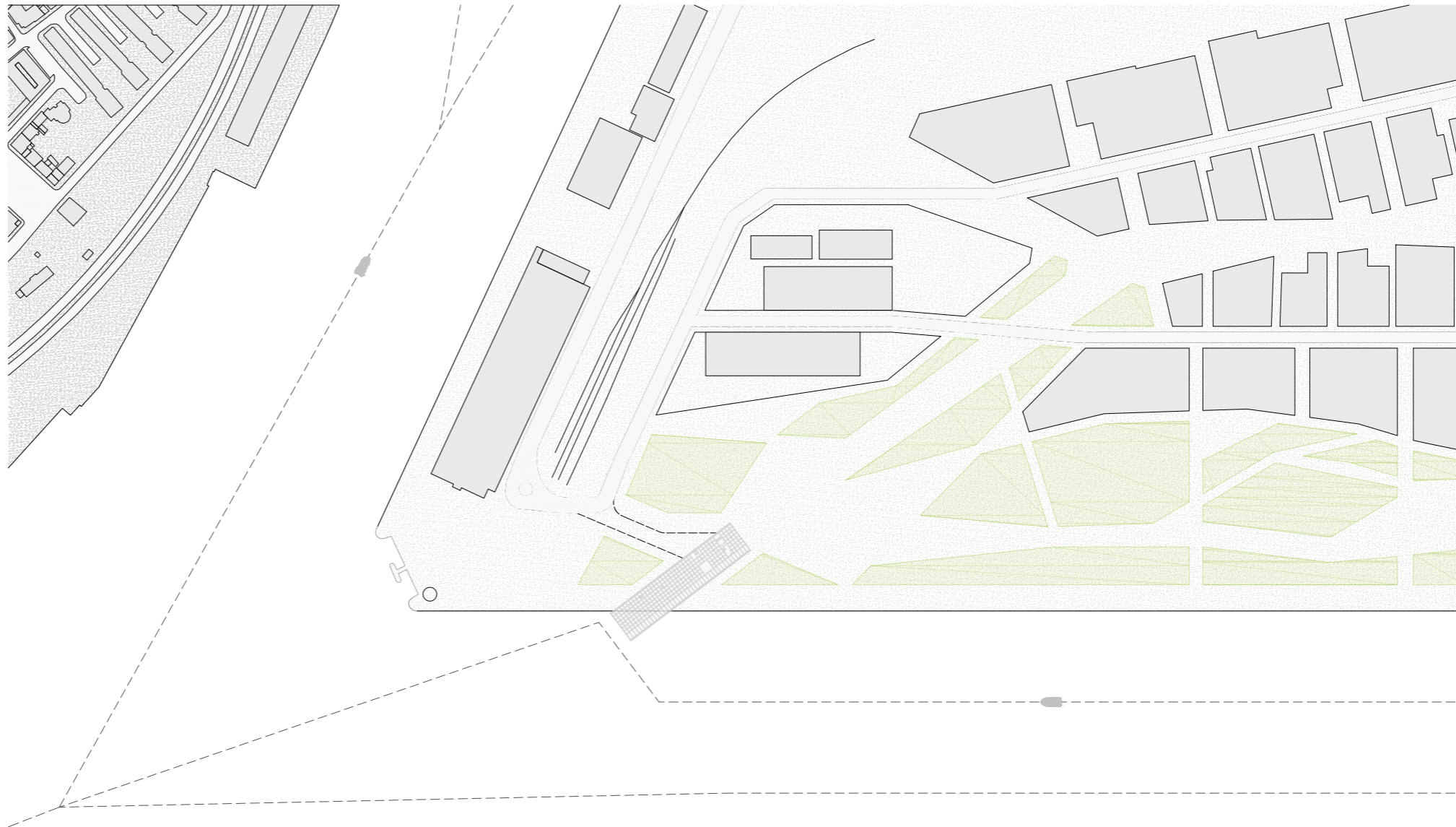
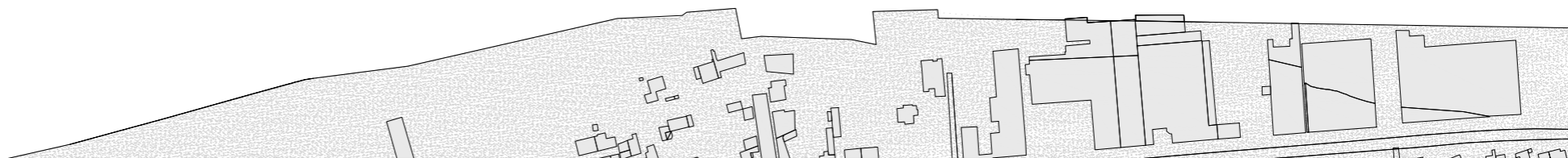


IMAGEM 101 - Planta de implantação .



Um programa extenso preparado para receber espaços técnicos de um edifício que pudesse criar cinema mas também, polivalente o suficiente para receber diariamente uma atividade pública. A ideia era que o edifício pudesse ter espaços dinâmicos de forma a puderem facilmente transformados, corredores e espaços abertos que pudessem ser utilizados como espaços de trabalho sempre respondendo as necessidades do momento, até porque no âmbito do cinema os projetos são de caráter temporário, muitas das equipas estabelecem-se no local apenas durante uns meses, ou seja, para nós era importante que o espaço fosse dinâmico não apenas pela sustentabilidade do edifício mas também por este factor que está diretamente relacionado com o nosso programa.

5837 m2 de área total, distribuídos entre 6 pisos dentro de uma implantação de 102.8m x 22.8m = 2344 m2. Composta por uma sala de cinema de 326m2; um estúdio (1) permanente + espaços técnicos de apoio 295m2 + um atelier de apoio de 80m2; um estúdio (2) temporário que pode servir de espaço expositivo 338m2; um espaço museológico permanente 510m2; um espaço destinado a restauração 580m2; um cais de barcos + zona exterior coberta; zona de descargas de material 125m2; áreas técnicas de apoio ao edifício 1072m2; 2500 m2 de espaço transformável de trabalho.

“...deve de seguir um programa, programa este que será criado a partir de movimentos e de repetições de movimentos. Portanto, será hipoteticamente correto dizer-se que a arquitetura é feita a partir de previsões de movimentos. E para mim, quanto mais ampla for a previsão destes movimentos, ou seja, quantos mais movimentos a nossa arquitetura estará disposta a acolher e acondicionar, melhor terá sido o nosso trabalho. Uma arquitetura bem pensada, dinâmica e intemporal é aquela que tem elasticidade suficiente para acolher um número indefinido de movimentos.”

(pág.105)

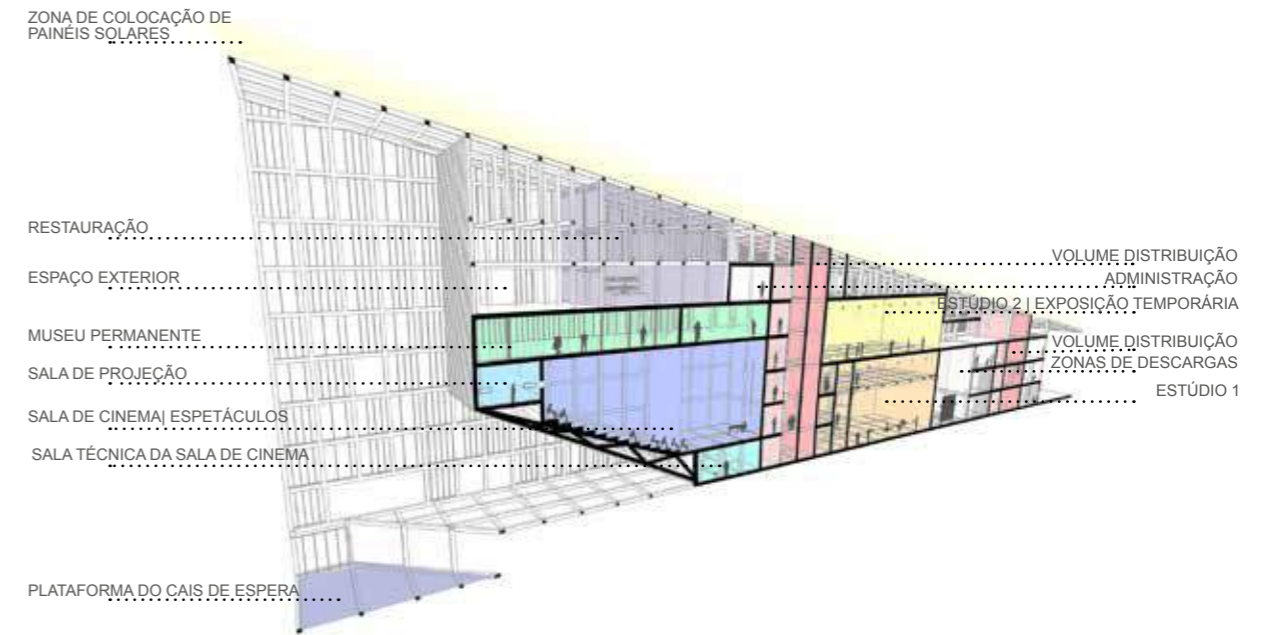


IMAGEM 102 - Corte em perspectiva .

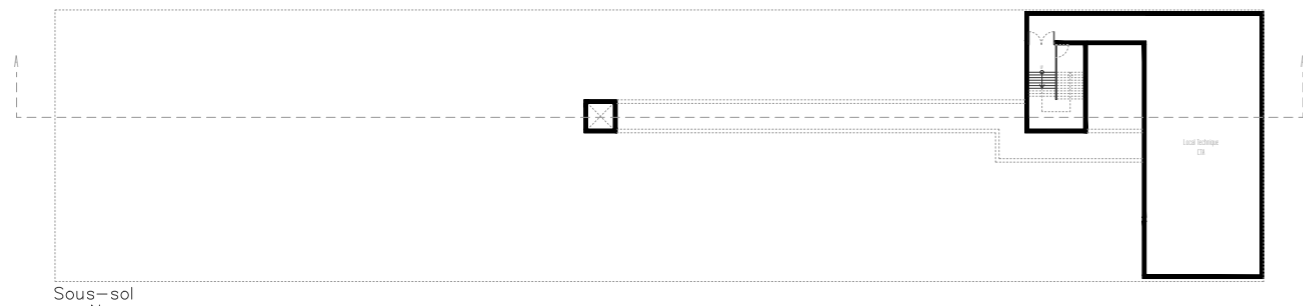
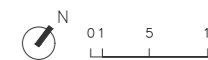


IMAGEM 103 | 104 | 105 | 106 - Plantas.



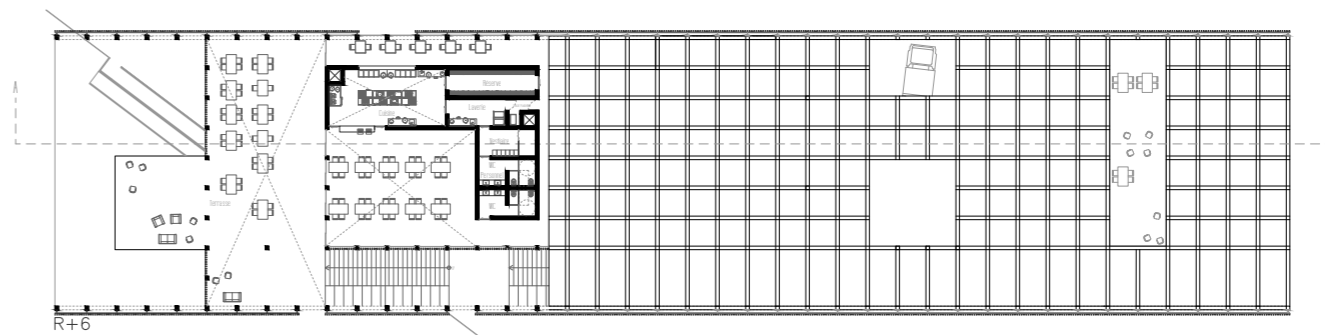
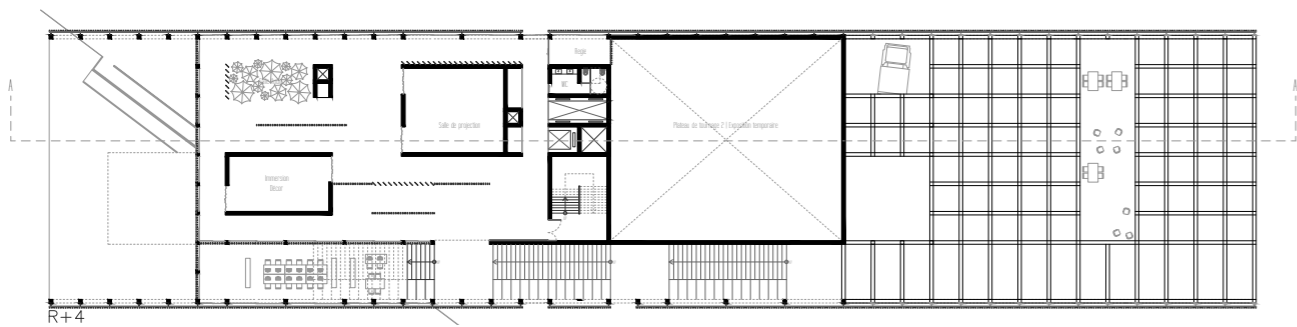
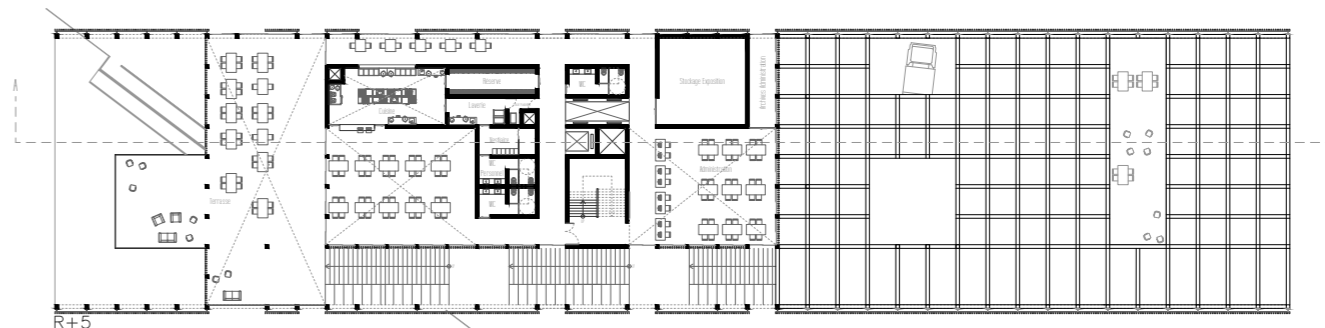
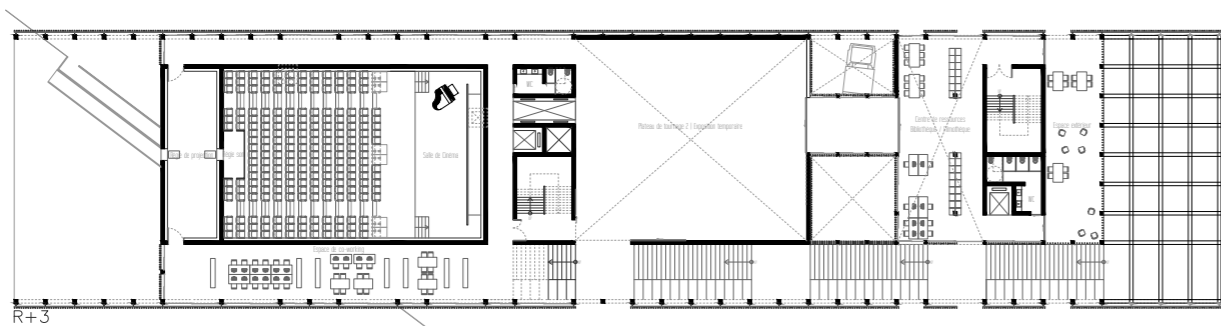


IMAGEM 107 | 108 | 109 | 110 - Plantas.

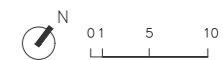
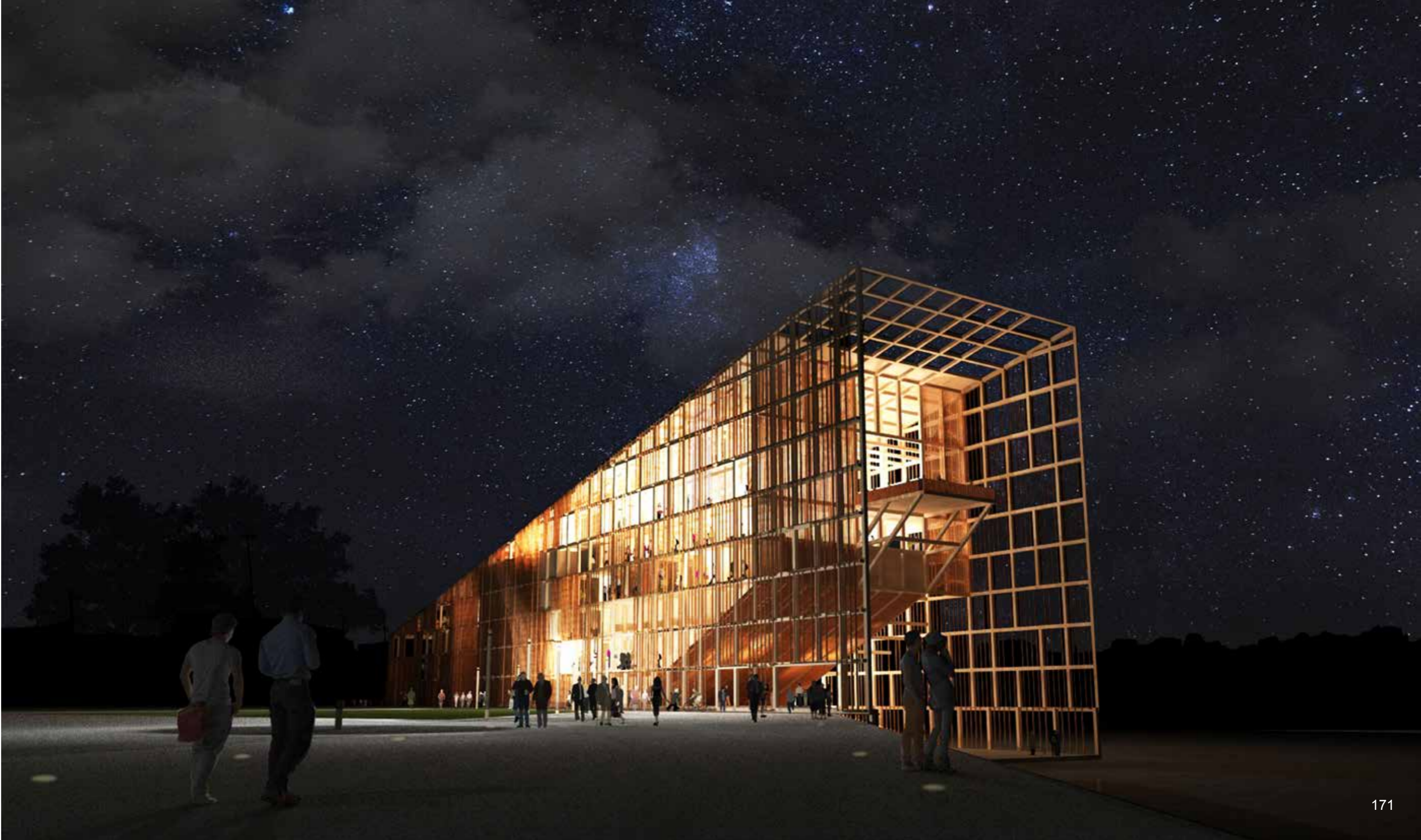


IMAGEM 111 - Render exterior do projeto "PHARE EN VILLE", Nantes, França | Render de Conçalo Raingard Lopes, 2018



A PROJEÇÃO DE UM FUTURO MAIS SUSTENTÁVEL.

Foi para mim, e pela primeira vez, que a criação de um edifício em que o Design e a sustentabilidade estiveram de mão dadas do início ao fim do processo de criação. Foram, sem dúvida, reinterpretados alguns princípios que compõem a arquitetura contemporânea.

Numa conferência, publicada na internet, o Arquitecto “Patrick Bouchain” (arquiteto sénior que possui vasto curriculum no âmbito da arquitetura sustentável em França), afirma, que “um arquitecto do futuro não é um arquitecto futurista”, relacionando esta afirmação com a imagem que as pessoas tem de um futuro com ambientes e projetos “futuristas”, por exemplo, de cenários de ficção científica. Afirma que estas imagem criadas por artistas são absolutamente essenciais para o nosso trabalho como arquiteto. Porém, estão longe de serem obras ou de virem a ser, obras de arquitetura.

“ARCHITECTS AND DESIGNERS OFTEN FIND THEMSELVES EXPERIENCING MOVIES A LITTLE DIFFERENTLY THAN THE VAST PUBLIC, ESPECIALLY WHEN IT COMES TO THE SCIENCE-FICTION GENRE FEATURING BUILDINGS, CITIES OR URBAN LANDSCAPES THAT ARE “OUT OF THIS WORLD”; THEY SEE THE BUILDINGS IN THE BACKGROUND (OR FOREGROUND IN SOME CASES) AND BEGIN TO ANALYSE HOW THEY ARE DESIGNED.”

(OANA ANDREEA CĂPLESCU, 2015)

Neste projeto tentamos criar algo dentro de uma visão futurista (ao nível do Design). Contudo, adaptando o projeto ao presente e futuro, utilizando matérias Sustentáveis. Ou seja, houve a tentativa de criação de ambientes, peças e de um edifício dito futurista, que poderia muito bem fazer parte de uma peça cenográfica ou cenário um filme de ficção científica (exemplo imagem 111) com matérias sustentáveis. Talvez por saber que estava a criar uma “Maison du cinema”, à medida que criava o edifício ia imaginando-o dentro de um cenário de ficção científica, ajudando-me na conceção do mesmo. Muito gostaria que fosse um edifício que, daqui por 60 anos, continuasse atual.

É esta a vertente que eu acho mais interessante no nosso projeto. Contudo, é uma visão de futuro positiva, em que os grandes edifícios e os “skylines” da cidade serão compostos por construções amigas do ambiente.

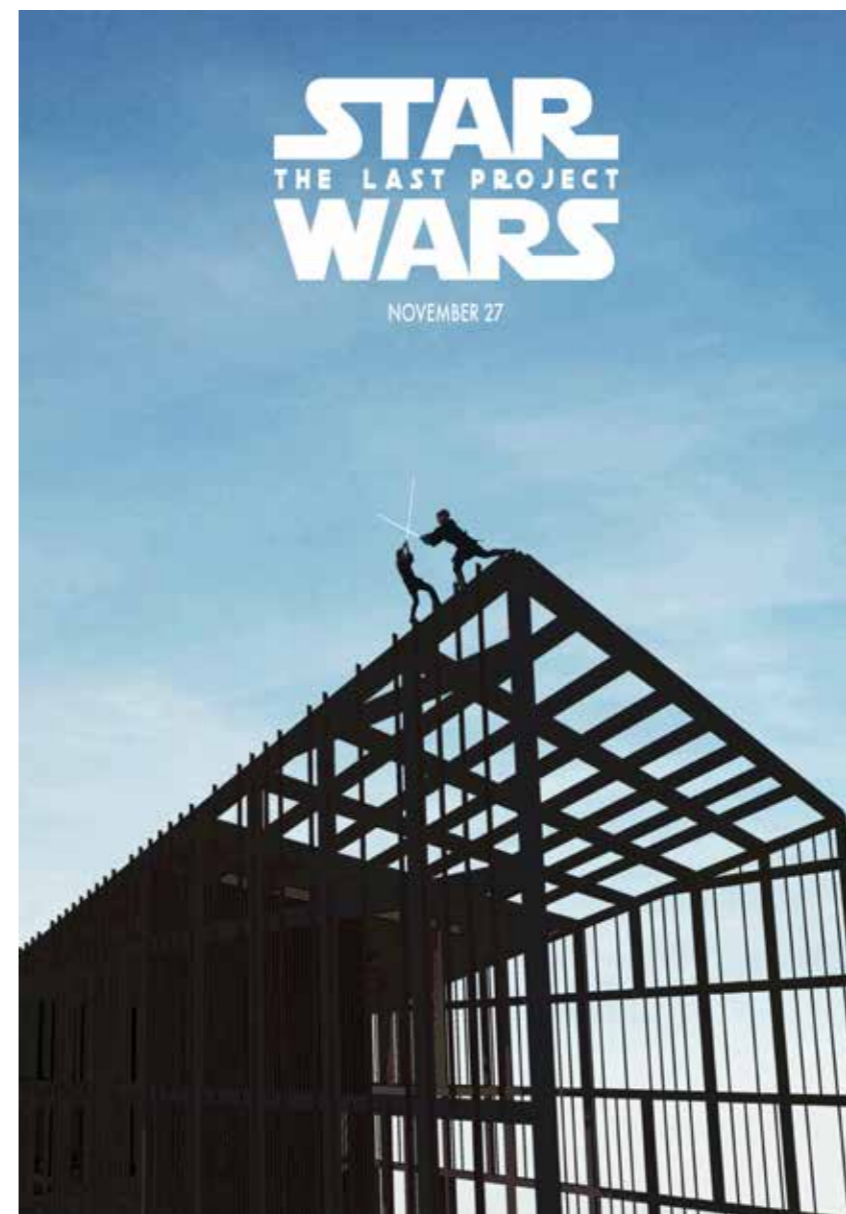


IMAGEM 112 - Durante as apresentações, fizemos algumas experiências, em que se baseavam em colocar o nosso edifício em poster's de cinema, a meu ver este foi o que resultou melhor. Poster de um futuro filme da saga "starwars", onde o nosso edifício funciona como um objeto cinematográfico, o que vai de encontro a nossa visão futurista "bio-source", neste caso dois Jedis medem forças na cobertura do nosso projeto.



IMAGEM 113 | 114 - Foto-montagens de ilustração de espaço museológico permanente, Jacques Demy.



IMAGEM 115 - Foto-montagem de ilustração de espaço museológico temporário.

Todos sabemos que não podemos viver apenas de edifícios pequenos. Achamos importante poder dar um pequeno contributo, mostrar que é possível também criar edifícios de grande escala, bio-source. Queremos contribuir para um mundo melhor !

Para nós, um edifício bio-source ou durável não são só edifícios que se restringem apenas a utilização de matérias sustentáveis, são edifícios que podem sobreviver durante muitos anos devido ao desenho dinâmico, facilmente modelável. É suposto que o edifício consiga aceitar vários programas, porque não existem programas fixos. Os edifícios mudam com o tempo. É um facto.

Um edifício deve conseguir albergar o máximo de movimentos, com isto quero dizer, o máximo de programas possíveis. Porque, o futuro não é controlado. Não podemos prever o futuro do nosso edifício, portanto só nos restava criar um edifício dinâmico que seja utilizado para diferentes programas.

Visualmente e racionalmente este, podia ser um edifício do futuro.

Como já referi, a questão de habitat estava presente no conceito do edifício. Foi algo que facilmente se tornou visível devido ao nosso sistema construtivo em madeira baseado numa trama estrutural bastante densa. A nível exterior havia a sensação de habitat, ninho, estrutura que pretendia guardar e proteger quem habita, mas a nível interior queríamos que a sensação fosse a mesma. Um habitat que funcionasse de forma harmônica e organizada entre os seus habitantes. Entre os elementos que compunham a estrutura em madeira era possível vermos os movimentos das pessoas em diferentes lugares, níveis, espaços vazios e cheios ao mesmo tempo, esteticamente, era isto que criava um habitat organizado.



IMAGEM 116 - Render interior, zona central do projeto.



IMAGEM 117 | 118 - Render interior do corredor, espaço de trabalho do piso 0 e zona de trabalho do 2º piso, respetivamente.



IMAGEM 119 - Render interior da zona e sala de restaurante.



IMAGEM 120 | 121 - Render interior do ponto de vista da escadaria.

IMAGEM 122 | 123 - Render interior de um quarto de artista e do corredor aéreo que separa zonas de trabalho de espaço do Studio 2, respetivamente .

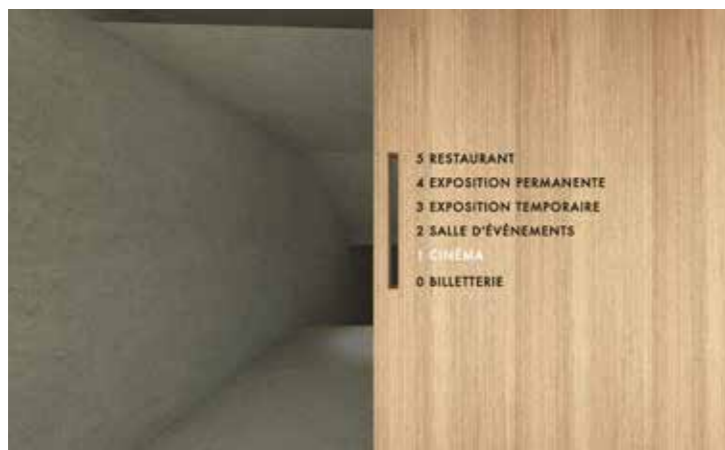


IMAGEM 124 | 125 - Render de uma das portas de acesso a zona de escadas de socorro e interior das mesmas, respetivamente.

IMAGEM 126 - Render interior da sala de cinema.

IMAGEM 127 - Render interior da sala de cinema.

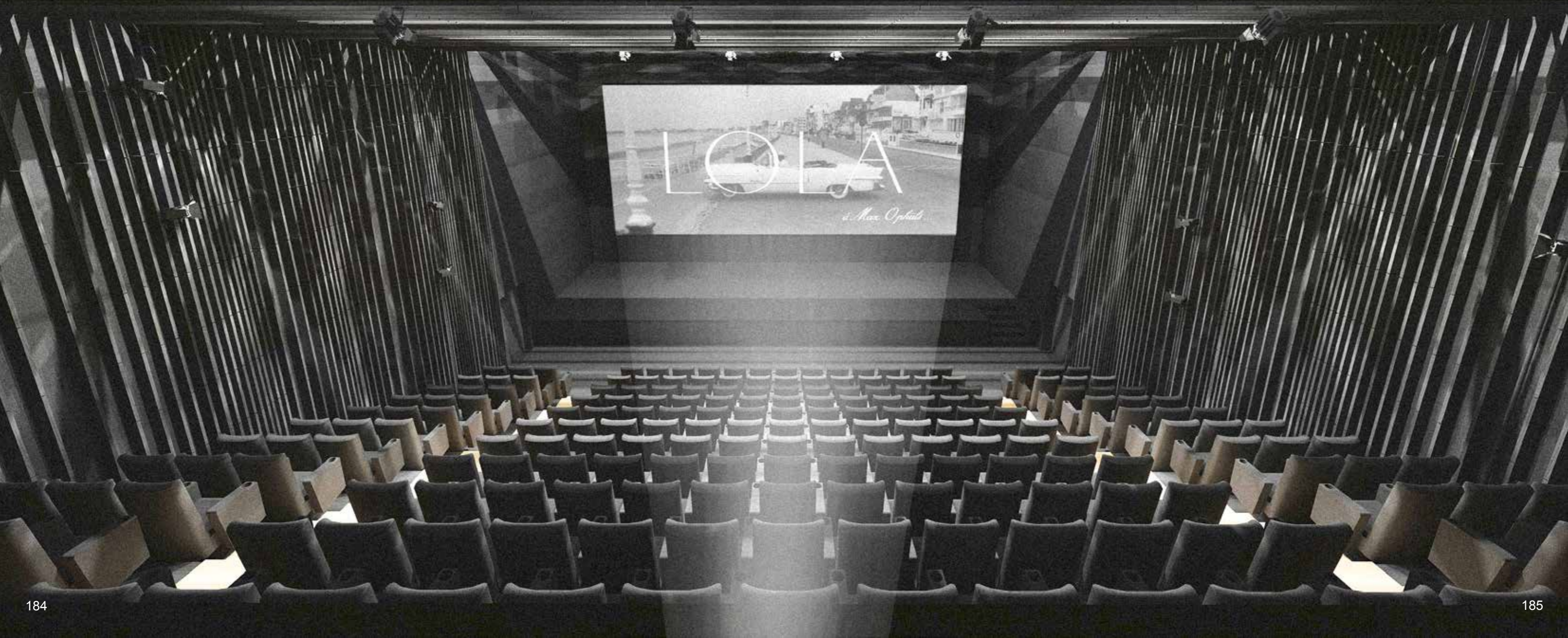


IMAGEM 128 - Render exterior durante o dia do projeto "Phare en ville", estrutura de grandes dimensões mas ao mesmo tempo leve e transparente. Podemos ver a relação entre a grua "Titan" e o edifício.



A trama estrutural é constituída por múltiplos de 5: um quadrado de 2.5m x 2.5m, 5m x 5m, ou até retângulos de 2.5m x 5m. Entre piso a piso a trama era de 3.5m, de forma a deixar uma altura máxima livre de 3.2m. Pilares e vigas com secções de 30cm x 30cm, sustentavam a estrutura. Optamos por não criar grandes consolas, e manter secções em madeira com dimensões sóbrias, por uma questão económica. O edifício foi criado e desenhado sobre esta trama clara e simples, que se ia moldando a cada espaço. Para nós, a ideia de um edifício standartizado nesta escala, é muito importante devido a redução do custo do edifício.

Existem dois grandes volumes em betão (assinalados a vermelho na imagem XX), onde estão inseridos os elevadores, escadas de socorro e instalações sanitárias. Até ao fim existiu uma hesitação da nossa parte, devido a materialidade e estrutura destes dois grandes volumes centrais, acabamos por fazer a escolha de acordo a poder permanecer dentro das leis em vigor, devido as questões de eventuais incêndios e saídas de emergência. Todas as dimensões e saídas de emergência necessárias foram respeitadas de acordo com a legislação que se encontra em vigor em França. Não queríamos de forma alguma que o nosso projeto estivesse perto de algo “utópico”.

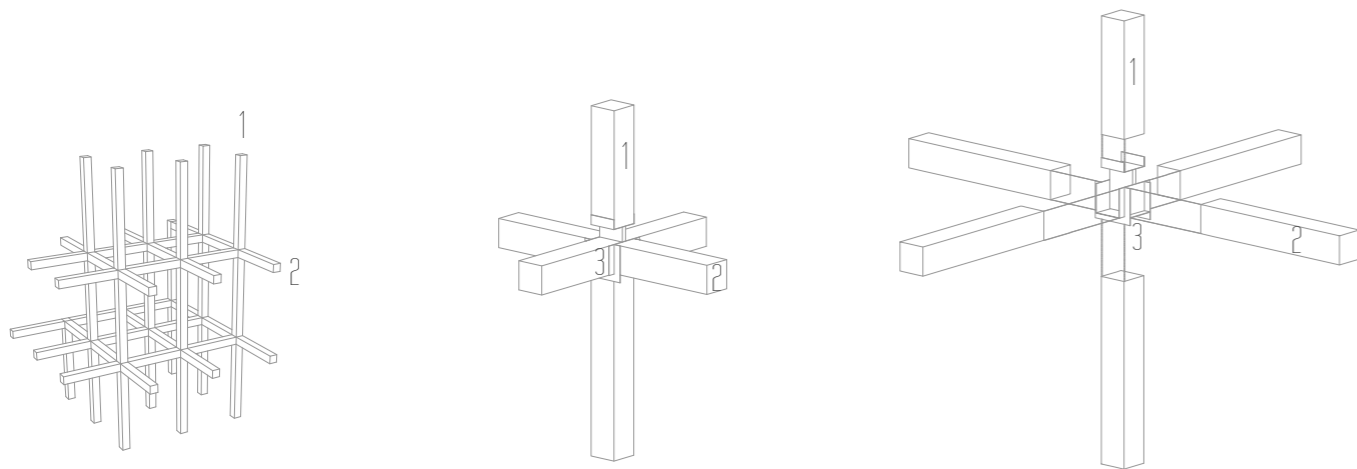


IMAGEM 129 - Axonometria e explosão de sistema construtivo trama mínima de 2,5m x 2,5m x 3,2m. Estrutura composta por pilares e vigas de uma secção de 30cm x 30cm, elementos conectores em aço.

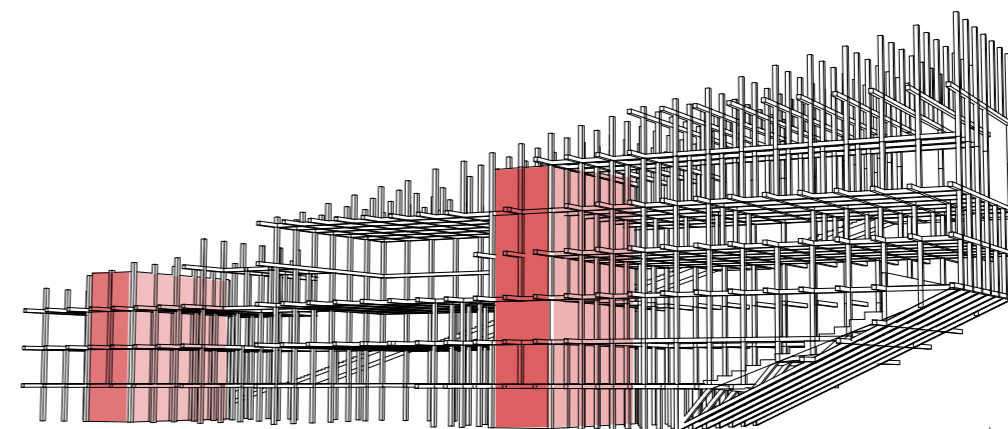
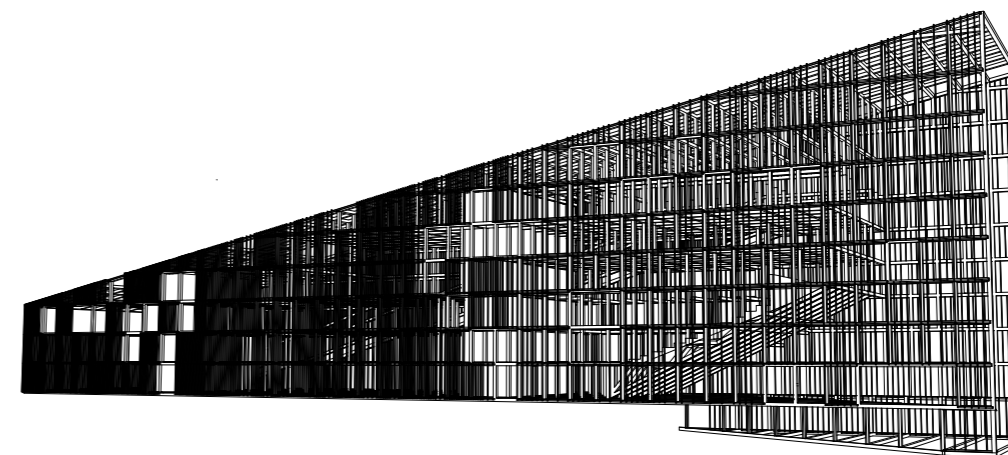
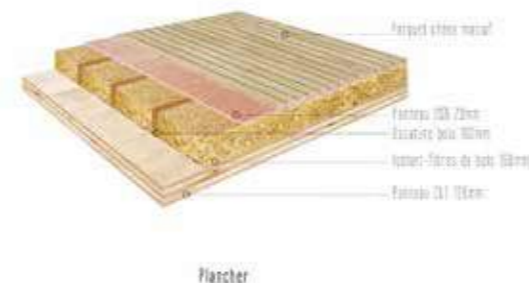
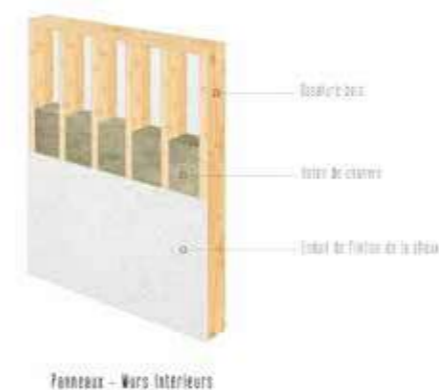


IMAGEM 130 | 131 - Axonometria geral e axonometria da estrutura, respetivamente.

A utilização de matérias “bio-source”, mesmo em pequenos edifícios, continua a ser algo fora do comum, originando inúmeras dificuldades técnicas para alguém que nunca teve uma formação neste ramo. É algo que a meu ver terá que mudar rapidamente. O sector da construção é um dos sectores mais nocivos para o ambiente, cabe aos jovens arquitetos, engenheiros e construtores alterarmos o paradigma da construção civil.

O nosso projeto, devido à sua natureza (edifício que pretendia receber actividades relacionadas com a criação de cinema), procura responder a questões técnicas severas, principalmente estruturais e sonoras.

No nosso projeto podemos encontrar uma paleta imensa de materiais “bio-source” locais, como por exemplo, a utilização de madeira para fins estruturais e de revestimento (Carvalho e Pinho), painéis de OSB para fins de contraventamento, painéis de madeira CLT para esforços estruturais maiores, betão de cânhamo, linóleo para os pavimentos os estúdios e sala de cinema e finalmente a cortiça, que foi o único material utilizado importando, de origem portuguesa.



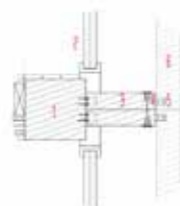
Type de construction	Surface de plancher	Fonction	Élément	Matériau	Biomasse par m³ de produit	Ratio du produit	Épaisseur du produit	Surface couverte par le produit	Volume de produit biosourcé	Masse de produit biosourcé	TAUX
	m²				kg/m³	kg/m³	m	m²	m³	kg	kg/m² de SP
ERP Neuf Type L Catégorie 3	5837,58	Structure	Poteaux/Poutres Charpente	Chêne	690	207	0,3	1060	318	219420	37,59
			Plancher CLT	Pin	450	54	0,12	5452	654,24	294408	50,43
		Revêtement	Panneau OSB	Épicéa	450	5,4	0,012	4874	58,49	26319,6	4,51
			Parquet	Chêne	690	20,7	0,03	4874	146,22	100892	17,28
			Linoléum	Linoléum	300	2,7	0,009	365	3,29	985,5	0,17
		Menuiserie	Montants + portes	Pin Douglas	500	20	0,04	376	15,04	7520	1,29
			Bardage extérieur	Pin Douglas	500	20	0,04	1510	60,4	30200	5,17
		Isolation	Mur banché	Chênevotte	100	26	0,26	2942	764,92	76492	13,10
			Panneau acoustique	Liège	200	0,4	0,002	478	0,96	191,2	0,03
			Isonat	Fibres de bois	180	28,8	0,16	4998	799,68	143942	24,66
TOTAL								2821,23	900371	154,24	

IMAGEM 132 - Tabela de quantidades de material “bio-source”.

IMAGEM 133 | 134 - Esquema de sistema construtivo das paredes interiores e das lajes entre pisos, respetivamente.

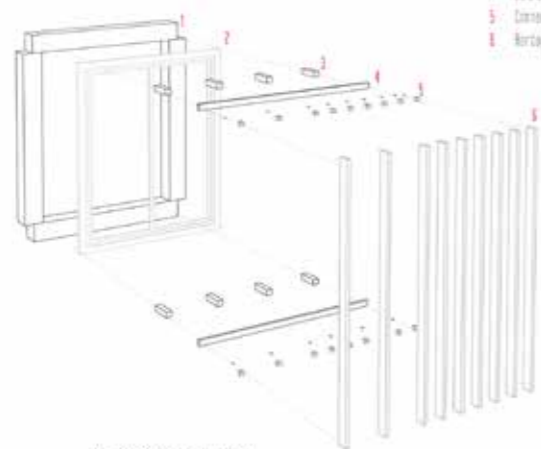


Élément de Façade 1:100



Détail de Façade 1:50

- 1 Peintre 300mm*100mm
- 2 Fenêtre
- 3 Connecter les bardage bois à peinture Bois 40mm*40mm*100mm
- 4 Connecter les bardage bois à peinture Bois 250mm*40mm*40mm
- 5 Connection métallique
- 6 Bardage bois 40mm*220mm*3000mm



Non-Construction de Façade

IMAGEM 135 - Esquema de sistema construtivo das fachadas.



Mur en salle de cinéma

- 1 Ossature bois
- 2 Vitrif de chaux
- 3 Isolant de l'extérieur de la chaux
- 4 Lège muraux en noir

- 1 Tige métal pour accrocher sous le film
- 2 Bardage bois en noir 40mm*100mm
- 3 Connection métallique
- 4 Connecter les bardage bois à peinture Bois 150mm*40mm*40mm
- 5 Connecter les bardage bois à peinture Bois 40mm*100mm*100mm
- 6 Plaque de mur
- 7 Peintre bois de noir 300mm*100mm
- 8 Peintre bois en noir 300mm*100mm

IMAGEM 136 - Esquema de sistema construtivo das paredes interiores da sala de cinema.

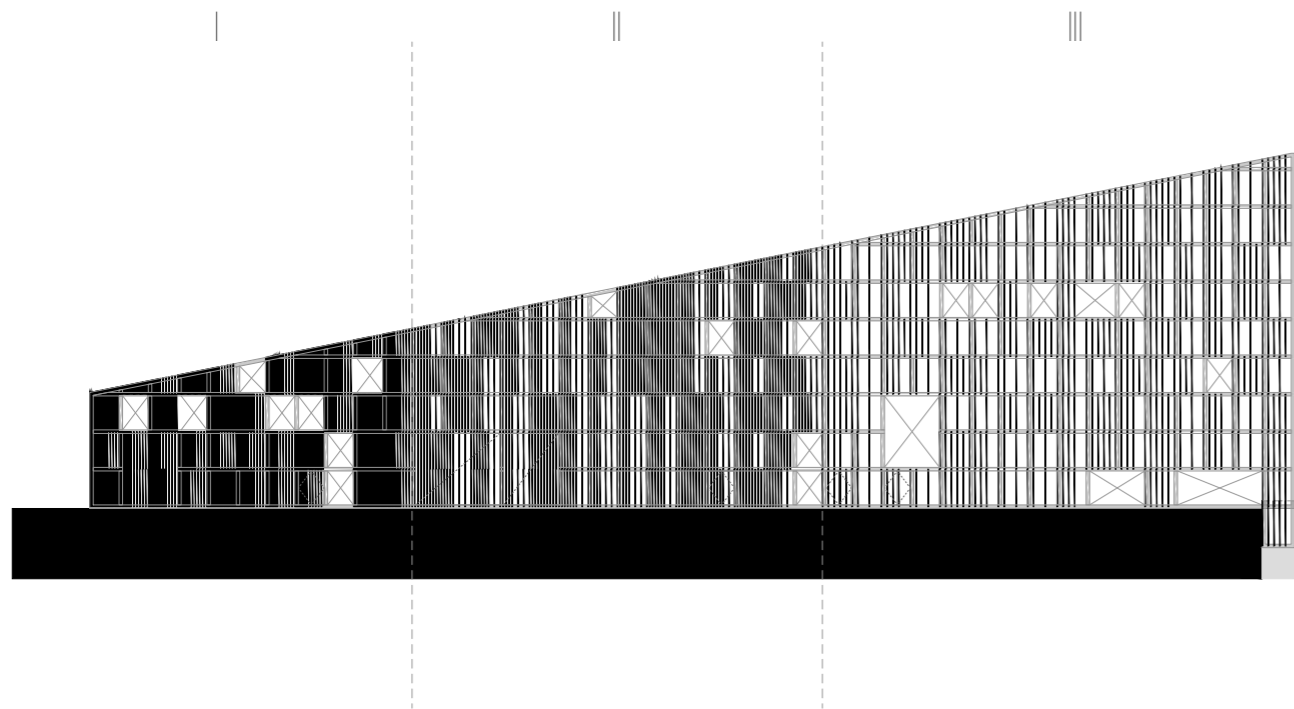
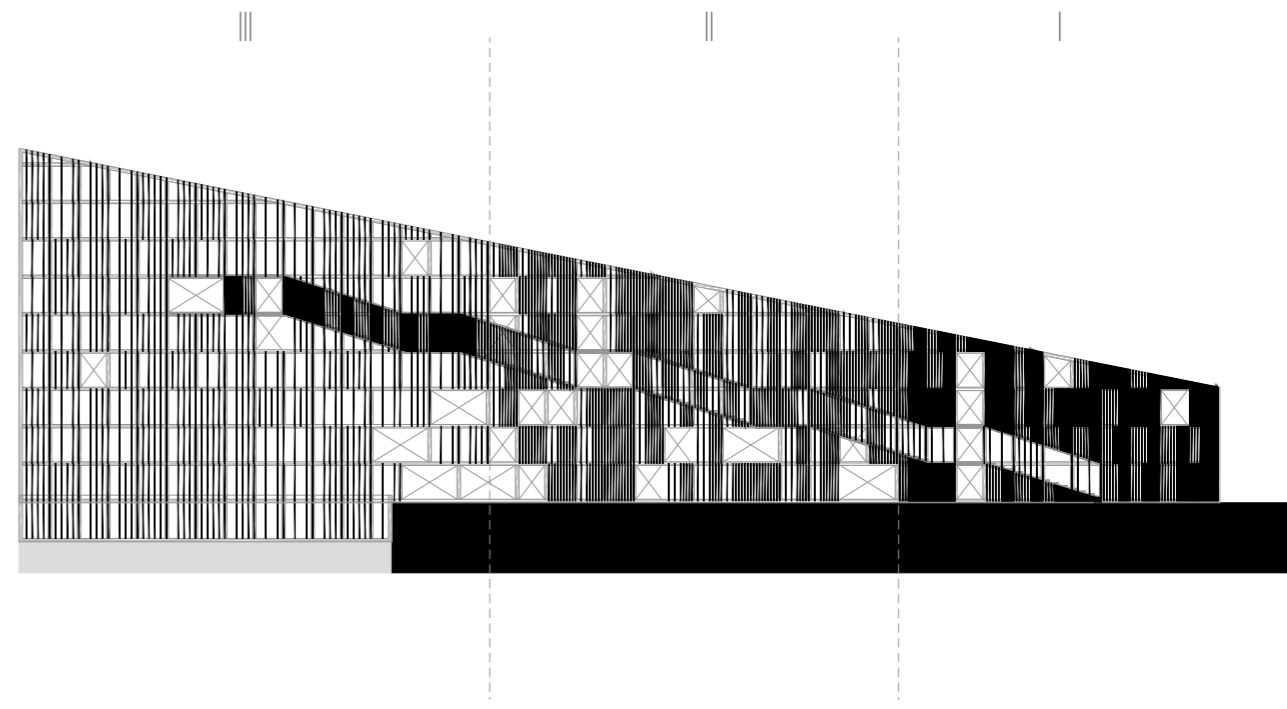


IMAGEM 138 | 139 - Fachada norte e sul, respetivamente.



0 1 5 10
└───┬───┬───┘

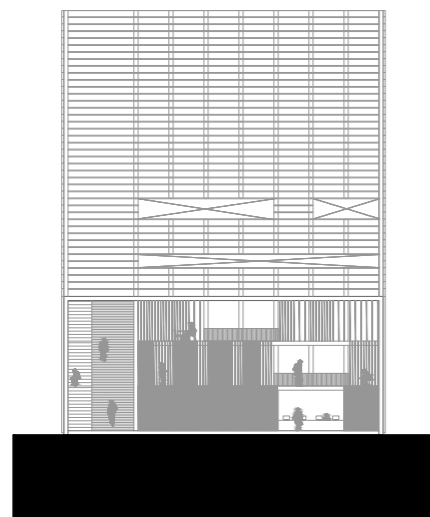


IMAGEM 140 | 141 - Fachada este e oeste, respetivamente.

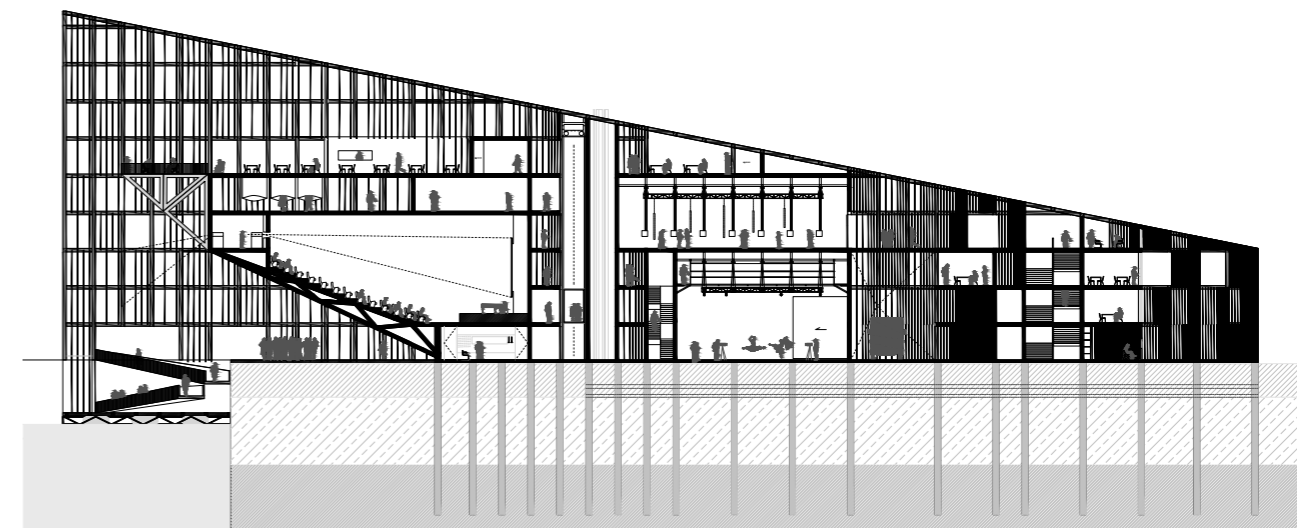
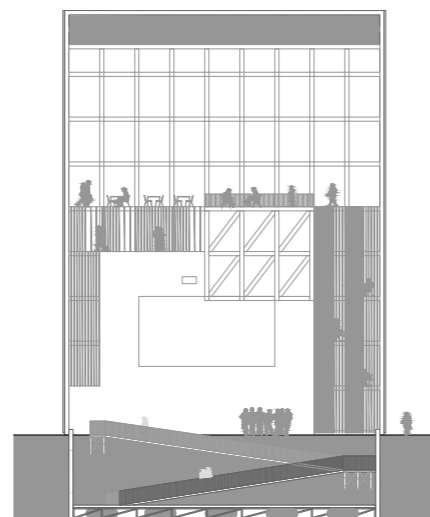
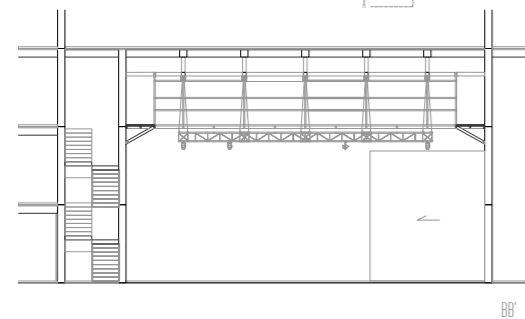
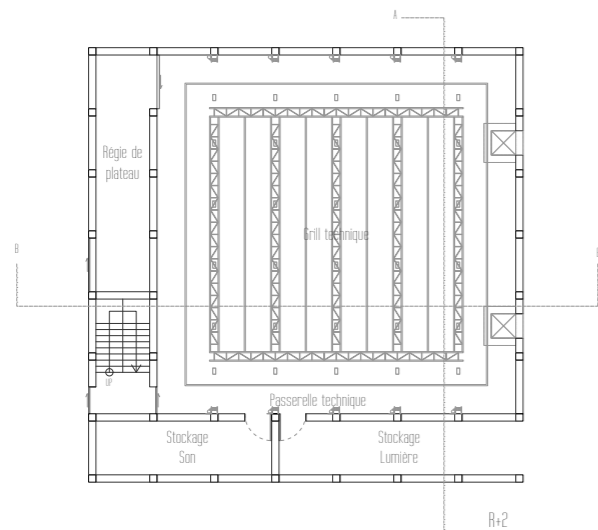
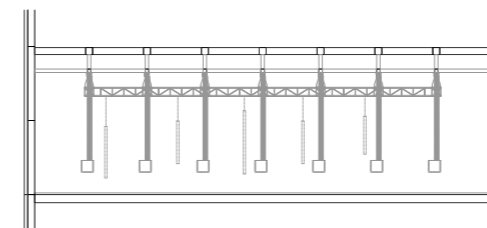
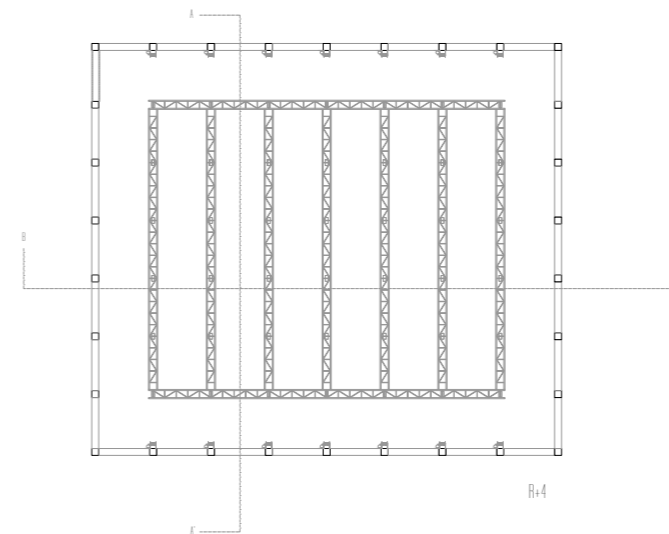
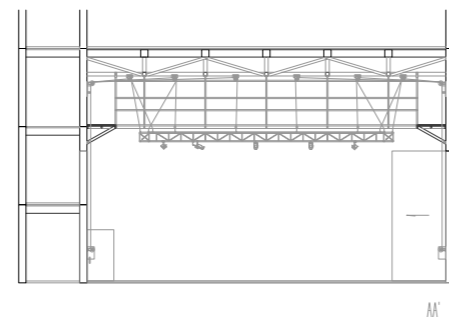
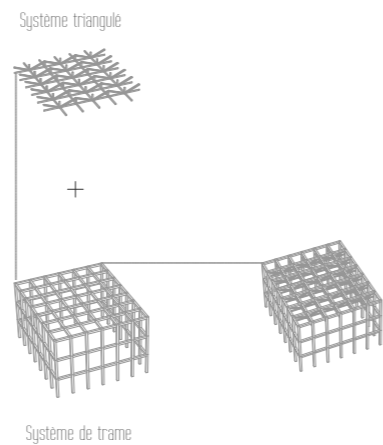


IMAGEM 142 - Corte longitudinal, AA'.

0 1 5 10



Plateau de tournage 1/100



Plateau d'exposition temporaire 1/100

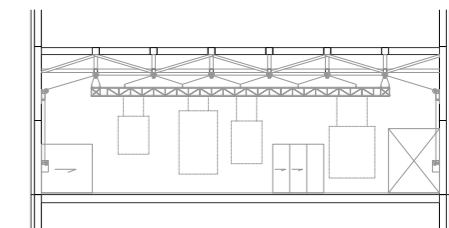
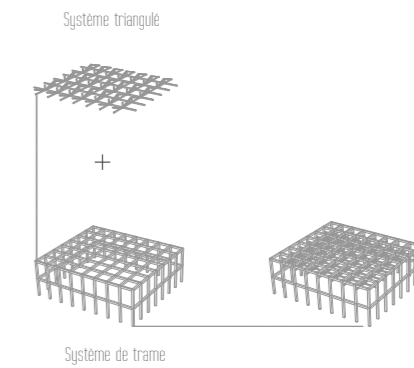


IMAGEM 143 - Estúdio de filmagem 1.

IMAGEM 144 - Estúdio de filmagem 2 ou espaço museu temporário.

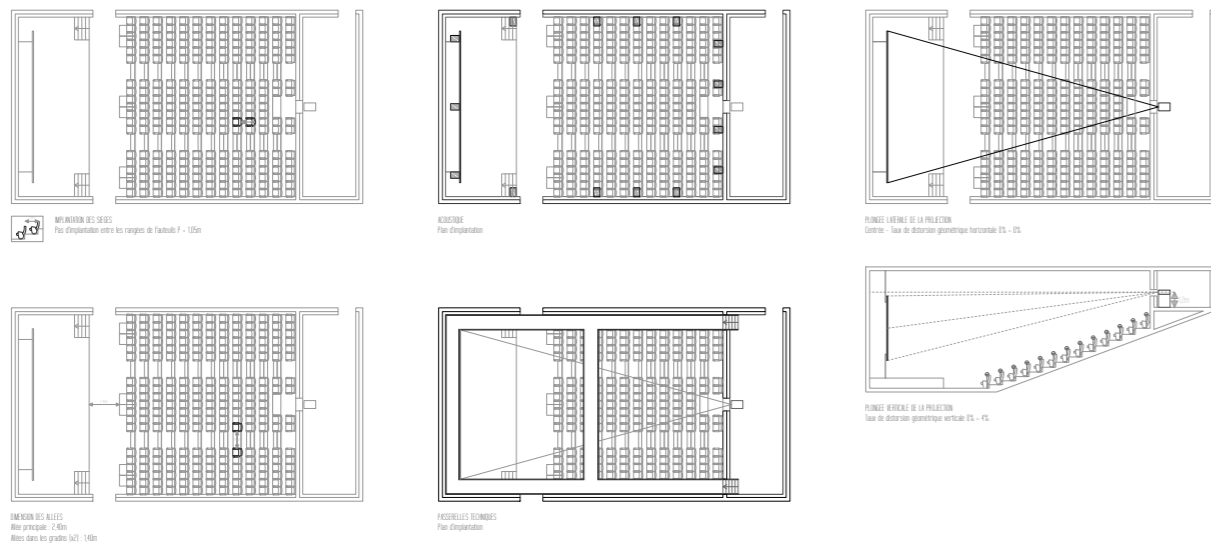


IMAGEM 145 - Sala de cinema.

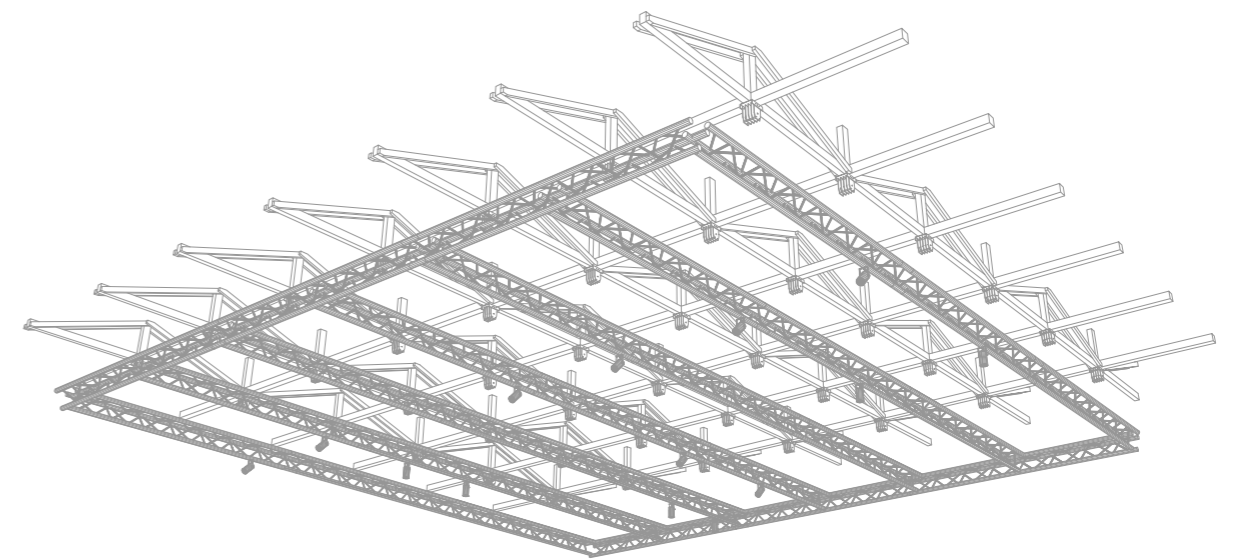


IMAGEM 146 - Axonometria de elementos metálicos de apoio aos estúdios de filmagem agregados a estrutura de madeira.

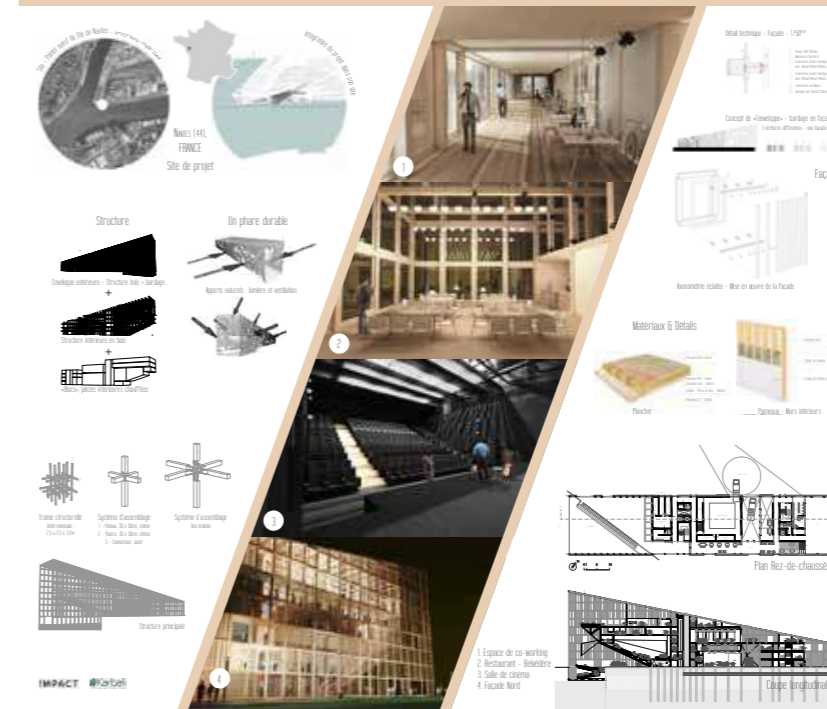


IMAGEM 147 - Painel A0 submetido ao concurso IMPACT, resultados saem em Novembro.



IMAGEM 148 - La Pommeraye, zona de estudo do projeto curto do 1 semestre | 53km de distância de Nantes, foto de Gonçalo Raingard Lopes, 2018

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se me sugerissem para descrever a minha experiência na ENSA em poucas palavras diria:

Uma experiência interessante e desafiante, que me obrigou a sair da minha zona de conforto;
Um ano que me ensinou uma forma diferente de planear e organizar o meu trabalho;
O contacto com outro mundo da arquitetura que me trouxe a certeza de que apesar de Portugal ser um país pequeno, e quase insignificante em tantos domínios, é uma referência muito elogiada, e nunca menosprezada, para quem gosta e ensina a Arquitetura em França.

Se quisesse enumerar as dificuldades sentidas ao longo deste meu percurso, elegeria o idioma como a primeira barreira a vencer e, a par com este, as diferenças culturais e a forma de interagir como sendo a segunda e, ainda, sempre relacionado com estes dois, a dificuldade de trabalhar em grupo, particularmente, no primeiro semestre. A multiculturalidade é, em teoria, um excelente princípio para organizar equipas de trabalho, porém, na prática é um aspecto que exige mais de nós. É certo que contava encontrar barreiras linguísticas e culturais, contudo, confesso que não contava que a língua e a dificuldade de me expressar aquando da apresentação dos meus trabalhos me diminuísse tanto. No início, deixei-me levar pela falta de confiança e pela inibição que, naturalmente, se sente nestas circunstâncias. Não obstante a fase inicial difícil, decidi, a dado momento, despir-me das minhas inibições e do medo de falhar e procurei expressar-me, o melhor que conseguia, sem pudor. Acabou por resultar e, surpreendentemente, os trabalhos forma correndo melhor e a relação com os meus colegas também. Se pudesse dar um conselho aos meus futuros colegas de ERASMUS diria : “deixem de se preocupar com a figura triste que possam fazer. É um acessório apenas. O essencial é utilizar todos os recursos que temos! “

Poderia dividir o meu ano em dois, correspondentes ao primeiro e segundo semestre. O primeiro, mais difícil, com a necessidade de adaptação a juntar-se à necessidade de compreender um método de ensino diferente, que se iniciou com trabalhos de grupo complexos em que não conhecia os meus colegas. Fiz por trabalhar sempre com alunos da ENSA e não procurei juntar-me aos alunos de ERASMUS. Achei que a melhor forma de aproveitar esta experiência seria tentar a plena integração. No primeiro semestre, fui assim confrontado com diversos impasses, especialmente por discordar da maioria dos pontos de vistas dos meus colegas mas, não obstante, tinha que prosseguir com o trabalho, mesmo

não gostando do que fazia. Aprendi a humildade, a aceitar a força da maioria e dediquei-me à parte que me era consagrada. Foi uma experiência agridoce, mas necessária e importante, considerando que o meu futuro será assim: um arquiteto bem sucedido, um gestor de contrariedades e de contratempos.

O início dos trabalhos de grupo era o mais problemático. No entanto, no final, nalguns casos, rendi-me a algumas boas ideias que surgiram e que, de início, não me pareceram as melhores soluções. Aprendi, assim, mais uma importante lição: por vezes, nem sempre as ideias nas quais não acredito são menos boas e, até numa má ideia, existem boas ideias e, por fim, não sou o dono da razão!

No segundo semestre, já com maior conhecimento do sistema e dos colegas de turma, fui convidado a fazer parte de um grupo. Foi um momento importante para mim, pois intimamente percebi que havia quem tivesse notado o meu trabalho e o meu desempenho. Em parte, tinha conseguido o mais importante : transmitir o meu pensamento. Liderei este grupo, considerando que este é o sistema que se implementa no último ano do mestrado: há um chefe de equipa e dois outros colegas colaboradores. No fundo, serve o propósito de testar a capacidade de liderança e de trabalho em equipa.

Desta vez, integraram-se muito bem os conceitos trazidos por cada elementos da equipa, que se dedicou e empenhou-se a realizar um projeto com o qual todos nos identificámos. Foi igualmente a oportunidade de trabalhar com uma francesa e uma taiwanesa que, embora residente em França, trouxe-nos uma importante perspectiva cultural, um olhar diferente sobre as coisas, algo que muito valorizei considerando que as obras de arquitetura serão, cada vez mais, feitas para servir um conjunto multicultural de povos. Por outro lado, o desenvolvimento de projetos multiculturais será, obviamente, uma tendência futura crescente, visto que os Arquitetos estão cada vez mais nómadas, integram equipas internacionais, quer por vontade própria de alargar horizontes quer por necessidade.



IMAGEM 149 | 150 - Fundação Cartier, Jean Nouvel. Foto de Atelier Jean Nouvel | Escola de arquitetura Bélgica. Foto de Tim Van de Velde.

Ao longo deste ano na ENSA, alguns aspectos do ensino da Arquitetura surpreenderam-me pela positiva :

1) A componente criativa que o mestrado estimula. Disciplinas como “Übergrenzung”, de carácter experimental , ou como “Atelier Presence”, que nos ensinam a gerir o stress, acabam por transmitir ensinamentos que nada têm a ver com a Arquitetura, mas que nos ajudam a desconstruir alguns preconceitos sobre a forma de criar um projeto.

2) Fundamentalmente, a ENSAN é uma escola descontraída, muito aberta a novas ideias. E isso nota-se, até no edifício que acolhe a Escola. A criatividade sem limites é estimulada.

3) Ao longo do ano, fui ainda chamado a efetuar várias visitas de estudo obrigatórias. Verdadeiras viagens fora de França e muitas em França. Era obrigatório ver ao perto, fotografar, discutir, pensar e relatar. Estas visitas foram de extrema riqueza pois permitiram-me conhecer vários projetos e conhecê-los com alguma profundidade, através da visita aos locais, comentada pelos Professores.

4) Durante a minha estadia na ENSAN, percebi igualmente que existe um entrosamento permanente entre a Câmara de Nantes e a Escola de Arquitetura e que é dada a possibilidade aos alunos de pensar na sua cidade e até de ver edificados os seus projetos. Vários concursos são criados e estimulam esta relação de proximidade tão importante e que ajuda a criar um vínculo, assim como valoriza o papel do futuro arquiteto no futuro da cidade.

5) Por fim, foi-me dada a possibilidade de concorrer com o meu projeto de fim de curso a um Concurso Nacional de Bio-Source, o que me oferece a possibilidade de aspirar a ver reconhecido um projeto enquanto ainda termino a minha vida académica.

Se, para terminar, me perguntassem se valeu a pena; se seria capaz de repetir ?

Responderia que sim, que valeu muito a pena e que repetiria.

Como diz José Saramago “*Não nos vemos se não saímos de nós*”, certamente que depois desta experiência penso que sou capaz de identificar aspectos fantásticos na Arquitetura Francesa e na forma como a França constrói e preserva o seu território mas, não obstante, sou igualmente capaz de ver com mais clareza, a competência e a qualidade da arquitetura made in Portugal, que com poucos recursos num País pobre e que tantas vezes desvalorizou a importância e a nobreza da sua arquitetura, conseguiram conquistaram um espaço incontornável no panorama internacional.

BIBLIOGRAFIA

Escola de arquitetura de Nantes, <https://le.nantes.archi.fr/>;
Ilha de Nantes, <http://www.iledenantes.com/en/>;
Atlier Lacton e Vassal, <http://www.lacatonvassal.com/?idp=55>;
Atlier David Chipperfield, <https://davidchipperfield.com/>;
Atlas de arquitetura, <https://divisare.com/atlas-of-architecture>;
Site de voir en vrai, <https://voirenvrai.nantes.archi.fr/>;
Igreja francesa com o cunho de siza, Publico, <https://www.publico.pt/2018/02/11/p3/fotogaleria/uma-igreja-francesa-com-o-cunho-de-siza-387487>;
Igreja de Siza em Rennes, <http://espacodearquitetura.com/projects/5a8ac686c6e6c41a358a6226>;
Museu, gallo-romano Bernard Zehrfuss, <https://www.amc-archi.com/photos/bernard-zehrfuss-le-musee-gallo-romain-de-lyon-1969-1975,3993/le-musee-gallo-romain-de-lyon.1>
Espiral do tempo gallo-romano, <http://www.bmiaa.com/bernard-zehrfuss-architecte-de-la-spirale-du-temps-gallo-roman-museum-lyon/>
Exposição “Magiciens de la terre”, <https://www.contemporaryand.com/magazines/magiciens-de-la-terre/>
Museu da dança, Boris Charmatz, <http://www.borischarmatz.org/?musee-de-la-danse>
Gps, fundo do mar, <https://www.navionics.com/fin/>
Ordem dos arquitetos do País do Loire, <https://www.architectes.org/pays-de-la-loire>
Polo Pixel, <http://www.polepixel.fr>
Centro pompidou, <https://visualexicon.wordpress.com/2017/10/09/pompidou-centre-richard-rogers-renzo-piano/>
Atlier Renzo Piano, <http://www.rpbw.com>
Faculdade de arquitetura da Bélgica, <https://www.designboom.com/architecture/aires-mateus-belgium-architecture-faculty-tournai-04-23-2018/>

Trailer Matérias do avesso, Aires Mateus, <https://www.youtube.com/watch?v=VGmjs4mqELw>
Exposição, “les magiciens de la Terre”, https://www.youtube.com/watch?v=1AvLI_RT1uo
Documentário “Reflections”, Jean Nouvel, <https://www.youtube.com/watch?v=Tv3MgJLE420&t=731s>
Conferencia, arquitetura do futuro não será arquitetura futurista, Patrick Bouchain, <https://www.youtube.com/watch?v=Atku0B5poWQ&t=3517>

Strutture and architecture, Andrew W. Charleson, 2015.

Duchamp du signe, Marcel duchamp, 1994.

ÍNDICE DE IMAGENS

06. IMAGEM 1 - Foto de pormenor de fachada “Maison radiuse” de Corbusier, Nantes. Foto de Gonçalo Raingeard Lopes, 2017.
07. IMAGEM 2 - Mapa ilustrativo da Europa, que assinala a cidade de Nantes.
16. IMAGEM 3 - Foto tirada a partir do terraço da ENSA, Nantes, França. Foto de Gonçalo Raingeard Lopes, 2018.
19. IMAGEM 4 - Margem da ilha de Nantes, fonte desconhecida, década de 60.
21. IMAGEM 5 - Escola de Arquitectura de Nantes. Foto de Philippe Ruault.
23. IMAGEM 6 | 7 - Escola de Arquitectura de Nantes, fotos de Philippe Ruault.
24. IMAGEM 8 - Escola de Arquitectura de Nantes, foto de Philippe Ruault.
34. IMAGEM 9 - Mont Saint Michel, St.Malo, França | 187km de distancia de Nantes. Foto de Gonçalo Raingeard Lopes, 2017.
38. IMAGEM 10 - Esquema da ideia.
39. IMAGEM 11 - Processo de montagem dos objectos. Foto de Gonçalo Raingeard Lopes.
44. IMAGEM 12 - Capa do livro realizado em turma. Disponível em anexo.
45. IMAGEM 13 - Reconstrução do “museum Nues” por David Chipperfield. Projeto que analisei e critiquei para a publicação do livro. Foto de Gonçalo.
46. IMAGEM 14 - Foto de maquete do projeto “museum Nues” de David Chipperfield. Fonte: Website David Chipperfield.
47. IMAGEM 15 | 16 - Foto de pormenor de fachada do Museu Judaico em Berlim de Daniel Libeskind e Foto interior do “Jacob and Wilhelm Grimm Centre” em Berlim de Max Dudler. Fotos de Gonçalo Raingeard Lopes.
49. IMAGEM 17 | 18 - Ambientes do projeto SHORE | OFFSHORE.
51. IMAGEM 19 | 20 - Esquisto do edifício ZERO NEWTON de SOUTO MOURA e Esquisto da BASILIQUE SAINT-NICOLAS. Respetivamente.
52. IMAGEM 21 - Foto de fachada Torre de Bretanha, Nantes de Claude Devorsine. Foto de Gonçalo Raingeard Lopes.
53. IMAGEM 22 - Foto de fachada Tripode de îlot, Nantes de BARRÉ - LAMBOT. Foto de Gonçalo Raingeard Lopes.
55. IMAGEM 23 - Esquemas de apresentação da TORRE MARÉ.
56. IMAGEM 24 e 25 - Foto-montagem do exterior da TORRE MARÉ.
58. IMAGEM 26 - Cartaz do “evento” criado.
59. IMAGEM 27 - Capa do meu Atlas, “ARCHITECTURE DYNAMIQUE ET TEMPORAIRE(em anexo).
60. IMAGEM 28 - Foto de zona industrial de Dieppe. Foto de Gonçalo Raingeard Lopes.
61. IMAGEM 29 - Render exterior de projeto.
63. IMAGEM 30 | 31 - Mapa tridimensional com a cidade de Dieppe e implementação do projeto | Esquema do programa e esquema cronológico do edifício em função do parque eólico.
65. IMAGEM 32 | 33 - Pequenos esquemas com alguns pontos base. Respeito das áreas publicas, alinhamentos correspondentes as futuras alterações da zona (ZAC) e ciclo sustentável de utilização e transformações das aguas| Planta de implantação do projeto.
67. IMAGEM 34 - Sistema de tubagens que transporta agua e algas por todo o edifício.
69. IMAGEM 35 | 36 - Esquema com a estrutura principal, secundaria e tubos de distribuição de algas | Esquemas de alterações do espaço publico.
70. IMAGEM 37 - Planta piso 0o(projeto 1semestre).
71. IMAGEM 38 - Planta piso 1o.
72. IMAGEM 39 - Planta piso 2o.
73. IMAGEM 40 - Planta piso 3o.
74. IMAGEM 41 - Corte A.
77. IMAGEM 42 | 43 - Corte B e C.
78. IMAGEM 44 - Render interior do edifício.
79. IMAGEM 45 - Render fachada Oeste.
82. IMAGEM 46 - Port honfleur, França | 350km de distancia de Nantes | Foto de Gonçalo Raingeard Lopes, 2017.
86. IMAGEM 47 - Desenhos da explicação do conceito do projeto “META”.
87. IMAGEM 48 - Alçados do projeto “META”.
88. IMAGEM 49 - Cortes do projeto “META”.
89. IMAGEM 50 - Render exterior do projeto “META”.
91. IMAGEM 51 - Mapa do mundo ilustrativo de todas os projetos que já foram relatados no âmbito da disciplina Voir en vrai. Imagem retirada do site oficial da disciplina ([https:// voirenvrai.nantes.archi.fr](https://voirenvrai.nantes.archi.fr)).
93. IMAGEM 52 - Fachada principal de Igreja em Rennes, SIZA. Foto de Gonçalo Raingeard Lopes.
94. IMAGEM 53 - Pormenor de interior de Igreja em Rennes, SIZA. Foto de Gonçalo Raingeard

- Lopes.
95. IMAGEM 54 - Interior de Igreja em Rennes, SIZA. Foto de Gonçalo Raingearde Lopes.
 97. IMAGEM 55 - Museu Gallo-romano em Lyon de Bernard Zehrfuss. Foto de Gonçalo Raingearde Lopes.
 99. IMAGEM 56 - Interior museu Gallo-romano em Lyon de Bernard Zehrfuss. Foto de Gonçalo Raingearde Lopes.
 100. IMAGEM 57 - Anfiteatro Romano, Lyon. Foto de Gonçalo Raingearde Lopes.
 101. IMAGEM 58 - Interior museu Gallo-romano em Lyon de Bernard Zehrfuss. Foto foi publicado no site da ENSA em Junho de 2018. Foto de Gonçalo Raingearde Lopes.
 103. IMAGEM 59 - Foto tirada durante um dos exercícios, onde era pedido para se questionar a presença dos objectos. Foto de Gonçalo Raingearde Lopes.
 105. IMAGEM 60 - Uma antiga igreja que tinha sido transformado em espaço para pequenos espectáculos, um dos muitos lugares que tivemos aulas. Foto de Gonçalo Raingearde Lopes.
 105. IMAGEM 61 - Centre Pompidou 1989. Kandinsky . Foto de Béatrice Hatala, fonte site Pompidou.
 107. IMAGEM 62 - Galerie Perrotin, Paris, 2015. Rafael Soto “Chronochrome”. Foto de Livia Saavedra, fonte site artsy.net .
 110. IMAGEM 63 - Algumas das ilustrações criada para o manifesto do Museu do cinema.
 111. IMAGEM 64 - Um “frame” do vídeo de apresentação do Museu do cinema (vídeo anexado em cd).
 113. IMAGEM 65 e 66 - Imagens do levantamento topográfico geral do Arquipélago dos Açores.
 114. IMAGEM 67 - com curvas de nível com as espessuras “corretas” (menos espessa mais longe, mais espessa mais perto), o inverso. Assim alterando a perspectiva estética da planta.
 115. IMAGEM 68 - Um levantamento topográfico feito a partir de um software de gps de barcos, amplitude de cotas de cerca de 4.000m, zona entre a ilha do Pico e S.jorge.
 116. IMAGEM 69 - Maqueta em gelatina feita a partir de levantamento topográfico do fundo do mar dos Açores (imagem 59). Foto de Gonçalo Raingearde Lopes.
 120. IMAGEM 70 - Planta de estudo feita para um estudo de projeto de futura ciclovía na costa sul da ilha de S.Miguel, Açores, Portugal. Planta desenhada e percurso desenhado por mim, durante o estágio profissional no atelier M-Arquitetos.
 121. IMAGEM 71 - Trabalho de estudo feito num dos estágios profissionais. Desenho e render de Gonçalo Raingearde Lopes.
 124. IMAGEM 72 - Imagem conseguida a partir de um drone, salinas de Guerande, França | 80km de

- distancia de Nantes | Foto de Gonçalo Raingearde Lopes, 2017.
127. IMAGEM 73 - Pequeno esboço do objeto.
 128. IMAGEM 74 | 75 - Imagens dentro do objecto. Imagem 64 representa o exame e imagem 65 após o exame, uma perspectiva invertida.
 129. IMAGEM 76 - Professor a experimentar o objecto .
 131. IMAGEM 77 - Esquema da implantação dos diferentes edifícios do “Pole Pixel” .
 132. IMAGEM 78 - Plantas do STUDIO 24.
 133. IMAGEM 79 - Foto interior do Pole Pixel, sala preparada para teatro. Foto de Gonçalo Raingearde Lopes.
 136. IMAGEM 80 - Imagem exterior fachada sul do projeto “PHARE EN VILLE”, Nantes, França | Render de Gonçalo Raingearde Lopes, 2018.
 139. IMAGEM 81 - Esquismo do projeto.
 140. IMAGEM 82 - “Frame” retirado do filme “LOLA” de Jacques Demy, nesta imagem podemos ver o carácter industrial da ilha de Nantes que era evidenciado nos filmes.
 141. IMAGEM 83 - Realizador de cinema, Jacques Demy.
 143. IMAGEM 84 | 85 - Um barco a ser lançado numa das rampas da ilha de Nantes, fotografia da década de 60. Fonte site de “Ouest France”. | Esquismo explicativo da forma do edifício, representa uma “rampa invertida”.
 145. IMAGEM 86 - Foto aérea da zona de implantação.
 146. IMAGEM 87 - Esquema Ilha de Nantes, explicação da escolha da zona de implantação, quanto a zona de formação.
 147. IMAGEM 88 - Esquema Ilha de Nantes, explicação da escolha da zona de implantação, quanto a zonas de criação e exposição.
 149. IMAGEM 89 - Foto montagens explicativa do projeto de estudo do atelier “uapS”.
 150. IMAGEM 90 - Esquema de implantação.
 151. IMAGEM 91 - Esquismo de esquema programático.
 152. IMAGEM 92 - Render exterior da fachada norte do projeto “PHARE EN VILLE”, Nantes, França | Render de Gonçalo Raingearde Lopes, 2018.
 154. IMAGEM 93 - Esquema de solução do design.
 155. IMAGEM 94 - Disposição do programa.
 156. IMAGEM 95 - Esquema das diferentes ritmos na fachada.
 157. IMAGEM 96 - Render do projeto “Phare en ville”, fachada sul.

158. IMAGEM 97 | 98 - Axonometrias para reforçar a importância da iluminação e ventilação natural dentro do edifício .
160. IMAGEM 99 - Desenho de fachada do Centro Pompidou. Fonte: site de Roger Stirk Harbour + Partners.
161. IMAGEM 100 - Fachada sul.
162. IMAGEM 101 - Planta de implantação
165. IMAGEM 102 - Corte em perspectiva .
166. IMAGEM 103 | 104 | 105 | 106 - Plantas.
166. IMAGEM 107 | 108 | 109 | 110 - Plantas.
171. IMAGEM 111 - Render exterior do projeto “PHARE EN VILLE”, Nantes, França | Render de Gonçalo Raingeard Lopes, 2018.
173. IMAGEM 112 - Durante as apresentações, fizemos algumas experiências, em que se baseavam em colocar o nosso edifício em poster’s de cinema, a meu ver este foi o que resultou melhor. Poster de um futuro filme da saga “starwars”, onde o nosso edifício funciona como um objeto cinematográfico, o que vai de encontro a nossa visão futurista “bio-source”, neste caso dois Jedis medem forças na cobertura do nosso projeto.
174. IMAGEM 113 | 114 - Foto-montagens de ilustração de espaço museológico permanente, Jacques Demy.
176. IMAGEM 115 - Foto-montagem de ilustração de espaço museológico temporário.
177. IMAGEM 116 - Render interior, zona central do projeto.
178. IMAGEM 117 | 118 - Render interior do corredor, espaço de trabalho do piso 0 e zona de trabalho do 2o piso, respetivamente.
179. IMAGEM 119 - Render interior da zona e sala de restaurante.
180. IMAGEM 120 | 121 - Render interior do ponto de vista da escadaria.
181. IMAGEM 122 | 123 - Render interior de um quarto de artista e do corredor aéreo que separa zonas de trabalho de espaço do Studio 2, respetivamente .
182. IMAGEM 124 | 125 - Render de uma das portas de acesso a zona de escadas de socorro e interior das mesmas, respetivamente.
183. IMAGEM 126 - Render interior da sala de cinema.
184. IMAGEM 127 - Render interior da sala de cinema.
186. IMAGEM 128 - Render exterior durante o dia do projeto “Phare en ville”, estrutura de grandes dimensões mas ao mesmo tempo leve e transparente. Podemos ver a relação entre a grua “Titan”

e o edifício.

188. IMAGEM 129 - Axonometria e explosão de sistema construtivo trama mínima de 2,5m x 2,5m x 3,2m. Estrutura composta por pilares e vigas de uma secção de 30cm x 30cm, elementos conectores em aço.
189. IMAGEM 130 | 131 - Axonometria geral e axonometria da estrutura, respetivamente.
190. IMAGEM 132 - Tabela de quantidades de material “bio-source”.
191. IMAGEM 133 | 134 - Esquema de sistema construtivo das paredes interiores e das lajes entre pisos, respetivamente.
192. IMAGEM 135 - Esquema de sistema construtivo das fachadas.
193. IMAGEM 136 - Esquema de sistema construtivo das paredes interiores da sala de cinema.
194. IMAGEM 138 | 139 - Fachada norte e sul, respetivamente.
196. IMAGEM 140 | 141 - Fachada este e oeste, respetivamente.
197. IMAGEM 142 - Corte longitudinal, AA’.
198. IMAGEM 143 - Estúdio de filmagem 1.
199. IMAGEM 144 - Estúdio de filmagem 2 ou espaço museu temporário.
200. IMAGEM 145 - Sala de cinema.
201. IMAGEM 146 - Axonometria de elementos metálicos de apoio aos estúdios de filmagem agregados a estrutura de madeira.
202. IMAGEM 147 - Painel A0 submetido ao concurso IMPACT, resultados saem em Novembro.
206. IMAGEM 148 - La Pommeraye, zona de estudo do projeto curto do 1 semestre | 53km de distância de Nantes | Foto de Gonçalo Raingeard Lopes, 2018.
211. IMAGEM 149 | 150 - Fundação Cartier, Jean Nouvel. Foto de Atlier Jean Nouvel | Escola de arquitetura Bélgica. Foto de Tim Van de Velde.

